



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARIA DA GRAÇA SIMÃO GONÇALVESI

**A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ COMO  
INSTRUMENTO DE AÇÃO CULTURAL:  
ATIVIDADES CULTURAIS E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

---

Londrina  
2011

MARIA DA GRAÇA SIMÃO GONÇALVES

**A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ COMO  
INSTRUMENTO DE AÇÃO CULTURAL:  
ATIVIDADES CULTURAIS E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação – Mestrado Profissional, da Universidade Estadual de Londrina, ofertado em convênio com a Escola de Governo do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Gestão e Organização do Conhecimento.

Linha de pesquisa: Compartilhamento da Informação e do Conhecimento.

Orientador: Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

Londrina  
2011

## Dados internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

Gonçalves, Maria da Graça Simão.

A Biblioteca Pública do Paraná como instrumento de ação cultural: atividades culturais e mediação da informação / Maria da Graça Simão Gonçalves – 2011. 160 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Londrina. Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação – Londrina, PR, 2011.– Bibliografia: p. 150-154.

1. 1. Biblioteca Pública do Paraná. 2. Bibliotecas públicas. Atividades culturais. 3. Bibliotecas e comunidade – Curitiba. I. Almeida Júnior, Oswaldo Francisco de. II. Universidade Estadual de Londrina. III. Título.

CDD 027.581621

MARIA DA GRAÇA SIMÃO GONÇALVES

**A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ COMO INSTRUMENTO DE  
AÇÃO CULTURAL:  
ATIVIDADES CULTURAIS E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (MP), da Universidade Estadual de Londrina, em convênio com a Escola de Governo do Paraná, para a obtenção do título de Mestre em Gestão da Informação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior  
UEL – Londrina – PR

---

Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida  
UNESP

---

Profa. Dra. Sueli Bortolin  
UEL – Londrina – PR

Londrina, 06 de dezembro de 2011

2009  
Acorda, Alice!  
E tudo (re)começa.  
*Alice enfim desperta, retornando de uma longa viagem  
ao país do faz de conta...*

*Aos meus filhos Isabella e Pedro Henrique,  
forças regeneradoras, razões do meu aqui estar.  
Dedico-lhes este trabalho, pelo amor que por vocês eu sinto.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que passaram pela minha vida, deixando algo de si e levando um tanto de mim, contribuindo para a construção de quem hoje sou.

Sou grata a todas as dificuldades que enfrentei, pois se não fosse por elas, eu não teria saído do lugar.

Obrigada, meu Deus, o que seria de mim sem a fé que me sustenta...

A meu pai Felipe Aristides Simão, pelo seu legado de dignidade, caráter e honradez.

À minha mãe Leana, força geradora, presença mais certa nas horas incertas.

Aos meus filhos Isabella e Pedro Henrique, pelo apoio nos momentos de desânimo, pelo aconchego nos momentos de inquietude e pela inspiração nos momentos de decisão.

À minha família e aos meus amigos que, com carinho e compreensão, me ajudaram a virar a página e a escrever um novo capítulo.

Ao meu orientador Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, pelas contribuições teóricas que conduziram ao amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos, pela orientação precisa na elaboração deste trabalho, por entender meus períodos de recolhimento e, sobretudo, por respeitar os meus limites.

Aos membros da Comissão Examinadora: Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida, Profa Dra Sueli Bortolin e Profa Dra Terezinha Batista de Souza, pela leitura criteriosa do texto e por todas as recomendações e considerações oferecidas.

À coordenadora do Curso de Mestrado Profissional em Gestão da Informação do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, Profa Dra Brígida Maria Nogueira Cervantes, pelas boas palavras de incentivo, exemplo de razão e sensibilidade.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação - Mestrado Profissional da Universidade Estadual de Londrina, por partilharem generosamente seus saberes, fomentarem discussões e reflexões,

possibilitarem a expansão de competências e habilidades na gestão do conhecimento e da informação, ampliando nossas perspectivas profissionais nos novos cenários e espaços da sociedade do conhecimento.

Aos alunos do MPGI, unidos pelo aprendizado, pela convivência e pelos mesmos ideais do bem servir público.

À Escola de Governo do Estado do Paraná, por proporcionar a qualificação profissional e a valorização do servidor público.

À Roza de Oliveira, pela disponibilidade e pelo interesse que demonstrou em relação à minha pesquisa. Pela amiga que sempre foi e que é, presença constante com seu sorriso e com sua poesia, não saberia agradecer senão oferecendo-lhe essas linhas.

Aos participantes da Oficina Permanente de Poesia, que me presentearam com pérolas poéticas, amizade e emoção.

A Jorge de Souza, minha saudade, respeito e profunda admiração.

A Jorginho, que não deixará o sonho morrer e nem as luzes do cinema se apagarem.

Aos cinéfilos do Cine Clube Anníbal Requião/Cineclube Jorge de Souza que, entre seriados e faroestes, encontram aquilo a que chamam felicidade.

A Renato Augusto Carneiro Júnior, pelo apoio irrestrito e incondicional.

À Francielle (e Laura) Amaral da Silva, Gabriela Domingues e Katleen Gonçalves, pela eficiência e colaboração.

À Renata Pesch-Ducat Massolin e Mara Rejane Vicente Teixeira, pela atenção e solicitude.

À Biblioteca Pública do Paraná, legítimo instrumento de ação cultural, minha segunda casa durante 28 anos, as minhas vivências, experiências e descobertas.

*“O ciclo infinito de idéias e ações,  
Infinita invenção, experimento sem fim,  
Traz o conhecimento do movimento,  
Mas não da imobilidade;  
O conhecimento da linguagem,  
Mas não do silêncio”*

*“Onde está a vida que perdemos vivendo?  
Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?  
Onde está o conhecimento que perdemos na informação?”*

*T.S.Eliot  
(A Rocha, 1934)*

GONÇALVES, Maria da Graça Simão. **A Biblioteca Pública do Paraná como instrumento de ação cultural:** atividades culturais e mediação da informação. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Universidade Estadual de Londrina; Escola de Governo do Paraná, Londrina, 2011.

## RESUMO

Pesquisa descritiva fundamentada em um estudo de caso sobre ação cultural e mediação da informação em um espaço informacional público, focando nas interações que se estabelecem entre o usuário e as atividades culturais mediadas desenvolvidas na Biblioteca Pública do Paraná. Registra, a partir de revisão de literatura, as concepções e os papéis que as bibliotecas públicas têm desempenhado ao longo do tempo, demonstrando que estas instituições refletem as sociedades nas quais estão inseridas, sendo, ao mesmo tempo, agentes e produtos das relações sociais que nelas se estabelecem. Relata e analisa duas experiências de atividades culturais – a Oficina Permanente de Poesia e o Cine Clube Anníbal Requião/Jorge de Souza que, sob o prisma da mediação da informação, dinamizam e transformam a Biblioteca Pública do Paraná em um efetivo instrumento de ação cultural.

**Palavras-chave:** Biblioteca pública. Ação cultural. Mediação da informação.

GONÇALVES, Maria da Graça Simão. **The Public Library of Paraná as a tool for cultural action:** cultural activities and information mediation. 2011. 160 f. Master degree in (Mestrado Profissional em Gestão da Informação) – Universidade Estadual de Londrina; Escola de Governo do Paraná, Londrina, 2011.

### **ABSTRACT**

Case-based study descriptive research, focusing cultural action and information mediation on a public informational space, on interactions between users and mediated cultural activities developed at the Public Library of Paraná. It registers, starting from a literature review, conceptions and roles that public libraries have played over time, showing that such institutions reflect the societies in which they are placed, being, at the same time, agents and results of social relationships established by those societies. It reports and analyses two cultural activities experiments: the ongoing poetry workshop; and the cinema discussion group Annibal Requião/Jorge de Souza, both of which, under the information mediation concept guidance, bring about movement and transformation to the Public Library of Paraná, turning it into an effective tool for cultural action.

**Keywords:** Public library. Cultural action. Information mediation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Fachada da Biblioteca Pública do Paraná 1 .....	55
<b>Figura 2</b> – Fachada da Biblioteca Pública do Paraná 2.....	58
<b>Figura 3</b> – Entrada Biblioteca Pública do Paraná .....	62
<b>Figura 4</b> – Reunião semanal do Cineclubes Jorge de Souza na atual sede Jorginho é o 1º à esquerda, sentado. Outubro de 2011 .....	86
<b>Figura 5</b> – Reunião mensal do Cine Clube Anníbal Requião na antiga sede Jorge de Souza é o 1º à esquerda e Jorginho é o 1º à direita .....	87
<b>Figura 6</b> – Reunião mensal do Cine Clube Anníbal Requião na antiga sede Março de 1984. Jorge de Souza é o 3º à esquerda, em pé .....	88
<b>Figura 7</b> – Jorge de Souza em julho de 1988 .....	89
<b>Figura 8</b> – Associados do Cine Clube Anníbal Requião. Setembro de 1985.....	90
<b>Figura 9</b> – Associados do Cineclubes Jorge de Souza. Outubro de 2011 .....	91
<b>Figura 10</b> – Palestra e exibição de filme no Auditório da Biblioteca Pública do Paraná. Setembro de 1985.....	92
<b>Figura 11</b> – Palestra e exibição de filme no Auditório da Biblioteca Pública do Paraná. Novembro de 1986.....	93
<b>Figura 12</b> – Roza de Oliveira e Júlio Enrique Gómez. Setembro 2010 .....	94
<b>Figura 13</b> – Participantes da Oficina Permanente de Poesia em diferentes momentos e atividades na Biblioteca Pública do Paraná .....	97
<b>Figura 14</b> – Momento poético com Dr. Maurício Friedrich e pacientes oncológicos no Hospital Erasto Gaertner de Curitiba Agosto de 2011 .....	98
<b>Figura 15</b> – Oficina Permanente de Poesia na Biblioteca Pública do Paraná - Outubro de 2011.....	99
<b>Figura 16</b> – Declamações de poemas na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná.....	100
<b>Figura 17</b> – Aulas teóricas na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná .....	101
<b>Figura 18</b> – Participantes da Oficina Permanente de Poesia reunidos em frente à Biblioteca Pública do Paraná. Roza de Oliveira é a 3ª à direita.....	103

<b>Figura 19</b> – Aula teórica na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná. Outubro de 2011 .....	108
<b>Figura 20</b> – Leitura de poema na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná. Outubro de 2011 .....	110
<b>Figura 21</b> – Aula teórica com Lygia Lopes dos Santos na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná. Outubro de 2011 .....	113
<b>Figura 22</b> – Trova apresentada na aula Poesia e Imagem na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná Outubro de 2011.....	114
<b>Figura 23</b> – Participantes ouvem poemas na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná Outubro de 2011 .....	116

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPP	Biblioteca Pública do Paraná
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
INL	Instituto Nacional do Livro
SNBB	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 PROBLEMATIZAÇÃO</b> .....	17
<b>3 JUSTIFICATIVA</b> .....	20
<b>4 OBJETIVOS</b> .....	21
4.1 OBJETIVO GERAL.....	21
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	21
<b>5 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	22
5.1 BIBLIOTECA PÚBLICA.....	22
5.1.1 Conceituação .....	22
5.1.2 Histórico .....	29
5.2 AÇÃO CULTURAL .....	35
5.3 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	44
<b>6 CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	50
6.1 BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.....	50
6.1.1 Histórico .....	50
6.1.2 Atividades Culturais.....	62
6.1.2.1 Cine clube Anníbal Requião/ Jorge de Souza .....	64
6.1.2.2 Oficina permanente de poesia.....	70
<b>7 METODOLOGIA</b> .....	76
7.1 CENÁRIO DA PESQUISA .....	83
7.2 SUJEITOS DA PESQUISA .....	83
<b>8 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS</b> .....	85
8.1 RELATÓRIO DAS ENTREVISTAS.....	85
8.1.1 Cineclubes Jorge de Souza .....	86

8.1.2 Oficina Permanente de Poesia.....	93
8.2 RELATÓRIO DAS OBSERVAÇÕES.....	103
8.2.1 Cineclubes Jorge de Souza .....	104
8.2.2 Oficina Permanente de Poesia.....	107
<b>9 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....</b>	<b>118</b>
<b>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>150</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>155</b>
<b>APÊNDICE A – Tópicos das Entrevistas .....</b>	<b>156</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro da Observação Participante.....</b>	<b>157</b>
<b>APÊNDICE C – Tópicos dos Depoimentos .....</b>	<b>158</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXO A – Organograma.....</b>	<b>160</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A tradicional função das bibliotecas há muito vem sendo questionada. A prática usualmente utilizada no planejamento, administração, gestão e difusão da informação pode ser vista como uma barreira que impede o usuário da biblioteca de percebê-la de novas formas. As bibliotecas refletem as sociedades nas quais estão inseridas, sendo, ao mesmo tempo, agentes e produtos das relações sociais que nelas se estabelecem. Verifica-se que a biblioteca, assim como a sociedade como um todo, se envolve em uma nova perspectiva - a da busca da informação e do conhecimento como fator determinante de inclusão social. Tornar a biblioteca um espaço polivalente, onde se pode ler, ouvir, ver e trocar ideias, ampliando as possibilidades de acesso à informação - eis a função básica das atividades de ação cultural na Biblioteca Pública do Paraná.

Dentre os desafios que uma biblioteca pública enfrenta - visto que sua atuação deve vir ao encontro das necessidades informacionais da comunidade - estão a democratização do saber e a implementação de políticas culturais que possibilitem, ampla e gradativamente, a apropriação da informação, a construção do conhecimento e o pleno exercício da cidadania.

Há meio século, a função social da biblioteca pública, como agente mediador da formação do indivíduo, já se encontrava explicitada nas normas da *American Library Association*, que assim determinava:

[...] a biblioteca deve procurar ajudar a população a aumentar seus conhecimentos, a utilizar o tempo livre de maneira que favoreça seu bem-estar pessoal e social, a desenvolver suas atividades criativas e espirituais, a aumentar sua eficácia nas tarefas diárias, a cumprir com suas obrigações políticas e sociais, a atuar melhor na comunidade, a manter o ritmo do progresso em todas as esferas do saber e fazer da educação algo permanente (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 2004).

Visto sob este ângulo, fica evidente o papel desempenhado pelas atividades de ativação cultural em bibliotecas (ativar, no sentido estrito de aumentar a atividade, impulsionar e intensificar) e sua importância na sociedade moderna, posto que suas ações visam oferecer oportunidades diversas e atender aos múltiplos interesses e anseios da população, no que concerne à informação, cultura, educação não-formal e lazer.

Inseridos numa sociedade onde as mudanças de perspectivas e possibilidades e os avanços tecnológicos ocorrem com uma rapidez surpreendente, os programas de difusão informativa e cultural em bibliotecas públicas têm se firmado como um meio de busca e aquisição personalizada de conhecimentos, constituindo-se, inclusive, num instrumento capaz de reduzir as diferenças socioculturais entre os indivíduos.

Segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas:

A biblioteca pública, porta de entrada para o conhecimento, proporciona condições básicas para a aprendizagem permanente, autonomia de decisão e desenvolvimento cultural dos indivíduos e grupos sociais (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 1994, p. 1).

Compartilhando destes princípios, ações governamentais na área da cultura devem: fomentar a inclusão cultural e digital dos cidadãos no mundo informacional; implementar programas de estímulo à leitura; promover encontros com escritores e círculos de discussões; estabelecer com a sociedade uma forte parceria.

Sob esse prisma, a biblioteca se transforma em núcleo de agitação cultural, centro ativo de informação, debates e crítica literária – um canal democrático para o conhecer e o progredir, conduzindo ao fortalecimento da cidadania. Possibilitando o acesso a todas as formas de expressão cultural, assegura aos usuários os meios para evoluir de forma criativa, abrindo caminho para a construção de uma sociedade do saber.

Contudo, é inegável admitir que, num contexto social ainda dominado pela informação impressa, a implantação de promoções culturais em bibliotecas ocasiona uma mudança significativa que envolve sua própria cultura organizacional, permitindo-se, só a partir de uma nova postura, perceber este ambiente como um verdadeiro centro de formação e informação, dentro do vasto universo do conhecimento.

Partindo-se dessa premissa, decidiu-se por investigar como as atividades de difusão cultural, levadas a efeito na Biblioteca Pública do Paraná, entendidas como de mediação da informação e, por conseguinte, objeto também da Ciência da Informação, possibilitam ao usuário a apropriação de informações que

levam à produção de um novo conhecimento, transformando este espaço informacional num verdadeiro instrumento de ação cultural.

Pois, numa visão construtivista, todo conhecimento é construído, individualmente, mas não isoladamente, se efetivando na sua relação com o mundo. A informação, portanto, só se concretiza na relação com o usuário, que se apropria desta informação e a transforma em conhecimento.

Pretendeu-se com este estudo, que relata uma prática de ação cultural no Setor Público, contribuir para a expansão da ideia de ação cultural em bibliotecas, entendida como um meio de ampliar o acesso à informação e ao conhecimento, e como um instrumento de transformação de necessidades informacionais em oportunidades de participação e inclusão social e em novas formas de leitura do mundo.

## 2 PROBLEMATIZAÇÃO

Ao longo do curso da história da humanidade, as bibliotecas vêm passando por diversas transformações tecnológicas, notadamente observadas pelos suportes e recursos informacionais utilizados. Com as mudanças e os impactos sociais dela advindos, a biblioteca adquire uma nova dimensão, passa a fornecer informação em diferentes formatos, permite seu acesso por qualquer pessoa, amplia seu alcance de uma maneira nunca antes vista, configura-se e reinventa-se neste novo ambiente informacional global que se costuma definir como sociedade do conhecimento. Enfim, a biblioteca abre-se para o mundo.

Com o advento de novas tecnologias da informação, as bibliotecas sofreram uma mudança na forma como se relacionam com o meio, mas não na sua atividade principal, qual seja, unir informação e pessoas, organizar coleções e estruturar os dados de forma a permitir o acesso aos documentos por parte dos usuários. Em sua essência, portanto, apesar do contínuo desenvolvimento tecnológico que potencializa a disseminação de informações em escalas inimagináveis, a biblioteca continua sendo a mesma.

Milanesi (2002, p. 12) ressalta que:

[...] o que define a condição de biblioteca é a existência de alguma forma de organização que permita encontrar o que se deseja, mesmo que só o proprietário, ou poucos, tenham êxito nessa busca. Essa idéia de organização está presente tanto nos acervos primitivos quanto nas informações que circulam pelos milhões de computadores em rede.

Entretanto, nenhuma biblioteca pode escapar incólume aos efeitos das transformações tecnológicas. Para Morigi e Souto (2005), o desenvolvimento da tecnologia trouxe transformações para a biblioteca em vários aspectos, na relação com seu público, seus profissionais e seu acervo, havendo a necessidade de uma constante reflexão, revisão e avaliação dos processos que envolvem as atividades e serviços de uma biblioteca, como registrar, recuperar e fornecer informações, implementando novos elementos ou mantendo práticas tradicionais que atendam as necessidades de seus usuários.

Em sua especificidade, uma biblioteca pública caracteriza-se, acima de tudo, por ser um local de informação que disponibiliza prontamente para os

usuários todo tipo de conhecimento. Seus serviços baseiam-se na igualdade de acesso a todos, sem restrição de idade, sexo, raça, religião, nacionalidade, língua, condição física ou *status* social. Dessa forma, cumpre à biblioteca pública aprimorar-se e fornecer os recursos necessários para atender à demanda informacional e necessidades de seus usuários, valendo-se dos benefícios advindos das diferentes mídias e de múltiplas linguagens.

Envolto no fazer diário e na rotina dos serviços prestados no âmbito de uma instituição cultural governamental, há mais de vinte anos atuando na Divisão de Difusão Cultural da Biblioteca Pública do Paraná, indagações e questionamentos começaram a provocar inquietação. Se, como ressalta Almeida Júnior (2004a), a informação só pode ser considerada como tal quando a pessoa que a recebe a entende e se apropria dela, transformando seu conhecimento anterior em um novo conhecimento; se apenas essa pessoa poderá dizer que, ao apropriar-se da informação ela deu causa à transformação de seu conhecimento, de que maneira o profissional que atua na mediação da informação poderá aferir se as atividades culturais, implementadas no âmbito da biblioteca, satisfazem as necessidades informacionais dos usuários e os impulsionam a novas leituras de mundo?

A biblioteca, constituindo-se num espaço informacional alternativo, direcionada a produzir informação e novos conhecimentos, vale-se das ações culturais também como suportes alternativos, que contêm potenciais informações e, pela sua própria natureza, não pode ser excludente. Essa unidade de informação, esse constructo informacional formalizado que é a biblioteca, deve se valer de diferentes mídias, de diversos suportes a fim de que a maioria da população possa, realmente, se apropriar da informação. Dentro de uma biblioteca, como destaca Milanesi (1983, p. 98), o usuário “circulará pelo tempo e pelo espaço, aproximando-se da forma mais completa possível do patrimônio cultural da humanidade”. Além do acesso físico ao suporte informacional, o usuário deve compreender e assimilar seu conteúdo. Pois, acompanhando Flusser (1982) na conceituação do não-público como a parcela da população que, por não possuir ferramentas materiais e intelectuais, fica alijada do uso de um equipamento cultural como o é a biblioteca, esta não deve expulsar o não-usuário de material impresso de seu ambiente. Ao contrário, deve aproximá-lo por intermédio das atividades de ação cultural. O serviço de difusão cultural deve, no âmbito da biblioteca, promover a conjunção da ação e

da mediação, fazendo com que nesse contexto estes processos se realizem e adquiram seu sentido social.

Estas reflexões conduziram a pesquisa a uma abordagem das atividades culturais em biblioteca pública, sob a ótica da mediação, num contexto sociocultural destacado pela diversidade de públicos, onde a responsabilidade social da informação se efetiva.

A partir dessas considerações, elaborou-se a questão norteadora do presente estudo: Em que medida as atividades culturais mediadas, desenvolvidas no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná, possibilitam aos usuários, em sua relação com estas práticas culturais, transformar este espaço informacional num efetivo instrumento de ação cultural?

### 3 JUSTIFICATIVA

Este trabalho teve por foco as interações que se estabelecem entre o usuário e as atividades culturais desenvolvidas pela Divisão de Difusão Cultural da Biblioteca Pública do Paraná, mediadas pelo profissional da informação que planeja, coordena e implementa as ações culturais no âmbito deste espaço informacional.

As ações culturais em bibliotecas não devem se limitar apenas à disponibilização de informações. Para que ocorra a prática cultural, ou seja, a transformação da informação em novos conhecimentos, o profissional da informação deve se preocupar em fornecer ao usuário as ferramentas necessárias para fazê-lo agente transformador de sua realidade social.

Atuando na mediação da informação em atividades culturais na Biblioteca Pública do Paraná, a preocupação em não ser vista apenas como mera animadora cultural sempre esteve presente. A intenção sempre foi, e continua sendo, a de fornecer os meios para que os usuários possam ter autonomia no processo de criação e desenvolvimento de novos conhecimentos. As atividades de ativação cultural devem, enfim, promover a inserção do usuário na própria realidade da transformação.

A partir da compreensão do seu papel e responsabilidade social, o profissional mediador da informação que desenvolve atividades culturais em bibliotecas, particularmente num espaço informacional cultural público, necessita reavaliar constantemente as ações que tenham reflexo na sua prática, corrigindo trajetórias e revendo conceitos.

Em suma, há a expectativa de que este estudo possa fomentar reflexões sobre a prática de atividades culturais em bibliotecas, ao buscar situá-la como uma das inúmeras linguagens que o profissional da informação se utiliza para disseminar informações e promover a individualização do conhecimento.

## 4 OBJETIVOS

### 4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como as atividades culturais, sob o prisma da mediação da informação, dinamizam e transformam a Biblioteca Pública do Paraná num efetivo instrumento de ação cultural.

### 4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar biblioteca pública, ação cultural e mediação da informação;
- Caracterizar a Biblioteca Pública do Paraná como espaço informacional e as atividades culturais nela desenvolvidas;
- Apontar o surgimento das atividades culturais – Cine Clube Anníbal Requião/Jorge de Souza e Oficina Permanente de Poesia, no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná;
- Contribuir para as reflexões acerca da temática da ação cultural em bibliotecas públicas.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico fundamentou-se nos conceitos de biblioteca pública, ação cultural e mediação da informação e na análise do pensamento dos principais teóricos, relacionados com a linha central da pesquisa em questão.

### 5.1 BIBLIOTECA PÚBLICA

#### 5.1.1 Conceituação

Os conceitos de biblioteca são múltiplos, mas, de alguma maneira, estão sempre vinculados à acepção de cultura, entendida como toda manifestação intelectual de uma sociedade.

A biblioteca, portanto, é parte de um todo social maior, e deve ser considerada em relação à sociedade por ela servida e na qual se encontra inserida. A biblioteca pública, como instituição pública, é ao mesmo tempo causa e consequência de sua sociedade. Não é, pois, uma instituição independente e nem atua isoladamente. A biblioteca, como instituição social, influencia e é influenciada pelo ambiente.

Historicamente, as bibliotecas foram evoluindo e se adaptando às novas exigências sociais. Reflexos das comunidades das quais fazem parte, à medida que as sociedades as mudam, também se modificam, cabendo-lhes, inclusive e, sobretudo, o grande poder de provocar mudanças na sociedade.

De acordo com Coelho Neto (1997), uma das primeiras conceituações sobre biblioteca foi formulada por Gabriel Naudé, em 1644, em sua obra *Advis pour dresser une bibliothèque*, considerada relevante para entender a biblioteca pública na forma como se apresenta atualmente, qual seja uma instituição necessariamente pública e universal. Pública, no sentido de aberta a todos; universal, por conter todos os registros escritos sobre a diversidade de assuntos de interesse do ser humano.

Denotando uma posição de vanguarda para a época, para Naudé, mesmo sendo de propriedade privada, uma biblioteca deveria se abrir para o público, deixando de ser apenas um lugar destinado a uma minoria que sabia ler e escrever, permitindo o saber acessível e partilhado.

A partir de meados do século XIX, quando a biblioteca foi institucionalizada, diversas concepções sobre biblioteca pública foram sendo construídas, caracterizando os sucessivos papéis e funções que ela passou a desempenhar devido às exigências sociais e pelos próprios avanços da biblioteconomia.

No entendimento de Müller (1984), entretanto, apesar da evolução da biblioteca, alguns aspectos permanecem: sua dependência a certos fatores existentes no meio social a impedem de determinar quais e como seus serviços serão oferecidos. E, apesar de suas funções básicas continuarem as mesmas (coleta, preservação, organização e difusão do conhecimento ou informação), mudaram os objetivos dos seus serviços e a maneira de desempenhá-los. O que tem mudado e continuará a mudar são as formas de atuação e o uso que é feito de suas atividades.

As bibliotecas assumem um importante papel na sociedade moderna, visto que, ao longo do curso da história, têm ocupado uma parte da organização social que cresceu e diversificou-se para atender às mudanças e necessidades sociais. A sociedade determinou o que foi a biblioteca do passado, o que ela é hoje e, da mesma forma, determinará como será a biblioteca no futuro.

“O papel tradicional da biblioteca pública – tornar a informação e as idéias acessíveis a todos e não apenas a uns quantos privilegiados – tem hoje de ser redefinido de forma a incluir as novas tecnologias” (USHERWOOD, 1999, p. 24).

Por ser considerada uma agência social, o modo como se desenvolve a cultura de uma sociedade afeta diretamente a criação e o crescimento de bibliotecas. A extensão de seu papel varia em decorrência do maior ou menor grau de desenvolvimento da comunidade a ser atingida.

A biblioteca é a única instituição cultural de ação ininterrupta, que acompanha e assiste o indivíduo na busca do conhecimento, em todas as fases de sua vida e qualquer que seja sua condição socioeconômica e cultural. É um meio universal e permanente de autoeducação.

Cada tipo de biblioteca se distingue pelos seus objetivos, funções, acervos e serviços. Existem muitos tipos de bibliotecas, com públicos bem distintos. Os diversos tipos de bibliotecas existentes são classificados conforme as funções por elas desempenhadas, pela especialização dos acervos e dos assuntos a que se dedicam e com o tipo de leitor que atendem e para o qual direcionam seus serviços.

Basicamente, quanto à tipologia, a biblioteca pode ser: nacional, escolar, especializada, especial, infantil, nacional, pública e universitária, dentre tantas outras. Entretanto, há um aspecto comum a todas as bibliotecas: a reunião e organização de coleções de documentos, em diferentes suportes, visando sua posterior divulgação e disponibilização.

O conceito de biblioteca tem sofrido grandes alterações com o decorrer do tempo, principalmente no que concerne às bibliotecas públicas, aqui entendidas como públicas federais, estaduais ou municipais, que têm por objetivo servir à coletividade com acervos gerais, mantidas por recursos públicos, baseadas na igualdade de acesso para todos. A informação e o conhecimento constituem necessidades humanas básicas. Todos os cidadãos, indiscriminadamente, devem ter acesso livre e igual a elas, por intermédio da biblioteca pública, compreendida como uma agência multifacetada de informação-educação-cultura.

Segundo posicionamento expresso no Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas:

Biblioteca Pública é uma demonstração prática da fé da democracia na educação universal, considerada como um processo contínuo ao longo de toda a vida e no reconhecimento de que a natureza do homem se realiza no saber e na cultura. A Biblioteca Pública é o principal meio de proporcionar a todos o livre acesso aos registros dos conhecimentos e das idéias do homem e às expressões de sua imaginação criadora (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 1976, p. 1).

Mais amplo que os demais conceitos de biblioteca, considera-se biblioteca pública toda instituição que preste, ao conjunto da população, serviços públicos e gratuitos de livre acesso à leitura, à informação e aos registros da expressão cultural e intelectual em sua diversidade e pluralidade, atuando como depositária da memória histórica, bibliográfica e documentária local e desenvolvendo atividades de difusão informativa e cultural.

A própria denominação “biblioteca pública” pressupõe uma biblioteca aberta a todas as pessoas, sem qualquer forma de discriminação. Ressalte-se que o papel da biblioteca foi-se alterando com o tempo, passando de uma instituição voltada à educação do cidadão, do alargamento da sua cultura e do seu lazer, para algumas novas funções, ligadas à necessidade de informação para atividades cotidianas de caráter comunitário.

As Diretrizes da IFLA/UNESCO, publicadas em 2003, fazem referência à função social da biblioteca pública, que desempenha um papel importante como espaço público e de encontro, devendo funcionar como motor de desenvolvimento social e pessoal, contribuindo para a criação e manutenção de uma sociedade democrática e bem informada. Para isso, seus serviços devem ser acessíveis a todos e estar livres de qualquer censura. A biblioteca pública deve, por princípio, ser gratuita. É a instituição que agrupa e proporciona o acesso aos registros do conhecimento e das ideias do ser humano por meio de suas expressões criadoras.

Almeida Júnior (2003) considera que, na sua trajetória, a biblioteca pública preocupou-se mais com a preservação do que com a disseminação, priorizando o guardar, o manter e o armazenar. Paralelamente, destaca a existência de quatro grandes funções acumuladas pela biblioteca pública, desde seu surgimento em 1850 até hoje: função educacional, função cultural, função de lazer ou recreacional e função informacional.

É consenso entre muitos autores a percepção de que a biblioteca pública vem desempenhando, primordialmente, uma função educacional, desde sua origem até os dias atuais. Nogueira (1983, p. 208) confirma que as bibliotecas públicas foram implantadas na Inglaterra como instrumento de especialização da mão de obra e de universalização da educação. Almeida Júnior (1997, p. 26-27) salienta que a função educacional ainda continua sendo a principal função da biblioteca pública e que suas atividades são entendidas como suporte, complemento e apoio à educação, sobrando-lhe pouco espaço para desenvolver outros trabalhos além desse âmbito. Observe-se aqui que caberia à biblioteca escolar o atendimento à educação formal, mas, a precariedade desse espaço nas escolas obriga a biblioteca pública, mesmo sem possuir uma proposta pedagógica clara, a assumir essa função. Para nortear sua função educacional com foco na educação informal, a biblioteca pública deve prover a educação continuada, sua real missão, apoiando os interesses da comunidade, dando suporte à atividade intelectual independente, à liberdade de expressão e promovendo oportunidades de aprendizagem.

A função cultural surgiu no início do século XX agregada à própria função educacional. Numa visão parcial, desde a inclusão da cultura entre as funções exercidas pela biblioteca pública, a mesma sempre foi entendida como sinônimo de erudição. A partir do momento em que a biblioteca vincula cultura à

erudição, “determina sua função cultural como um mero repasse de conhecimentos, atribuindo, inclusive, a determinadas formas de expressão, um caráter superior, identificando-as como as únicas formas adequadas que devem ser transmitidas para seus usuários” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 51). Para desenvolver sua função cultural, a biblioteca deve apoiar todas as formas representativas de arte e manifestações de cultura, dar suporte às experiências artísticas e orientar na compreensão das relações interculturais e na apreciação das artes pelos diversos pontos de vista da cultura.

A função de lazer ou recreacional entende a biblioteca pública como o espaço apto a oferecer entretenimento às pessoas, por meio da leitura, promovendo-a e incentivando o empréstimo de livros, o uso do tempo livre e as atividades de lazer. É a função mais conhecida da biblioteca pública, ao lado do atendimento a alunos.

A função informacional foi acrescida às outras funções no final dos anos 60, início dos anos 70 do século XX. É uma nova função da biblioteca pública que surge com os Centros Referenciais existentes nos Estados Unidos e na Inglaterra, com o objetivo de fornecer informações utilitárias para a população, transformando sua relação com a comunidade. A função informativa é o papel que a biblioteca desempenha ao comunicar ideias, transmitir confiança e capacidade de julgamento no manuseio da informação, que deve ser utilizada como fonte de rápido acesso, recuperação e transferência de informação, existindo a relação entre o conhecimento e a necessidade humana.

No Brasil, a biblioteca pública foi criada por iniciativa não-governamental; reflete, no entanto, a cada novo período histórico, as tendências políticas marcantes da época.

Para a Fundação Biblioteca Nacional o que melhor caracteriza a biblioteca pública é ser ela:

[...] plenamente aberta a toda a população local; é ser comum a todos; é destinar-se não a determinada comunidade (como é a biblioteca escolar, a universitária, a especial, a especializada e a infantil), mas a toda a coletividade. Ela deve ter todos os gêneros de obras que sejam do interesse da coletividade a que pertence. É nela, também, que se deve encontrar, além da literatura em geral, as informações básicas sobre a organização do governo e sobre serviços públicos em geral, tais como produtividade, saúde pública, fontes de emprego etc.

Além disso, uma biblioteca pública, por extensão, deve constituir-se em um ambiente realmente público, de convivência agradável, onde as pessoas possam se encontrar, conversar, trocar idéias, discutir problemas, saciar curiosidades, auto-instruir-se, criar, ter contato direto com escritores, organizar teatro e outras atividades culturais e de lazer (BIBLIOTECA..., 1995, p. 16).

Durante o *PGI Council Meeting* da UNESCO, ocorrido em Paris em 29 de novembro de 1994, o Conselho aceitou e aprovou o Manifesto da Biblioteca Pública preparado sob os auspícios da Seção de Bibliotecas da IFLA. Este Manifesto proclama a crença na biblioteca pública como força viva para a educação, cultura e informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual da humanidade. Em decorrência, a UNESCO buscou estimular governos nacionais e locais a apoiar e comprometer-se ativamente no desenvolvimento das bibliotecas públicas (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 1994).

A partir do entendimento de que a liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais, que só podem ser alcançados por meio de cidadãos capacitados e bem informados, com papel ativo na sociedade para exercer seus direitos democráticos, delineou-se o que se entende por ideário da biblioteca pública.

As bibliotecas, desde a Grécia Antiga, sempre foram consideradas centros de informação. A biblioteca pública, centro local de informação, busca disponibilizar prontamente para os usuários todo tipo de conhecimento, devendo ser efetivamente organizada e respeitar padrões profissionais de operação. Como núcleo informacional, dispõe as informações para o público. Em consonância com esse pressuposto, serviços e materiais específicos devem ser fornecidos para usuários que porventura estejam inaptos, impossibilitados ou incapacitados, por alguma razão, a usar os serviços e materiais regulares, ou seja, por minorias linguísticas, pessoas com necessidades especiais ou que se encontrem confinados em hospitais ou prisões. Isto implica também na extensão dos serviços da biblioteca para fora de seu espaço físico, incluindo serviços adaptados às diferentes necessidades das comunidades em áreas rurais e urbanas.

Como os serviços devem ser fisicamente acessíveis a todos os membros da comunidade, o prédio da biblioteca tem que estar bem localizado, com instalações adequadas para leitura, estudo e atividades culturais, assim como

precisa dispor de recursos tecnológicos e horário de funcionamento conveniente aos usuários.

Todas as faixas etárias devem encontrar na biblioteca pública material adequado às suas necessidades informacionais. Seu acervo deve refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, não podendo ser objeto de nenhuma forma de censura ideológica, política ou religiosa, tampouco de pressões comerciais; as coleções e os serviços precisam incluir suportes e recursos tecnológicos modernos, bem como materiais convencionais.

A biblioteca pública tem missões básicas a cumprir, todas relacionadas à informação, alfabetização, educação e cultura, que devem estar na essência dos serviços por ela prestados à população. Dentre estas missões, pode-se elencar:

- a) O fortalecimento e a criação de hábitos de leitura nas crianças desde a mais tenra idade;
- b) O apoio à educação individual e autodidata e à educação formal em todos os níveis;
- c) As oportunidades para o desenvolvimento criativo pessoal e o estímulo à imaginação e criatividade de crianças, jovens e adultos;
- d) A promoção e o acesso ao conhecimento da herança cultural, às realizações e inovações científicas e às expressões culturais das artes;
- e) O fomento ao diálogo intercultural e a diversidade cultural;
- f) O respeito à tradição oral;
- g) O acesso a todo tipo de informação comunitária, incluindo serviços de informação adequados a empresas locais, associações e grupos de interesse;
- h) O desenvolvimento da informação e da habilidade no uso do computador e o apoio e a implantação de atividades e programas de alfabetização para todas as idades.

A biblioteca pública é de responsabilidade das autoridades locais e nacionais, devendo ser apoiada por uma legislação específica e subvencionada pelo governo nacional e local. Por isso, é imprescindível a formulação de uma política clara definindo objetivos, prioridades e serviços relacionados com as necessidades da comunidade local.

O bibliotecário e os profissionais da informação são os mediadores entre os usuários, os recursos e a informação, e a eles cabe gerenciar programas de extensão e educação do usuário, visando ajudá-lo e incentivá-lo a beneficiar-se de todos os recursos disponíveis na biblioteca pública, que funciona como um elo entre a necessidade de informação do usuário e o recurso informacional que nela se encontra disponível e organizado.

As bibliotecas têm de ser entendidas como agentes ativos, e não passivos, no processo de apropriação do conhecimento, pois hoje, mais do que nunca, a capacidade de obter informação e gerar conhecimento é fator fundamental na sociedade contemporânea.

Numa visão holística, a biblioteca pública tem que ser entendida não como um fim, mas como um meio, dinâmico e aberto à ressonância social e cultural da comunidade. Para que possa atuar efetivamente como uma instituição prestadora de serviços à sociedade, precisa utilizar-se cada vez mais de metodologias adequadas para detectar e diagnosticar as reais aspirações e necessidades de informação da comunidade por ela atendida, resgatando, dessa forma, seu papel básico, qual seja, prestação de serviços à coletividade no âmbito do interesse geral, assumindo de vez sua posição de agente e instrumento de mudanças sociais.

### 5.1.2 Histórico

As bibliotecas são entes ambivalentes, sujeitos e objetos da história e, ao mesmo tempo, agentes e produtos das sociedades nas quais se inserem.

Milanesi (1983, p. 16) aponta que “a história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um contexto mais amplo: a própria história do homem”.

Quando o Brasil foi descoberto, já as bibliotecas do mundo haviam alcançado períodos de esplendor. Embora o Brasil seja um produto do Renascimento, as bibliotecas brasileiras não conheceram o apogeu do humanismo

renascentista. Pode-se afirmar que as primeiras bibliotecas brasileiras começaram com os colégios da Companhia de Jesus.

No século XVI, várias bibliotecas europeias se estabeleceram, destacando-se a Biblioteca da Universidade de Coimbra (1536), a de Lourenço de Médicis (1571), cujo edifício foi projetado por Michelangelo, a do Palácio Escorial (1584) e a Biblioteca Nacional de Paris (1595).

As grandes bibliotecas nacionais da Europa datam dos séculos XVII e XVIII, sendo que as primeiras bibliotecas circulantes e de subscrição apareceram no século XVIII, tanto na Europa como nos Estados Unidos. Em 1731, Benjamin Franklin organizou a *Library Company of Philadelphia* e, em 1740, um livreiro organizou a primeira biblioteca circulante em Londres. Esses tipos de bibliotecas demoraram muito a chegar ao Brasil.

O surgimento da biblioteca pública é abordado por diversos autores que contextualizam seu aparecimento como um produto das Revoluções Industrial e Francesa, decorrente das reivindicações populares por um maior acesso à educação. Cronologicamente, muitos deles determinam o ano de 1850 como a data aproximada de surgimento da biblioteca pública, nos moldes como se conhece hoje, uma instituição de livre acesso a toda população, subvencionada integralmente pelo Estado. Entretanto, alguns textos apontam a implantação de uma biblioteca com caráter público, embora não mantida pelo Estado, na Bahia, em data anterior à mencionada, com uma clara preocupação quanto a sua função de apoio ao ensino.

A tradição das Capitanias impôs o modelo de biblioteca estadual que aqui começou a surgir no século XIX, primeiro na Bahia (1811) e depois em Sergipe (1851), seguindo-se Pernambuco (1852), Espírito Santo (1855), Paraná (1857), Paraíba (1858), Alagoas (1865), Ceará (1867), Amazonas e Rio Grande do Sul (1871).

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é reconhecida como um dos frutos da transferência da família real portuguesa para o Brasil, durante a invasão napoleônica. Porém, a primeira biblioteca brasileira realmente organizada segundo um plano preestabelecido foi fundada na Bahia.

De acordo com Fonseca:

A Bahia foi certamente, além de pioneira, a mais importante. Diríamos até que a inauguração da Biblioteca Pública da Bahia, no dia 4 de agosto de 1811, foi um acontecimento mais significativo do que a própria fundação, um ano antes, da Biblioteca Nacional (1979, p. 22).

Criada na Inglaterra como consequência da Revolução Industrial, do final do século XIX até a época atual, a biblioteca pública passou por profundas mudanças conceituais. Os fatores que determinaram a origem e o desenvolvimento da biblioteca pública nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil, no século XIX, remetem à discussão sobre os objetivos e funções desta instituição.

Com a Revolução Industrial surgiram as bibliotecas públicas, com funções específicas e com a intenção de atender a toda sociedade. Seu objetivo primordial era o atendimento à classe trabalhadora, com a função de aperfeiçoamento educacional. Percebe-se, numa abordagem histórica, que o aparecimento das bibliotecas públicas foi estimulado por objetivos bem definidos, que representaram uma mudança radical em relação aos objetivos tradicionais das bibliotecas eruditas (MÜELLER, 1984).

Corroborando Almeida Júnior (1997, p. 20) que seu objetivo primeiro foi educacional: “pretendia-se com uma biblioteca aberta a toda comunidade, atender, no caso dos E.U.A., às constantes reivindicações da população americana por igualdade de direitos e acesso aos bens públicos, entre os quais destacava-se a educação”.

Indo além nessa reflexão, o autor acrescenta que:

A biblioteca pública nasce em meados do século XIX, com base na necessidade de mão-de-obra especializada e da exigência da sociedade por acesso à educação pública. Na verdade, esse tipo de biblioteca não é uma reivindicação específica da sociedade, mas encontra-se no bojo de uma reivindicação maior, ou seja, como dissemos, o acesso da população ao ensino público. Apesar disso, ela surge nos E.U.A e Inglaterra com duas características básicas: totalmente financiada pelo Estado e com seu público potencial abrangendo toda a sociedade (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 51).

Partilha dessa opinião Nogueira (1983), ao defender que tanto a Revolução Industrial, gerando a necessidade de mão de obra qualificada, como a Revolução Francesa, pressionando pela democratização da educação, agiram concomitantemente como causas para o surgimento da biblioteca pública.

Para Wada (1985), no entanto, numa visão bastante particular sobre esse assunto, a biblioteca pública surgiu em decorrência de uma atitude meramente filantrópica.

Os homens da classe dominante viam nas bibliotecas uma forma de atenuar os problemas sociais. Assim, foram impostas ao povo, sem terem sido resultantes de uma demanda popular. O desenvolvimento industrial demandava uma mão-de-obra especializada e a Biblioteca Pública surgiu como meio de aperfeiçoamento dos trabalhadores que já estavam fora do ensino formal (WADA, 1985, p. 16).

Cotejando vários autores, muitos com concepções opostas a essa, outros em certa medida corroborando com ela, pode-se afirmar que as bibliotecas públicas, frutos do capitalismo crescente e do desenvolvimento industrial, surgiram tanto devido à necessidade de formação de mão de obra especializada como pelas próprias demandas e reivindicações provenientes da população e da sociedade da época, sendo uma mescla de todas essas causas e de outras mais, posto que a história é composta de elementos mutáveis e em constante evolução e a biblioteca pública é parte dessa dinâmica social.

Durante o século XIX as bibliotecas públicas foram vistas como parte do processo pelo qual o conhecimento e a informação podiam ser redistribuídos em prol dos desfavorecidos em termos educacionais. A biblioteca pública era considerada um meio capaz de difundir a educação, tratando a todos igualmente e colocando os recursos da nação ao alcance de todos, independentemente de capacidades individuais.

Enfatizando esse aspecto, Müller (1984, p. 9) coloca apropriadamente que:

Os serviços aos usuários oferecidos por bibliotecas começaram a ser organizados de maneira sistemática a partir da emergência das bibliotecas públicas (séc. XIX), elas próprias resultantes das transformações sociais que ocorreram com o desenvolvimento da indústria e a crescente urbanização dos séculos XVIII e XIX. A perspectiva através da qual as primeiras bibliotecas públicas foram vistas mostra claramente a natureza da expectativa de seus patrocinadores. Esperava-se que as bibliotecas contribuíssem de maneira significativa para a ordem social e o progresso nacional, e, especialmente nos Estados Unidos, para a manutenção da democracia.

Ao longo do tempo, a biblioteca pública foi sendo identificada como centro popular, voltada para o favorecimento de classes marginalizadas e promotora do desenvolvimento cultural dos indivíduos. Não há dúvida que as bibliotecas públicas representam espaços de construção do conhecimento e se estruturam com políticas e diretrizes voltadas para a democratização da informação e o apoio ao desenvolvimento educacional dos indivíduos e das sociedades. No Brasil, todavia, o Estado permaneceu apartado das questões sobre bibliotecas públicas durante várias décadas.

A biblioteca pública foi criada no Brasil nos moldes das bibliotecas públicas norte-americanas e inglesas, beneficiando determinadas classes sociais e sempre por intermédio de iniciativa governamental. Como esse tipo de biblioteca não atendia a demanda do cidadão comum, o desenvolvimento dessa instituição cultural sofreu um atraso, decorrente da ausência de leitores devido ao alto grau de analfabetismo do país e da carência de uma política educacional que desse conta dessa realidade. Todavia, quase todas as bibliotecas públicas estaduais brasileiras foram criadas ainda no século XIX.

Do século XIX até os dias atuais ocorreram mudanças funcionais significativas nas bibliotecas públicas brasileiras. Foi a partir de 1930 que elas começaram a se desenvolver rapidamente. Uma análise da atuação do Estado brasileiro junto ao setor de bibliotecas públicas constata que, um grande marco de expansão nesta área foi a criação, pelo Decreto-lei n. 93, de 21 de dezembro de 1937, do Instituto Nacional do Livro - INL, organismo governamental responsável pela promoção do livro, pela concepção e pela coordenação das políticas de bibliotecas públicas implantadas no Brasil, entre 1937 e 1989. Considera-se esta criação parte do plano de medidas autoritárias do período do Estado Novo (1937/45), pelo qual se consolida a presença do Estado no campo cultural.

Suaiden (1995, p. 31) aponta que não foi suficiente todo o esforço do INL dedicado ao desenvolvimento das bibliotecas públicas. Entre outros fatores do insucesso, destaca: a falta de colaboração e de planejamento integrado entre as bibliotecas, o que impedia um melhor rendimento; a carência de recursos humanos e financeiros e, fundamentalmente, a falta de conscientização dos governantes municipais quanto à importância da biblioteca para o desenvolvimento sociocultural da comunidade.

Em 1976 o INL, que viria a ser extinto em 1990, começa a estruturar o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBB), visando angariar subsídios para a prestação de assistência técnica às bibliotecas públicas estaduais. Em 13 de maio de 1992 o SNBB foi oficialmente instituído pelo Decreto Presidencial n. 520, ficando sua coordenação a cargo da Fundação Biblioteca Nacional, com a função básica de apoiar o desenvolvimento das bibliotecas públicas brasileiras, mediante ações conjuntas com os Sistemas Estaduais de Bibliotecas Públicas.

Em matéria de bibliotecas públicas, sem dúvida, os maiores acontecimentos foram as publicações pela UNESCO das três versões do Manifesto da Biblioteca Pública, nos anos de 1949, 1972 e 1994, enfocando as funções e missões dessa instituição cultural como centro de educação popular, cultura, lazer e informação, enfatizando, por último, seu compromisso com a democratização do acesso às novas tecnologias de informação. Complementarmente, a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários – FEBAB publicou sua Declaração de Princípios da Biblioteca Pública Brasileira, sugerindo que a biblioteca atuasse também como centro de memória social e centro de disseminação da propriedade cultural da comunidade (BIBLIOTECA..., 2000, p. 19-20).

Hoje, no Brasil, o apoio à educação é ainda uma das prioridades da ação da biblioteca pública, não somente em relação à educação formal, mas, principalmente, no processo de educação continuada.

De instituição ligada à preservação e organização de documentos, firmada como a memória coletiva das experiências existenciais, científicas e culturais das sociedades antigas e medievais, a biblioteca passou a exercer, devido ao acelerado aumento da produção cultural, a função de organizar e disseminar os registros gráficos, visuais e sonoros, utilizando o livro como instrumento de cultura ao lado de outros suportes de informação.

A biblioteca como instituição democrática presta serviços ao público em geral, independentemente das condições sociais, culturais e educacionais. Como cada segmento social tem expectativas diferenciadas com relação à biblioteca pública, isso acaba gerando uma dificuldade com relação ao seu potencial de centro disseminador da informação. Uma crítica pertinente é apresentada por Nogueira (1983, p. 206) com relação às particularidades da prática das bibliotecas públicas brasileiras: “Cada sociedade tem suas particularidades [...]. A criação de bibliotecas,

como imposição, [...], leva a sociedade a considerá-las como um corpo estranho e, como tal, rejeitá-las". E mais:

[...] que a criação dessa categoria de organismo cultural implica condições estruturais favoráveis para que se atinja um funcionamento eficiente, e que a sua forma e conteúdo não cobrem a sociedade como um todo, e sim atendem a necessidades específicas de determinados grupos (NOGUEIRA, 1983, p. 207).

Infere-se, com base nessa análise histórica, que, na contemporaneidade, a biblioteca pública pode e deve ser o espaço da informação, da discussão e da criação, organizado em função de seu público.

## 5.2 AÇÃO CULTURAL

Ideias são instrumentos valiosos que podem mudar o mundo, tão fundamentais quanto a informação e o conhecimento. Tudo isso, porém, de nada adianta sem a ação, caracterizada pela atividade. A biblioteca deve ser um lugar de ação - um instrumento de ação cultural e, em muitas situações, de reação social.

A amplitude do termo cultura, pela magnitude que o envolve, perpassa e se estende pelas reflexões sobre o universo das bibliotecas. O conceito de cultura, ou a cultura como conceito, como interpreta o antropólogo Roberto Da Matta:

[...] é um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Por outro lado, a cultura não é um código que se escolhe simplesmente. É algo que está dentro e fora de cada um de nós (DA MATTA, 1981, p. 2).

Cultura, como escreveu Ruth Benedict (1972) em seu livro *O crisântemo e a espada*, é a lente através da qual o homem vê o mundo. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa e os comportamentos sociais são produtos da herança cultural.

Embora haja inúmeras conceituações e várias acepções de cultura, em diferentes níveis de profundidade, como alerta Flusser (1983) citando Stevenson, não importa como seja definida, cultura é o domínio do bibliotecário. Mas, só a partir de como e quando ela é especificamente definida, então essa diferença se concretizará, ou seja, no fazer bibliotecário (no que o bibliotecário faz realmente, para quem ele o faz e como ele o faz).

Visão instigante sobre cultura e não-cultura é revelada por Feitosa, que menciona a aplicação destes conceitos à realidade das bibliotecas públicas. Para ele, ao classificarem e determinarem o seu público, as bibliotecas estão demarcando fronteiras e delimitando espaços, valendo-se de um princípio codificador que acarretará classificações duais:

Assim, ao demarcar suas fronteiras estará, automaticamente, estabelecendo seus elementos antípodas. Ou seja, o que estiver dentro do seu limite espacial é tido como pertencente a si e, portanto, existente a uma classe. [...] pelo ângulo das bibliotecas, cultura é tudo o que se relaciona com suas convenções, e não-cultura é tudo o que estiver fora deste espaço. Ocorre, porém, que o espaço cultural da biblioteca necessita de seu espaço “extracultural” para se confirmar como cultura, pois é a cultura quem define a si mesma como cultura, dependendo para isso de seu lado externo. Daí porque todas as estruturas hierárquicas – que são ordenações culturais – precisarem dos elementos que lhes são externos (FEITOSA, 1998, p. 36-37).

Cultura é o intrincado de padrões e vínculos das crenças, das instituições, das manifestações artísticas e intelectuais, além das características humanas que se aprimoram e se preservam pela comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Ação cultural é, assim, aquilo que diz respeito ao uso da cultura.

Melucci surpreende ao mostrar que a cultura, na contemporaneidade, pode adquirir uma conotação diferenciada, passando a ser vista também como terreno de conflitos:

Os espaços de produção do conhecimento são espaços “políticos” nos quais se encontram e se desencontram demandas provenientes dos atores sociais e exigências do sistema. Do mesmo modo, são espaços que caracterizam e difundem informações. Eles fazem parte daquele espaço público no qual podem ocorrer a participação e a representação das identidades coletivas. Na condição, porém, de que permanecem como espaços abertos ao confronto e à negociação dos interesses (MELUCCI, 2001, p. 143).

A cultura, para Milanesi, é:

[...] uma ação contínua que trabalha com a informação, a descoberta, separando a essência da aparência, desordenando a ordem convencional, criando um novo conhecimento. A informação é o fio e a Cultura, o tecido. A Coletividade tece. A elaboração dessa tessitura é, enfim, a construção do homem que pensa com a própria cabeça e sabe o que importa para si e para o meio onde vive (MILANESI, 2003, p. 127).

Em meados do século XX o termo ação cultural começou a ser utilizado, no sentido de arte-ação, mas somente a partir dos anos 60 é que houve uma maior disseminação do novo termo ligado aos centros de cultura e à preocupação dessas instituições com as pessoas, a cultura e arte, na busca de inserir a ação cultural como meio de transformação dos indivíduos. A ação cultural, além de definir-se como área específica de trabalho, ensino e pesquisa, começou a constituir-se com o objetivo de administrar o processo cultural (COELHO NETO, 2001).

A ação cultural pode ser compreendida como o processo de criação ou organização das condições necessárias, para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins, no universo da cultura institucionalizada. Este enunciado de Francis Jeanson (1973), em seu trabalho “L’action culturelle dans la cité”, reforça a concepção de ação cultural como processo e as pessoas como sujeitos da cultura e não como seus objetos. Isto implica em enfrentar conceitos concernentes ao próprio fazer profissional no âmbito das instituições culturais.

Coelho Neto (2001) afirma que a ação cultural trata do desejo de fazer da arte e da cultura instrumentos deliberados de mudança do homem e do mundo, de forma a possibilitar mais interações entre o homem e a sociedade.

Ação cultural é aquela na qual os agentes da ação, os transformadores culturais, incentivam o sujeito (a que a ação está direcionada) a

assumir o papel de agentes de ação. A ação cultural não se resume a atividades culturais soltas e descontextualizadas.

A biblioteca deve ser estudada, necessariamente, na sua imersão no contexto histórico. Ao longo da história, a biblioteca pública exerceu sucessivas funções: serviço, instituição democrática e centro de informação para a comunidade, dentre outras. A biblioteca como instrumento de ação cultural tem seu marco teórico construído a partir dessa última função.

A biblioteca pública, instituída como local de preservação e guarda de acervo, não costuma dar muito espaço para se praticar e desenvolver a ação cultural. O próprio termo - ação cultural - tem sido mal aplicado, sempre que se fala em dinamizar o papel da biblioteca pública. A ligação da biblioteca com a ação cultural, não raro, é ambígua e contraditória. A programação cultural da biblioteca costuma ser vista como acessória, e não uma ação que se origina de dentro de um processo mais abrangente de aproximação e autonomia das necessidades e decisões dos usuários. A ação cultural não é a solução para os problemas da biblioteca, mas pode ser um dos fatores de adensamento da relação entre o público e a equipe de mediadores, uma prática que venha a dar sentido e coerência às atividades culturais promovidas dentro e fora do espaço da biblioteca pública. A relação entre mediador e usuário está no alicerce do trabalho de ação cultural e a qualificação dessa relação depende diretamente do mútuo conhecimento e da clareza dos objetivos.

O conhecimento estabelecido concretamente na biblioteca é o conhecimento organizado e disponibilizado sem distinção que evita conflitos, atritos, está sempre preparado para ser consumido e descartado. A ação cultural retém o conhecimento na biblioteca ao mesmo tempo em que o espalha, transformando-o em outros conhecimentos. Assim ela permite a produção de conhecimento, valores culturais, aproxima as pessoas, desvenda o indivíduo para si e para o outro (PINHEIRO, 2008, p. 1).

As ações culturais em bibliotecas não devem se limitar apenas à disponibilização de informações. Para que ocorra a prática cultural, ou seja, a transformação de informação em novos conhecimentos, o profissional da informação deve se preocupar em fornecer aos usuários as ferramentas necessárias para fazê-lo agente transformador de sua realidade social.

A aproximação com o público deverá estar em cada elemento da programação cultural da biblioteca e é extremamente importante que a ação cultural esteja integrada no cotidiano da biblioteca e em cada decisão sua. Para Paulo Freire (1982), a ação cultural tem seu ponto de partida na investigação temática ou dos temas geradores por meio dos quais os sujeitos iniciam uma reflexão crítica sobre si mesmos, percebendo-se como são ou estão sendo.

Observa-se que, em geral, os eventos culturais em bibliotecas públicas se encerram em si, não há uma ação interativa entre espaço, mediador e público. Logo após o fim de uma atividade o indivíduo sai da biblioteca guardando para si as impressões que acumulou. Leva tudo consigo. Não compartilha, não problematiza, não questiona. Se a biblioteca é o espaço do conhecimento, esse conflito deveria ser trivial para ela, mas não é. A biblioteca organiza, separa, seleciona e é no conflito, nessa possível desorganização, que ela se depara com seu lado mais interessante e profícuo. Ela se fragiliza para se fortalecer e o público de fato a utiliza e a transforma.

Pode-se afirmar que só se trata de ação cultural aquela que deixa marcas, que modifica ou provoca o pensamento cognitivo de um indivíduo. A ação cultural, intrinsecamente, é uma forma de agir que usa dos meios culturais, da comunicação, da educação e da política para desencadear reações na sociedade. Entende-se que ações culturais em bibliotecas são mecanismos utilizados para proporcionar diversas formas de leitura de mundo, que venham a envolver todas as dimensões dos sentidos, indo além da mera leitura imediata da realidade circundante.

Partilhando da visão de Paulo Freire (1979), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. A ação cultural nasce do diálogo e este só é possível quando os sujeitos podem dizer a palavra, ou seja, a comunicação do que pensam, sem imposição alguma, com liberdade. Num segundo momento, Freire (1982) reafirma que ação cultural não pode, de um lado, sobrepor-se à visão de mundo de um sujeito e invadi-lo culturalmente, tampouco adaptar-se a ela; ao contrário, sua tarefa é, partindo daquela visão, tomada como um problema, exercer, com o sujeito, uma volta crítica sobre ela, de que resulte sua inserção na realidade em transformação.

Em concordância com o posicionamento de Freire, Flusser (1982) defende o conceito de ação cultural e sua aplicação na transformação da biblioteca

e aponta para a ação cultural em duas direções: a ação cultural manipulativa ou de domesticação do indivíduo, que contribui com a manutenção do sistema e a ação cultural emergente, libertadora e transformadora, que serve de instrumento para a libertação social e cultural da sociedade.

Nesse mesmo entendimento, as atividades culturais, vistas como uma das múltiplas linguagens de que dispõe o profissional da informação que trabalha com ação cultural, devem oferecer as melhores condições para que o usuário efetue a apropriação da informação e a transforme em conhecimento, ou melhor, em novos/outros conhecimentos.

Na ação cultural, o agente apenas dá início ao processo, cujo fim ele não pode prever e nem controlar. Um processo de ação cultural está centrado na criação das condições necessárias para as pessoas inventarem seus próprios fins e, assim, se tornarem sujeitos da cultura (COELHO NETO, 2001).

Cumprido ressaltar, aqui, a preocupação em se distinguir ação cultural de animação cultural e fabricação cultural. Na animação cultural há um fim e um começo definido, mas que não deixa raízes em seus objetivos. A ação cultural, por outro lado, é o desejo da arte e da cultura, instrumentos deliberados de mudança do homem e do mundo. A ação cultural não se prende ao fazer e sim aos resultados e ao acompanhamento destes, não se sabe onde vai dar e qual será o resultado.

Para Silva (1991), a ação cultural não se limita a mostrar os bens culturais, como na animação cultural. Nesta, o agente cria e conduz todo o processo. A ação cultural vai além, pois possibilita a participação das pessoas na produção destes bens, busca o autoaperfeiçoamento dos sujeitos envolvidos, pratica a arte de caráter libertador e questionador. O que a ação cultural faz é criar oportunidades para o usuário elaborar sua própria produção. Na ação cultural ele é visto como participante, não como um mero consumidor.

Na fabricação cultural, por outro lado, um termo apresentado por José Teixeira Coelho Neto (1986), o começo é definido e o fim previsível. O resultado do processo começa a existir a partir deste fim, durando mais tempo do que a atividade que o gerou e da qual depende. A ação, inversamente, não tem começo nem fim nitidamente demarcados e não deixam produtos formais acabados. O resultado final é imprevisível e escapa ao controle de seu autor, resultando em uma nova cadeia de ações. Para ele, em cultura, a única coisa de valor é a ação.

A fabricação é um trabalho por cima, a partir do exterior, transplantado quase sempre artificialmente e que não deixa raízes em seus objetos. Ação é algo que se faz *com*, ao lado de, por dentro, desde a raiz – um processo que só tem sujeitos, que forma sujeitos. Além disso, o fabricado é o imóvel, o acabado, o que se pretende definitivo [...]. A ação, contrariamente, é a contínua descoberta, o reexame constante, a reelaboração: a vida. [...] A ação cultural é uma aposta conjunta. Aposta-se que o grupo se descobrirá, descobrirá seus fins e seus meios. Em cultura é a única coisa que importa, a única que permanece, a única a firmar raízes. Mas a única que vale a pena (COELHO NETO, 1986, p. 100).

A ação cultural também não pode ser pensada para atingir apenas a alguns grupos, classes ou segmentos sociais. Por outro lado, também não pode se sobrepor à visão dos envolvidos e invadi-los culturalmente, e sim adaptar-se a ela, o que conduz os usuários a se inserirem na realidade da transformação que se busca. (FREIRE, 1979).

Milanesi (1983), que expressa um conceito de biblioteca como centro de informações, mas considera essencial a sua transformação num espaço de convivência, destaca a integração da ação cultural com a criatividade, salientando que é requisito básico se conhecer o que já foi criado, numa tentativa de encurtar o caminho entre o já visto e o novo. Só existirá ação cultural onde houver criatividade. “A base de toda atividade cultural é a disponibilidade de informações, tornando-as acessíveis a todos. O trabalho cultural busca, essencialmente, conhecer o que já foi criado para poder criar uma nova expressão” (MILANESI, 2003, p. 126).

A biblioteca como centro de informação e convivência, numa reflexão de Milanesi, só pode existir dentro da perspectiva de transformar, ir além da forma. Para ele, um acervo sem censura é uma coleção de discursos contraditórios. “Propiciar o conflito de discursos é pôr em crise o discurso único” (MILANESI, 1986, p. 255).

Milanesi (2003, p. 172-186) entende o papel da biblioteca como um centro de cultura, não dissociado de outras atividades culturais. A cultura, envolvendo com o intelecto e as emoções, direciona com liberdade as escolhas. Os três verbos que, conjugados, formam o tríduo da ação cultural em um centro de cultura são: informar, discutir e criar. Informar: atividade tradicionalmente atribuída às bibliotecas, envolve todo o conjunto de processos e procedimentos que leva o público a ter acesso às informações. Discutir: envolve abandonar a postura passiva de organizar as informações para atender as demandas. No momento em que as

ideias são expostas e os conflitos surgem, a busca de novas informações passa a ser uma necessidade. Isto porque a informação só faz sentido quando pode ser discutida e transformada pelo homem. O terceiro verbo, criar: é o que dá sentido aos outros dois (informar e discutir). A criação permanente de (novos) conhecimentos é o verdadeiro objetivo de centros reais de cultura. A biblioteca passa a ser o espaço aberto onde as pessoas podem encontrar as informações, discuti-las e criar novas informações (conhecimento). É ali o lugar onde a informação adquire sentido(s).

Na abrangência do conceito de Coelho Neto (2001), no plano social a ação cultural se envolve com programas de integração social e com ideais de transformação. E, num plano individual, a ação cultural deve se voltar para o desenvolvimento da autoexpressão e da criatividade, buscando a compreensão crítica do mundo e o uso das capacidades individuais. Entretanto, o objetivo da ação cultural não é construir um tipo determinado de sociedade, tampouco é apática, indiferente e imobilista.

O usuário é o elemento central do processo de apropriação da informação e transformação do conhecimento, neste caso em particular, nas atividades de difusão informativa e cultural em bibliotecas.

O conceito a ser utilizado será o de usuário, termo empregado para designar as pessoas que procuram e utilizam os serviços oferecidos pela biblioteca, seu público.

A participação ativa e decisiva do público é indispensável, sem eles a ação cultural não ocorre. Por conseguinte, identificar o grau de envolvimento dos usuários nas práticas das atividades culturais, no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná, é um desafio que se apresentou nesta pesquisa.

O que se busca, ao se planejar ações culturais nesses equipamentos informacionais, é provocar no usuário a sua capacidade de analisar, dialogar e interpretar, criando novos conhecimentos. Cabe às atividades de ativação cultural envolver o usuário, sujeito da ação, a refletir sobre si mesmo e na sua relação com o mundo.

A biblioteca é o espaço onde o profissional da informação e o usuário interagem, buscando atender as necessidades informacionais deste, pela mediação do outro.

Para Almeida Júnior (2004b) a biblioteca foi e continua sendo vista como dissociada dos interesses da maioria da sociedade, como uma instituição

cujas ações reforçam e ampliam a distância entre os que possuem e os que não possuem informação. No entanto, são os usuários que determinam a objetivação de uma informação. É no processo de mediação que se dá a apropriação da informação.

Victor Flusser expressa sua preocupação com o não-público, aquela parcela da população que não pode fazer uso de um equipamento cultural por não possuir as ferramentas materiais e intelectuais apropriadas, propondo a terminologia biblioteca-ação cultural para designar a transformação estrutural da biblioteca, tal como existente hoje, em uma biblioteca que participe do processo de “dar a palavra” àqueles que não a têm. Mas, para isso, “é necessário que a biblioteca-ação cultural e o não-público falem a mesma língua e que o fosso cultural que separa o não-público da cultura seja superado” (FLUSSER, 1982, p. 187).

O não-público de Victor Flusser e as pessoas que se encontram mergulhadas na cultura do silêncio de Paulo Freire fazem parte do mesmo universo.

Flusser vê a perspectiva de transformar a biblioteca tradicional, conservadora, em um instrumento de ação cultural. De acordo com seu pensamento, a ação cultural é emergente, libertadora e se articula em torno de três problemas: a invenção, a formulação e a criação.

A invenção é o desenvolvimento de uma criatividade própria, a descoberta de suas potencialidades de imaginação. A invenção é também dar a cada homem, através da animação cultural (e bibliotecária) os meios de inventar o seu código cultural (e literário) (FLUSSER, 1982, p. 179).

A ação cultural só é possível quando indivíduos sujeitos da ação são capazes de aceitar propostas de mudanças e transformações dentro de uma comunidade.

Por meio das ações culturais, e até mesmo, devido à ineficiência ou ausência total das mesmas, o Estado brasileiro tenta, constantemente, se apresentar como gestor social. Por intermédio desta postura busca consolidar seu poder de coerção e sua hegemonia perante a sociedade brasileira.

A biblioteca pública brasileira deveria levar a práticas educativas que conduzissem os leitores na busca de conhecimentos e de instrumentos que aumentassem seu poder de intervenção sobre a realidade, dando condições para a transformação da pessoa por meio da apropriação da informação. Uma biblioteca

resultante da vontade de um grupo, manifestada no decorrer de reuniões, onde pudessem ser discutidos problemas comuns, com a presença de um mediador.

Essa nova forma de agir e de incentivar a transformação tem como função principal proporcionar a conscientização do indivíduo e da comunidade, para que possam enxergar-se a si mesmos socioculturalmente. A cultura-ação como forma de disseminação do conhecimento deve ser adicionada principalmente pelas bibliotecas públicas no desencadeamento de ações que possam gerar um retorno de melhorias à sociedade.

Hoje, a biblioteca pública continua atuando voltada apenas para uma pequena parcela da sociedade, deixando a maioria da população de lado, sem a palavra. Na biblioteca-ação cultural proposta por Flusser, a função da biblioteca será a de propiciar e desenvolver uma dinâmica cultural, trabalhando com as pessoas no lugar de dar e oferecer cultura a um grupo de pessoas. Não será mais uma biblioteca para uma comunidade, mas uma biblioteca da comunidade. A ação cultural imaginada por ele para transformar a biblioteca não é limitada aos chamados usuários, mas a todos que a veem de longe e mesmo àqueles que não a veem. Partilhando da mesma preocupação de Paulo Freire, sua ação cultural chamará os analfabetos e o não-público para dizer a palavra, vindo à tona seres inventivos, criativos e libertadores.

A biblioteca tradicional e conservadora se transforma em uma nova, dinâmica e participativa biblioteca-ação cultural, interagindo com grupos e comunidades dialogicamente. Para Flusser (1980, p. 137) “Ser bibliotecário em uma biblioteca verdadeiramente pública é desenvolver de uma maneira política a sua profissão”.

Entende-se que aí reside um dos papéis do mediador da informação numa biblioteca instrumento de ação cultural.

### 5.3 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O conceito de mediação da informação se conecta aos termos anteriormente elencados, ao mesmo tempo em que estende seu entendimento para dar conta de realidades complementares entre si.

As bibliotecas são os espaços culturais onde as pessoas convergem em busca de informação e de conhecimento. Quando, movido pela curiosidade ou

pela necessidade, o usuário expressa uma demanda de informação, tem uma expectativa de como gostaria de encontrá-la. Informar, orientar o usuário para a obtenção da informação é a função do profissional que atua na biblioteca e a condição essencial é a de que esta informação esteja tecnicamente organizada.

Na definição de Le Coadic, informação é:

[...] um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, em um suporte. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação (LE COADIC, 2004, p. 4, parênteses do autor).

Entretanto, uma informação sozinha não se constitui em conhecimento. A geração do conhecimento se dará quando a informação for apropriada pelo indivíduo, quando ele puder interpretá-la e atribuir significado a ela, correlacionando-a com o repertório prévio de informações e conhecimentos de que já é possuidor, ou seja, suas relações cognitivas, seu acervo de conhecimentos.

É por meio da informação que o indivíduo altera, modifica e transforma o conhecimento e com ele passa a se relacionar com o mundo.

Para Almeida Júnior (2004a, p. 75), “a apropriação da informação se dá no processo de mediação. A concretização efetiva da informação só pode ser determinada pelo usuário”.

Este autor também explicita o conceito de mediação da informação como:

[...] toda ação de interferência - realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta, consciente ou inconsciente, singular ou plural, individual ou coletiva, que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p. 46).

Infere-se que a mediação da informação é o caminho percorrido da comunicação até a transformação do conhecimento de uma pessoa, respeitando-se, nessa ação interpretativa, a complexidade e autonomia do indivíduo para gerar seu conhecimento.

A mediação da informação é, pois, o domínio das ações que visam unir informações em diferentes suportes, neste caso em estudo, as atividades culturais ao usuário da biblioteca, para que possam convergir para um ponto comum, qual seja, a construção de um novo conhecimento.

Ressalte-se que a ação cultural não é uma atividade possível de ser desenvolvida se a biblioteca não possuir um acervo onde determinadas informações estejam disponíveis. Pois, como disse Flusser (1983, p.148).

Para o propósito de uma ação cultural, as duas posições diante da cultura – acervo e contexto - devem ser constantemente consideradas, pois a ação cultural é basicamente mediação e criação de acervo, inseridas em contexto cultural bem definido (1983, p. 148).

Milanesi (2002, p. 96) segue nessa mesma linha, salientando que, como as atividades são construídas sobre o já conhecido, “para cada atividade cultural no âmbito de uma biblioteca, é fundamental que se identifiquem todos os registros disponíveis sobre o tema da ação”.

A ação cultural pretende levar as pessoas a produzir cultura, não apenas e tão somente consumir cultura. O espaço da biblioteca permite trabalhos de ação cultural suficientemente amplos para abarcar todos os tipos de suporte: texto escrito, imagem fixa, imagem em movimento e som.

Em relação à Ciência da Informação, propõe Almeida Júnior (2007) a modificação de seu objeto de estudo, ao considerar que este passaria a ser a mediação da informação, e não somente a informação (registrada ou não), fundamentando sua motivação nas atividades culturais desenvolvidas nas bibliotecas. Posteriormente, complementa que:

No âmbito de suas preocupações, a ciência da informação deve ter presente a informação não registrada. Alguns segmentos da área lidam, necessariamente, com a informação registrada. Não é o caso, por exemplo, da disseminação e, de maneira mais abrangente, da mediação da informação que estuda e pesquisa, entre outros, a oralidade; que volta seus olhos para as atividades culturais, a ação cultural, a leitura, a mediação da leitura, a animação da leitura (ALMEIDA JÚNIOR, 2010, p. 19).

Todo o fazer do profissional da informação deve ser norteado para a mediação, pois é ela que envolve e determina o seu labor. Suas ações devem ser ações mediadoras, sejam elas explícitas ou implícitas. As explícitas são identificadas na relação imediata com o usuário. A mediação explícita ocorre nos espaços onde há uma relação formal entre o usuário e o equipamento informacional, mesmo nos acessos à distância, sem a presença física do usuário, quando não é solicitada a interferência concreta e presencial do profissional da informação. As mediações implícitas ocorrem em cada trabalho desenvolvido pelo profissional da informação; são concretizadas da seleção e armazenamento ao processamento dos documentos, sem a presença física e imediata do usuário.

As ações culturais em bibliotecas não devem se limitar apenas à disponibilização de informações. Para que ocorra a prática cultural, ou seja, a transformação de informação em novos conhecimentos, o profissional da informação deve se preocupar em fornecer aos usuários as ferramentas necessárias para fazê-lo agente transformador de sua realidade social. A construção do conhecimento se dá individualmente, mas somente na sua relação com o mundo. Portanto, o conhecimento é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Logo, é fundamental a interação do profissional da informação com o usuário no processo de aquisição da informação.

A mediação da informação em atividades culturais deve distinguir a mera animação cultural do processo de ativação cultural. A esse respeito Coelho Neto (2001) se manifestou,

É uma expressão inadequada, viciada, que revela desde logo sua ideologia: o agente cultural é, aqui, um animador, é dele que parte a ação – nessa terminologia teológica, é ele o criador. É ele o sujeito, o grande sujeito. Os outros são meros objetos nos quais, como na lenda clássica, ele sopra a alma, *anima* (COELHO NETO, 2001, p. 16, grifo do autor).

A intenção é a de fornecer os meios para que os usuários possam ter autonomia no processo de criação e desenvolvimento de novos conhecimentos. Neste contexto, o mediador da informação seria o agente canalizador de ações de interferência ao propiciar um espaço promotor da formação da autonomia do indivíduo. A ação cultural busca, para ser efetivamente reconhecida e referendada como tal, promover a inserção do usuário na própria realidade da transformação.

A partir da compreensão do seu papel e função social, o profissional mediador da informação que desenvolve atividades culturais em bibliotecas, particularmente num espaço informacional cultural público, deve constantemente reavaliar ações que tenham reflexo na sua prática, corrigir trajetórias e rever conceitos. Suas ações, no entanto, não devem se caracterizar pela passividade e pelo isolamento. Tampouco devem ser vistas como neutras ou imparciais, pois a mediação da informação se destaca sempre por resultar numa ação de interferência. A própria palavra 'mediador', que deriva do latim '*mediatore*', significa 'aquele que medeia ou intervém'.

O profissional da informação deve estar atento para saber distinguir as ações de interferência das de manipulação, pois é tênue a linha que as separa.

É a ação de interferência que confere ao profissional-mediador da informação a sua condição de sujeito de sua própria história, participe da construção da sociedade e do seu estar no mundo.

A interferência se contrapõe à falsa noção de que o fazer do profissional da informação deve ser imparcial e apolítico e de que o espaço informacional em que atua e as técnicas, ferramentas e instrumentos que utiliza devem ser neutros. Se essa assertiva fosse procedente, a atuação e a influência do profissional da informação na sociedade seria nula e a biblioteca, um mero objeto da história.

Aborda Almeida Júnior, nesse sentido:

O espaço informacional se constitui ao mesmo tempo como objeto e sujeito da história, do destino da sociedade. É objeto, pois recebe influências e é sujeito em todos os momentos em que influencia em que interfere. A unidade informacional não é um espaço isolado, ilhado, alheio e isento de interferências. Todas as transformações sociais, de uma ou de outra forma, influem e exigem posturas e mudanças tanto do espaço informacional, como dos que nele atuam e dos serviços implantados e oferecidos (ALMEIDA JÚNIOR, 2010, p. 73-74).

Barros (2006) adiciona, no tocante à mediação da leitura, outros dois conceitos (ações) - intervenção e intercessão - que podem conduzir à reflexão e ser aplicáveis também à mediação da informação.

Se, efetivamente, significa intervenção ou intercessão, não estamos fazendo isso, nem na biblioteca pública, nem na escolar. Não no sentido que entendemos. Intervenção como mediação, para nós, significa partir de um diagnóstico para um trabalho de leitura planejada, com conhecimento prévio de conteúdos, que se conclui possam contribuir para a formação e para o desenvolvimento pessoal do leitor, englobando intelecto e imaginário (como se fosse possível separá-los!). Intercessão significa o trabalho em prol do leitor, a busca da qualidade do produto oferecido a ele, a criação de serviços e facilidades que se ajustem aos seus interesses de leitura e de informação, traduzidos por ação interessada (BARROS, 2006, p. 20).

Ao fomentar reflexões sobre a prática de ação cultural em bibliotecas, busca-se situá-la como uma das inúmeras linguagens que o profissional da informação se utiliza para disseminar informações e promover a individualização do conhecimento.

O processo de mediação da informação se constitui pela interação entre informação/profissional da informação/usuário. Como requisito indispensável para que esse processo de mediação tenha êxito, é necessário que o mediador conheça a comunidade que atende e que exista um entrelaçamento e uma identificação entre a unidade de informação e o seu usuário. Conhecer o público, fazer um levantamento do seu perfil, ou de seus perfis variados, e até sua segmentação, é uma condição prévia e fundamental que se impõe ao mediador da informação: quem é o público-alvo (ou não-público), usuário (ou não-usuário), como prefere ou gosta de informar-se, quais os assuntos que busca, como entende ou interpreta, assimila e aplica as informações que obtêm e como complementa e sedimenta o conhecimento em construção. A consolidação do processo de mediação ocorre diante da ação reflexiva e crítica da própria prática cultural na biblioteca.

O mediador da informação tem um papel transformador na instituição, sendo corresponsável pelo processo de construção do conhecimento político e histórico da comunidade usuária. Ele é parte dela e deve reconhecer-se como tal.

## 6 CONTEXTUALIZAÇÃO

### 6.1 BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

#### 6.1.1 Histórico

A história da Biblioteca Pública do Paraná começa a ser escrita com a emancipação política do Paraná, visto que, enquanto ainda fazia parte da Província de São Paulo, não havia registro da existência de bibliotecas em solo paranaense.

Assim que desmembrada da Província de São Paulo em 29 de agosto de 1853 e instalada a Província do Paraná, seu primeiro presidente, Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, passou a imprimir sua característica de empreendedor à administração pública, criando escolas, incrementando e fundando instituições culturais, propiciando o surgimento da ideia de organização de uma biblioteca pública que efetivamente pudesse atender à população.

Curitiba, a capital da Província, então uma pequena cidade, contava com cerca de 5.819 habitantes, atendidos por duas escolas primárias e um Liceu, o 'Liceo de Curitiba', ainda em estado embrionário e destinado a oferecer condições de ingresso nas Academias do Império. Não havia nenhuma livraria e nenhuma biblioteca existia para atender aos alunos e professores.

Destaca Martins (1922) que a nova administração tratou de achar soluções para os mais variados e complexos problemas de organização da Província, como ordem pública, segurança, saúde, educação, cultura e informação.

Aponta-se como uma das primeiras iniciativas a publicação do jornal *O Dezenove de Dezembro*, em 1854, em cujas páginas ficaram registrados os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais da Província, até o ano de 1889. Hoje, este periódico é fonte imprescindível de consulta para pesquisadores e historiadores, por ter sido um importante e eficaz veículo de propaganda e comunicação entre o governo e a população.

Como fato relevante cita-se a criação do Arquivo Público, em 1855, com a finalidade de coligir a documentação impressa e manuscrita, relativa à história e geografia da nova Província, que pode ser apontado como o embrião de duas

importantes instituições culturais - o Museu Paranaense e a Biblioteca Pública, foco desta pesquisa.

Nota-se que era premente a necessidade de se formar uma ampla estrutura cultural condizente com a capital da Província, que florescia e se expandia, abrigando um local adequado para a leitura e a pesquisa das ciências e das artes, ampliando o conhecimento para além da preservação da memória escrita.

O ano de 1857 marca, de forma definitiva na história paranaense, a criação desta basilar instituição de educação e cultura - a Biblioteca Pública do Paraná.

Fruto da conjuntura da época, a Lei Provincial n.º 27, de 07 de março de 1857, sancionada pelo vice-presidente da Província do Paraná, José Antonio Vaz de Carvalhaes, autorizou o governo a criar, na capital da Província, uma biblioteca pública anexa ao Liceu, sob a responsabilidade do diretor do referido estabelecimento de ensino, levando em frente os projetos da administração anterior. A princípio, a proposta era formar um pequeno acervo com as obras mais convenientes para o estudo das matérias ensinadas no Liceu.

A primeira compra de livros, portanto, em atendimento ao dispositivo legal, privilegiou a aquisição de obras que convinham para o estudo das matérias ali ensinadas. Segundo Moreira (1957), concretizou-se, por meio desta Lei, o anseio dos homens de cultura, ao mesmo tempo em que se resolveu o problema do livro didático destinado aos estudantes do Liceu, naquela época tão escasso em nosso meio.

Coincidentemente, segundo destaca um artigo publicado no Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico (1993), no mesmo ano em que se criava a Biblioteca Pública, a Typographia Paranaense, de Cândido Martins Lopes, também fundador do jornal *O Dezenove de Dezembro*, editava os dois primeiros livros no Paraná: *Gramática da língua nacional*, de S. J. Cavalcanti e *Pequena arte de música*, de Ricardo Pereira do Nascimento.

Transcorreram dois anos entre o ato de criação e o ato de instalação da Biblioteca, dedicados aos trabalhos preliminares de organização, confecção do mobiliário, elaboração do regulamento e do regimento interno e aquisição de livros, especialmente em Lisboa e Paris.

A Biblioteca, sem sede própria, iniciou suas atividades em uma das salas do Liceu, no dia 25 de fevereiro de 1859.

O jornal *O Dezenove de Dezembro* (1859, p. 6) publicou o seguinte aviso: “O Dr. Joaquim Dias da Rocha, bibliotecário interino, faz público que se acha aberta a biblioteca pública, desde as 9 horas da manhã até as 2 da tarde, e das 4 às 6”.

O regimento interno estabeleceu, em seu artigo 15, que todas as pessoas que comparecessem “decentemente vestidas” e quisessem “dar a leitura” ou exame de alguma obra, teriam entrada franca na Biblioteca.

Em 1868 foi autorizado, por ofício, o empréstimo de livros da Biblioteca Pública.

Sem dispor de um espaço físico adequado ao desempenho de suas atividades e sempre vinculada a outras instituições governamentais, em quase três décadas de existência a Biblioteca Pública foi transferida para diferentes locais. Em consequência desta precariedade estrutural, associada à ausência de recursos financeiros e de pessoal, a Biblioteca acabou perdendo muitas obras de seu acervo e, o que é mais grave, foi quase esquecida pela própria população.

Conforme Quadros (1942, p. 88):

Apesar do abandono ao qual foi relegada a Biblioteca Pública, nesta época outras bibliotecas foram fundadas na província paranaense. Em 1874 eram cinco: a da capital, a do Clube Literário de Paranaguá e as bibliotecas das associações das cidades de Antonina, Ponta Grossa e Pitanga. Em 1881 também já estavam em funcionamento as bibliotecas de Morretes, Lapa, Porto de Cima, Campo Largo, Rio Negro e Castro.

Nos anos seguintes, outras bibliotecas públicas foram sendo fundadas em clubes literários nas vilas da Província, muitas com acervos mais expressivos que os da própria Biblioteca provincial.

Para Moreira (1957), começou-se a mudar a concepção de Biblioteca Pública, em termos de organização passível de regulamentos e administração, quando Alfredo D'Escragnolle Taunay assumiu a presidência da Província do Paraná, em 1886.

Com uma coleção de 2.671 obras e instalada numa sala do Museu Paranaense, a Biblioteca é então reorganizada e, pelo artigo 1º do Regulamento de 25 de março de 1886, passou a denominar-se Biblioteca Pública do Paraná.

No decorrer dos anos, apesar de prestar um serviço relevante à comunidade paranaense, a Biblioteca continuou a sofrer com as mudanças de endereços. A virada do século encontrou-a com os mesmos problemas: acomodações incompatíveis para abrigar a coleção que crescia com as doações recebidas, condições insatisfatórias para a pesquisa, organização e guarda do acervo e, uma situação recorrente – a falta de um espaço próprio.

Romário Martins manifesta-se a esse respeito:

[...] esta Biblioteca tem passado pelas mais violentas alternativas na sua penosa existência. Ora os Presidentes da Província amparavam-na com sua proteção, ora a esqueciam e desprezavam como a um mísero trambolho, dando ensejo a que particulares se apropriassem das suas melhores obras. Em duas épocas, porém, a Biblioteca pareceu encaminhar-se definitivamente para a realização completa de sua nobre e utilíssima missão. Foi em 1886, na administração de Escragnolle Taunay e em 1892, na do Dr. Francisco Xavier da Silva. [...] Tudo isso, porém, falhou; e o louvável zelo dos dois ilustres administradores não valeu para que a Biblioteca Pública do Paraná ressurgisse do seu lamentável abandono. Sem prédio próprio, ora na sala exígua de uma repartição pública, ora na de outra, sem dotação para refazer-se de novos livros e de mobiliário, sem o pessoal necessário que a zelasse, as suas coleções se foram extraviando e as traças consumando nos armários rarefeitos essa obra iníqua do aniquilamento de uma das mais belas instituições que possuímos (REVISTA DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CURITIBA, 1938).

Dispositivos legais, que não foram levados a efeito, autorizaram o Poder Executivo, nos anos de 1927 e 1929, a reorganizar e remodelar a Biblioteca, de acordo com suas finalidades culturais, tomando por modelo os melhores estabelecimentos similares do país e abrindo para esse fim os créditos necessários.

Em 1937, no governo de Manoel Ribas, alguns órgãos estaduais – inclusive a Biblioteca Pública do Paraná – foram transferidos para a administração municipal, assim permanecendo durante alguns anos. Criado o Departamento de Cultura do Município de Curitiba, a ele foram atribuídos os serviços da Biblioteca Pública, agora denominada Biblioteca Pública de Curitiba.

Instituição centenária, a Biblioteca Pública chegou à década de cinquenta em situação precária. Após sua transferência para a municipalidade, permaneceu em estado latente e inativa por alguns anos, descaracterizada e incapacitada de servir à comunidade.

Segundo Godói (1984, p. 17):

Curitiba, com cerca de 180.000 habitantes, se encontrava em franco desenvolvimento, carente de um ambiente apropriado para estudos e pesquisas que suprissem a crescente demanda por informações, na busca do conhecimento provocada pelo crescimento da cidade. Ao mesmo tempo, já se faziam necessárias providências urgentes para salvar a Biblioteca enquanto instituição cultural bem como seu valioso patrimônio bibliográfico.

Ao assumir o Governo do Estado, em 1951, Bento Munhoz da Rocha Netto estava também traçando novos rumos na história da Biblioteca Pública do Paraná.

Um prédio que acomodasse uma biblioteca pública estadual, até então precariamente dispersa, foi a primeira das grandes obras idealizadas pelo governador para beneficiar a população.

Mensagem encaminhada à Assembleia Legislativa, em 01 de maio de 1951, reforça as intenções do governante, reafirmando que uma de suas mais destacadas iniciativas seria a criação da “Biblioteca Central do Estado”, cujo plano de organização contemplaria todos os aspectos que a moderna técnica e as nossas condições peculiares exigissem, qual seja, divulgação cultural no interior por intercâmbio bibliotecário com coleções ambulantes, biblioteca infantil, biblioteca especializada, biblioteca popular e todos os outros serviços técnicos característicos de uma biblioteca, além da formação de uma equipe de especialistas capazes de assumir funções específicas na biblioteca.

Pela Lei Municipal nº 474, de 06 de maio de 1952, a Biblioteca voltou para a jurisdição do governo do Estado.

Para marcar as comemorações alusivas ao Centenário de Emancipação Política, em 1953, a construção de um conjunto de obras arquitetônicas de destaque foi programada, dentre elas a de uma sede para abrigar a Biblioteca Pública do Paraná.

O local escolhido para a edificação foi o terreno compreendido entre as ruas Cândido Lopes, Dr. Muricy e Ébano Pereira, área do antigo quartel do Corpo de Bombeiros. O projeto arquitetônico coube a Romeu Paulo da Costa, convidado a elaborá-lo por ter vencido, um pouco antes, um concurso público para a construção da Biblioteca Pública de Curitiba. Este projeto não saiu do papel, mas o qualificou a projetar a Biblioteca Pública do Paraná.

**Figura 1** – Fachada da Biblioteca Pública do Paraná 1



**Fonte:** Arquivo da Divisão de Documentação Paranaense - BPP

Após se submeter, ao longo de décadas, a diferentes espaços físicos provisórios e inadequados, em 19 de dezembro de 1954, com a presença do Presidente da República, João Café Filho e do Governador do Estado, Bento Munhoz da Rocha Netto, o novo prédio é inaugurado, ganhando a Biblioteca Pública do Paraná sua sede definitiva e a comunidade um valioso espaço de cultura.

E em 19 de dezembro de 1954 foi o novo edifício da Biblioteca Pública do Paraná inaugurado, com um acervo de 26.239 livros, 1.556 volumes de periódicos e 6.246 folhetos, já se achando catalogadas, fichadas e prontas para empréstimo, 12.300 obras em 15.941 volumes (STRAUBE, 2006, p. 113).

O plano de organização da Biblioteca foi muito bem elaborado, detalhando-se inclusive o organograma. A bibliotecária Lydia Queiroz Sambaqui, autoridade nacional da área de biblioteconomia, assessorada pelas bibliotecárias Etelvina Vianna Lima e Francisca Buarque de Almeida, foi especialmente contratada pelo Estado para estudar os detalhes da estrutura organizacional, do mobiliário e dos equipamentos da nova sede. Mas, para desenvolver um trabalho grandioso como se pretendia, necessitava-se de pessoal especializado e um acervo com pelo menos 50.000 volumes. O problema do acervo foi parcialmente resolvido com uma campanha pública de doações, e a equipe funcional técnica com a abertura do Curso de Biblioteconomia da Universidade do Paraná.

O projeto de construção alavancou a criação e consolidação do primeiro curso de biblioteconomia do Estado, em convênio firmado entre o Instituto

Nacional do Livro e esta Universidade, em maio de 1952. A proposta era capacitar um grupo de pessoas para atender as finalidades da biblioteca. O curso, com um ano de duração, formou 23 profissionais, considerados os pioneiros da biblioteconomia no Paraná, que foram contratados pelo Estado. A primeira diretora, Francisca Buarque de Almeida, foi nomeada em 1954.

Em 1957 foi inaugurada a primeira sucursal da Biblioteca, no bairro do Portão, iniciando sua descentralização, visando possibilitar, facilitar e incentivar o estudo em todas as camadas sociais, contribuindo para a democratização da educação.

Totalmente remodelada, adotando modernos conceitos biblioteconômicos, concebida como uma biblioteca aberta, com organização departamentalizada do acervo por assunto, a Biblioteca Pública do Paraná foi a primeira de livre acesso ao livro pelo usuário construída no país.

Durante o 3º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, sediado na Biblioteca Pública do Paraná em 1961, a Comissão Estadual de Bibliotecas do Estado da Guanabara concedeu-lhe o Prêmio Paula Brito como biblioteca modelo e instituição padrão de desenvolvimento e difusão cultural do Brasil. A honraria, entregue pela primeira vez no país, tem repercutido na esfera nacional até os dias de hoje.

A Biblioteca Pública do Paraná, nos termos do art. 113 da Lei nº 8.485, de 03 de junho de 1987, é órgão de regime especial, subordinado à Secretaria de Estado da Cultura.

Norteia suas ações pautada nas seguintes finalidades, de acordo com o art. 2º do seu Regimento Interno:

- I - a prestação de serviços de informação à comunidade, visando o seu desenvolvimento sócio-cultural e intelectual;
- II- a informação ampla e livre por meio da leitura e de outras formas de acesso ao conhecimento;
- III- o estímulo à pesquisa, ao livre debate, à geração de novas formas de reflexão e expressão humana;
- IV- a atuação como instituição depositária da documentação e da memória relativa ao Paraná;
- V- a ampliação, a atualização, a preservação e a divulgação do acervo bibliográfico e de materiais informativos em geral;
- VI- a extensão dos serviços de informação e leitura a outras entidades;
- VII- o estímulo à criação de bibliotecas públicas em todo o Estado e a cooperação para seu desenvolvimento;

VIII- a promoção e a difusão de ações e eventos culturais e o desempenho de outras atividades correlatas (PARANÁ, 1997).

Idealizada para ser uma biblioteca dinâmica, sua estrutura administrativa se modernizou, atendendo às novas necessidades internas e externas, exigindo a redefinição de competências e a instituição de novos serviços.

Com o decorrer dos anos, entretanto, o prédio foi se depreciando e o espaço físico se tornou insuficiente para as novas funções. Visando aumentar a capacidade e disponibilidade do acervo, melhorando o atendimento ao usuário, sua sede passou por uma readequação, com um mínimo de alteração na concepção geral do edifício.

A reforma predial foi autorizada em 1993. Neste ano também a Biblioteca Pública entra na era da informática. As instalações elétricas e hidráulicas são trocadas e o sistema de prevenção de incêndio restaurado. Ampliou-se o espaço físico em 870 metros quadrados por meio de galerias e mezaninos.

Fechada durante nove meses para reforma, curiosamente realizada pela arquiteta Lauri da Costa, filha do autor do seu projeto arquitetônico inicial, a Biblioteca reabriu suas portas em 26 de setembro de 1994, em solenidade prestigiada por intelectuais e personalidades do mundo cultural e político.

Em 18 de dezembro de 2003 o prédio foi tombado como patrimônio cultural do Estado, dentro da programação alusiva ao Sesquicentenário da Emancipação Política do Paraná. Recebeu o registro nº. 148 da Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura. Os acréscimos culturais e tecnológicos efetuados ao longo dos anos fazem desta Biblioteca uma das maiores unidades públicas de conhecimento do país.

A Biblioteca Pública do Paraná, o Teatro Guaíra, a Praça Dezenove de Dezembro, o Centro Cívico e o Colégio Tiradentes formam o mais importante conjunto arquitetônico da história do Paraná.

A Biblioteca Pública teve acentuado seu caráter de monumento e ponto referencial da cidade. Está situada em uma área super urbana, 'core' central, a poucos metros do marco zero de Curitiba. Em terreno exíguo, com pequena área livre anexa ao espaço público, a BPP parece afogada entre edifícios de porte mais alto da cidade que cresceu muito ao longo do tempo em verticalidade. O entorno mudou a relação espacial que era de um edifício grande em um entorno modesto, para um edifício pequeno em um entorno de edifícios altos,

mas ainda assim a BPP abre um espaço diferenciado no atual centro urbano de Curitiba (COSTA, 2002, p. 138).

**Figura 1** – Fachada da Biblioteca Pública do Paraná 2



**Fonte:** Arquivo da Divisão de Documentação Paranaense - BPP

Instituição de livre acesso ocupa uma área de 8.258,96 m<sup>2</sup>, distribuídos nos três andares do prédio. Os serviços oferecidos pela Biblioteca se baseiam na igualdade de oportunidade a todos e o seu atendimento se estende a toda comunidade.

Com uma frequência média de 3.000 usuários por dia, a Biblioteca Pública do Paraná ostenta a privilegiada posição de uma das bibliotecas públicas mais utilizadas do país, atendendo anualmente a mais de um milhão de pessoas, efetuando entre 18.000 e 20.000 empréstimos domiciliares mensais. Disponibiliza também o acesso à *Internet*, atuando como um centro de capacitação e difusão do uso da informática.

Seu acervo é composto de cerca de 530.000 volumes de livros, além de periódicos, folhetos, mapas, partituras, manuscritos, discos em vinil, CDs, diafilmes, diapositivos, DVDs, fitas de vídeo, fitas cassete, livros em *Braille*.

A Biblioteca Pública tem por finalidade a prestação de serviços públicos de leitura e informação de boa qualidade a toda a população, promovendo o acesso amplo, democrático e universal aos registros da expressão humana em sua pluralidade.

Para cumprir sua missão, a Biblioteca é aberta a todos, devendo preservar e ampliar suas coleções, reunindo as mais significativas contribuições no

campo das ciências, letras e artes, constituindo-se em um espaço vivo e dinâmico de atividade informativa e cultural.

A informatização, importante ferramenta para o desenvolvimento e a racionalização dos procedimentos e rotinas da Biblioteca, vem disponibilizando, com maior rapidez e eficiência, a informação para sua comunidade usuária.

Atualmente, sua estrutura organizacional compreende os níveis de direção, assessoramento, atuação instrumental e execução (Anexo A). Suas nove divisões e 33 seções proporcionam uma ampla oferta de serviços aos usuários adultos e infantis, de consultas ao acervo às atividades culturais. Os deficientes visuais são atendidos com material bibliográfico e serviços especializados.

A Biblioteca Pública do Paraná coordena e administra o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Paraná, composto pelo conjunto de bibliotecas públicas do Estado, cuja operacionalização cabe à Divisão de Extensão. Legitimado por decreto em 24 de julho de 1992 atende prioritariamente às bibliotecas públicas por intermédio de convênios entre as partes, respeitando, no entanto, a autonomia dos municípios.

O Estado do Paraná possui 399 municípios, sendo que em quase todos existem bibliotecas públicas. Criado em 2004, o projeto Biblioteca Cidadã está presente em 110 municípios paranaenses, buscando, como princípio, atender sempre as regiões com baixo índice de desenvolvimento humano, o que inclui bairros mais afastados na região metropolitana das grandes cidades. O projeto da Secretaria de Estado da Cultura, em parceria com a Biblioteca Pública do Paraná, Secretaria Especial para Assuntos Estratégicos, Secretaria de Estado de Obras Públicas e prefeituras, tem por objetivo oferecer às regiões mais carentes do Estado do Paraná um equipamento cultural que promova a democratização do conhecimento, pelo valioso acervo de livros e pela possibilidade de inclusão digital, por meio dos telecentros. Para tornar a Biblioteca Cidadã uma realidade nos municípios mais carentes do Estado, o Governo disponibiliza a construção de prédio de 184 metros quadrados, sobre terreno que é oferecido pela prefeitura de cada cidade atendida. A qualificação pessoal destes espaços é feita com treinamento por técnicos da Biblioteca Pública do Paraná para funcionários de cada município atendido. Essa ação conjunta estreita, ainda mais, a importante parceria entre Estado e municípios.

A edificação, depois de pronta, reúne cultura e tecnologia e concentra, no mesmo espaço, acervo inicial de quase dois mil livros e um telecentro equipado com cinco computadores com acesso à Internet. A Biblioteca Cidadã possui salão comunitário, espaço cívico e de recreação. O local estimula, ainda, a valorização cultural da região – com artistas locais que pintam um painel na entrada principal. O projeto também prevê o plantio de árvores nativas no terreno.

O Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Paraná tem por objetivo a implantação e o constante aperfeiçoamento dos serviços de bibliotecas públicas, atendendo as necessidades da comunidade local. Visa o estímulo e a difusão do gosto pela leitura e a coleta, difusão e preservação da memória histórica e cultural do Paraná. Compete-lhe prestar assessoramento técnico aos municípios para o desenvolvimento dos serviços da biblioteca pública, oferecer estágios e realizar cursos, bem como proporcionar treinamento, atualização e aperfeiçoamento de pessoal ligado às bibliotecas públicas. Procura beneficiar os municípios com programas de empréstimo interbibliotecário, repasse de materiais informativos para os acervos e outras medidas que visem à ampliação quantitativa e qualitativa das coleções públicas, além de promover atividades de ação cultural e difusão informativa, integrando os municípios aos programas e projetos desenvolvidos pelo Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. Busca também promover ações visando incrementar a circulação dos bens culturais informativos e a socialização de ideias e experiências dos diversos municípios integrantes do Sistema.

A administração de recursos humanos da Biblioteca tem sido uma tarefa difícil de cumprir considerando, entre outros fatores, o reduzido quadro funcional diante da demanda dos serviços. Hoje, seu efetivo conta com 95 funcionários, auxiliados por 114 estagiários, cuja mão de obra é rotativa, e 04 voluntários, considerados auxiliares temporários. Há a necessidade de recomposição desta situação para se manter a qualidade e a continuidade nas atribuições de gestão, informatização e difusão da informação dentro dos padrões biblioteconômicos.

Para colocar em prática novas atividades e serviços, muitas vezes a Biblioteca busca parcerias, seja com o setor privado ou com outros órgãos públicos. As articulações com instituições e grupos de pessoas – como os voluntários – estão contribuindo de forma significativa para a prática de ações que visam diminuir a distância entre a leitura, a informação e a comunidade usuária.

Organizada como uma verdadeira biblioteca, dinâmica e moderna, para atender as necessidades informacionais e educacionais, bem como para guardar e preservar o patrimônio bibliográfico do Estado, a Biblioteca chegou ao ano 2011 com problemas encontrados desde o início de sua trajetória histórica. Com o aumento da demanda, o crescimento da coleção e as novas tecnologias, seu espaço físico tornou-se insuficiente, prejudicando o desenvolvimento dos serviços e a oferta de outros.

Conforme destacou Straube (2006, p. 126):

De uma Curitiba de 1859, com 5.819 habitantes e uma Biblioteca Pública modestíssima, com acervo estimado em 294 livros, obtidos por subscrição pública, transferida de um para outro edifício público, inadequados e sem condições apropriadas, sem mobília própria, chegamos ao início do século XXI com uma capital com aproximadamente 2 milhões de habitantes, moderna e efervescente e uma Biblioteca Pública com sede própria, moderna, embora já desejando e necessitando ampliar suas instalações, anunciando acervo de mais de 427 mil volumes, além de periódicos, CDs, material de apoio em Braille e uma ampla programação cultural anual. Conseguiu vencer e consolidar-se, tornando-se referência nacional.

A Biblioteca Pública do Paraná percorreu um longo caminho nesses 154 anos de existência, enfrentando dificuldades, passando por reformulações e 13 sedes, se readequando às mudanças e aos avanços tecnológicos até se transformar no organismo vivo e atuante que promove o encontro da comunidade com o universo do conhecimento. Ao se renovar em concepções e ações, numa demonstração de criatividade, força e coragem, torna-se capaz de enfrentar e vencer os grandes desafios que ainda estão por vir.

**Figura 3** – Entrada Biblioteca Pública do Paraná



**Fonte:** Arquivo da Divisão de Documentação Paranaense – BPP

### 6.1.2 Atividades Culturais

A biblioteca, para ser considerada um legítimo instrumento de ação cultural (e de reação e mudança social), precisa configurar-se como um ambiente multiuso, aberto e dinâmico, um centro de informação e participação. Uma biblioteca é um local de descobertas no qual se pode buscar e encontrar respostas, pesquisar para trabalhos ou simplesmente passar o tempo livre num ambiente acolhedor e descontraído.

Uma biblioteca pública deve constituir-se em um ambiente realmente público e de convivência, um espaço onde as pessoas se encontram para conversar e trocar ideias, instruir-se e participar de atividades culturais e de lazer.

Tsupal (1987, p. 158) menciona que:

Convencionou-se denominar as atividades culturais de acordo com seus níveis e natureza dos seus conteúdos de ação cultural, animação cultural e divulgação cultural. Ao lado dessas atividades, incluem-se também as dirigidas ao lazer.

Convém distinguir-se ação cultural de informação cultural. Esta meramente divulga os acontecimentos, eventos culturais, notícias e informações, e a outra caracteriza-se por conteúdos de natureza cultural.

Portanto, em bibliotecas públicas e, particularmente, no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná, as atividades de ação cultural podem ser vistas como serviços essenciais, pois, ao incentivar a interação, o debate e a troca de ideias e experiências, possibilitam às pessoas criar novas informações.

São inúmeras as possibilidades de programação das atividades culturais na biblioteca.

Um dos objetivos da Biblioteca Pública do Paraná, além de preservar a memória histórica e cultural do Estado, é atrair pessoas de todos os segmentos da sociedade. Para que isso ocorra, uma gama variada de atividades culturais, educativas e recreativas é ali desenvolvida.

Em conformidade com seu Regimento Interno o setor responsável pela prática cultural, no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná, é a Divisão de Difusão Cultural. Sua função básica é tornar a Biblioteca um espaço polivalente, onde se pode ler, ouvir, ver e debater, ampliando as possibilidades de acesso à informação. Composta pelas Seções de Programação e Divulgação, lhe compete a organização e a execução da política de difusão informativa e cultural nas áreas das letras, artes, ciências e manifestações culturais em geral. É responsável pela execução da programação cultural compreendendo cinematografia, exposições, apresentações musicais e teatrais, cursos, concursos, torneios, oficinas, palestras, lançamentos de livros e o calendário comemorativo de eventos e datas cívicas e comunitárias. Planeja, coordena, apoia e divulga a realização de atividades de ação cultural da Biblioteca, implementando projetos culturais que tenham interesse de estabelecer e promover a cultura de maneira contínua, progressiva e cada vez mais ampla.

É o setor que divulga as atividades e os serviços oferecidos pela Biblioteca, por intermédio dos meios de comunicação e mídias disponíveis, à comunidade e à população usuária. Elabora, mensalmente, o Boletim Informativo da BPP, veículo de divulgação e informação da programação cultural, novidades e aquisições efetuadas pela Biblioteca. Este informe, disponibilizado no *site* da instituição e distribuído gratuitamente aos interessados e às instituições culturais e de ensino, tornou-se fonte de consulta indispensável pelos usuários da Biblioteca.

A orientação das atividades de comunicação visual e a sinalização interna deste espaço informacional, bem como a elaboração, impressão e distribuição de material de informação, dentre eles o Boletim Informativo, além de outros materiais de divulgação, são encargos desta Divisão.

Administra também os murais de criação literária e de cartazes, sendo responsável pela seleção, fixação e substituição do material. O Mural de Cartazes, localizado na portaria da Biblioteca, é um painel utilitário destinado à

difusão informativa de eventos de artes, ciências e de outras manifestações culturais constantes do calendário cultural do Estado, do país e do exterior. Para possibilitar a atualização das informações, o material permanece exposto pelo período de uma semana. O Mural Livre, instalado no hall do segundo andar, destina-se à divulgação dos trabalhos artísticos e culturais dos usuários da Biblioteca. Como a própria denominação diz, são produções livres de cunho artístico e literário: desenhos, caricaturas e pinturas em diversas técnicas, poesias, contos e crônicas. O material a ser divulgado obedece a um agendamento prévio.

O Espaço de Xadrez, coordenado pela Divisão de Difusão Cultural, se destina à promoção de atividades direcionadas à prática deste esporte. Ambiente adequado à reunião de enxadristas, nele são disputados torneios anuais de grande repercussão junto aos praticantes desta modalidade esportiva.

A Divisão organiza e administra as atividades culturais realizadas na Sala de Reuniões, localizada no terceiro andar da Biblioteca, com capacidade para 40 pessoas, e no Auditório Paul Garfukel, instalado no segundo andar, com 154 lugares, destinado prioritariamente às promoções culturais, educacionais, recreativas, científicas, cívicas e comunitárias desenvolvidas e apoiadas pela própria Biblioteca. Eventualmente o auditório pode ser locado a terceiros interessados, desde que haja disponibilidade de espaço e compatibilidade das atividades com as finalidades desta instituição.

Nesses espaços informacionais acontecem semanalmente os encontros literários da Oficina Permanente de Poesia e as exibições de filmes do Cine Clube Anníbal Requião/Cineclube Jorge de Souza.

#### 6.1.2.1 Cine clube Anníbal Requião/ Jorge de Souza

Sempre em busca de formas de representação da imagem e do movimento, o homem chegou a inventos e experiências que o levaram ao cinema.

Objeto e fonte de estudos historiográficos e das Ciências Sociais, o cinema reflete a mentalidade de seu tempo, da mesma forma que a literatura ou as artes plásticas, desempenhando, como meio de comunicação de massa, um importante papel na construção da realidade social.

A imagem faz parte do nosso cotidiano. A imagem em movimento envolve o desejo do homem de representar a si próprio, ao mundo e a vida.

Inventado para fins científicos pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, em 1895, o cinema revelou-se peça fundamental do imaginário coletivo do século XX.

No Brasil, o cinematógrafo chegou cedo, trazido pelas mãos do imigrante italiano Affonso Segretto, que se tornou também nosso primeiro cineasta, ao filmar cenas do porto do Rio de Janeiro em 1898. A primeira sessão de cinema em território nacional foi realizada em 08 de junho de 1896, na cidade do Rio de Janeiro.

Um imenso mercado de entretenimento foi sendo montado em torno da capital federal, no início do século XX. Em 1907 foram inauguradas 18 salas de cinema, enquanto centenas de pequenos filmes eram produzidos e exibidos para plateias urbanas que, em franco crescimento, demandavam lazer e diversão. Pelo Brasil afora inúmeras outras salas de cinema foram construídas ou adaptadas em salões improvisados para a exibição de filmes.

Na capital paranaense, a primeira projeção cinematográfica aconteceu em 1897, no antigo Teatro Hauer.

Destaca Alvetti (2005, p. 3):

Curitiba, portanto, viu cinema pela primeira vez menos de dois anos depois da sessão dos irmãos Lumière, em Paris, e logo em seguida ao Rio de Janeiro. O registro do primeiro filme brasileiro visto na cidade é de 1903. Nove anos mais tarde começaria, efetivamente, a história da produção local.

Entretanto, o cinema como entretenimento só surgiria na capital paranaense em 1904, pelas mãos do imigrante espanhol Francisco Serrador, que montou uma sala de exibições dentro do Parque *Colyseu Curytibano*, dando início a uma parte importante da história cultural do estado.

Os cineastas locais entram em cena apenas em 1907. A história do cinema em Curitiba passa a ser contada a partir do registro das filmagens e produções destes pioneiros, entre 1900 e 1930. São eles: Anníbal Requião, João Baptista Groff e Arthur Rogge.

Um dos principais pontos de encontro, o cinema de rua marcou época, tornando-se símbolo de sociabilidade na maioria das cidades brasileiras.

Pioneiro da cinegrafia no Paraná, o fotógrafo Anníbal Requião instalou o Cine Smart, na década de 1910, na Rua XV de Novembro. Neste cinema projetava suas filmagens e registros de acontecimentos importantes ocorridos na

cidade, evidenciando nos filmes sua preocupação com a qualidade artística. Os filmes de Annibal Requião faziam muito sucesso, em termos de cinema paranaense. Os temas, sempre locais, giravam em torno de assuntos diários como o cotidiano da cidade, inaugurações, funerais de pessoas célebres, quermesses. O filme de maior sucesso foi “A Viagem à Serra”, que foi reprisado várias vezes em Curitiba (CARVALHO; SAVAZZI; NASSER, 1988).

Anníbal Requião produziu cerca de 300 filmes, sendo quase todos encaminhados para a Cinemateca Brasileira, em São Paulo. Neste espaço se pretendia fazer uma reconstituição histórica do Brasil do período de 1911 a 1955. Entretanto, um incêndio, em 1957, destruiu todo o acervo da referida instituição. (KARAM; STECZ, 1980). A Cinemateca do Museu Guido Viaro, em Curitiba, encontrou e recuperou dois filmes do primeiro cineasta curitibano: “Pannorama de Curityba”, que se estima ser de 1912, ou antes, e “Carnaval em Curityba”, do final da década de 10, ou início da década de 20 (REFERÊNCIAS..., 1976). Portanto, quase nada resta da obra de Requião.

Para Karam e Stecz (1980), a família de Requião não deu muita importância ao seu trabalho, não soube reconhecer sua importância e por isso não teve interesse em preservar sua obra.

Nos anos 30 surge o cinema falado e os cinemas de bairro. Considerados de segunda categoria pelos frequentadores das grandes salas de projeção, atingem sua plenitude neste período. Com uma programação popular de filmes de ação e aventura, o Cine Morgenau, fundado em 1919 no antigo bairro Vila Morgenau, hoje Cristo Rei, é considerado o mais antigo do Paraná, persistindo até os dias atuais graças ao idealismo de Jorge de Souza, seu proprietário desde 1960. Após seu falecimento em 2009, o espaço passou a ser administrado por seu filho.

Ao longo do tempo o Cine Morgenau ocupou diferentes sedes e, por contingências econômicas, passou a exibir outra categoria de filmes, os pornográficos. Os filmes pornôis chegaram um ano após a mudança deste cinema para a Praça Rui Barbosa, em 1984. Curiosamente, contrapondo-se a esta programação *sui generis*, é de dentro do Cine Morgenau que surge a semente daquele que viria a ser o Cine Clube Anníbal Requião.

Como destacam Cristo e Miyakawa (2010, p. 41-42):

Em 1957, Jorge comprou seu primeiro projetor, um 16 mm, que usava para projetar filmes em sua própria casa e também em outros bairros, como Ahú e Guabirota. Foi fundado então uma espécie de cineclube, em que amigos e vizinhos se reuniam uma vez por semana para assistir aos filmes na casa dos Souza. Assim, o pequeno grupo começou a incomodar os grandes donos de cinema da época, que detinham as principais grades de programação.

Era o início de um novo ciclo na vida de Jorge de Souza. A ideia de montar um cineclube para reunir apaixonados pelo cinema nasceu daí. Aliás, a paixão pelo cinema era, e continua sendo, comum a todos os que se reúnem nesses encontros, que ainda se realizam mensalmente, num cômodo reservado dentro do próprio Cine Morgenau e, semanalmente, nas exhibições de filmes saudosistas na Biblioteca Pública do Paraná.

Nos primórdios do cineclube as reuniões aconteciam de improviso, nos mais variados locais, desde escolas até igrejas, além da própria casa do idealizador. Gradualmente, outros cinéfilos foram se juntando ao grupo, e as produções cinematográficas e filmes exibidos no cineclube passaram a ser comentados numa coluna sobre cinema, no jornal Gazeta do Povo. Com o fluir do tempo, no entanto, os integrantes do grupo começaram a se dispersar e deixaram de frequentar as sessões promovidas pelo cineclube. Mas aquelas reuniões faziam falta para Jorge de Souza, que gostava de organizá-las para os amigos cinéfilos. Foi então que, em 1983, o cineclube foi reaberto.

O jornalista cultural Aramis Millarch registrou o (re) nascimento do cineclube, em sua coluna diária *Tablóide*:

Curitiba tem um novo cine-clube. Chama-se Anníbal Requião, numa homenagem ao pioneiro cineasta paranaense e foi fundado há duas semanas. A iniciativa é de Tony Fernando, publicitário, cinemaníaco [...]. O novo cine-clube funciona no Cine Morgenau, com sessões de filmes de arte à meia-noite de sexta-feira e sábado. Para que este cine-clube seja mais bem sucedido do que dezenas de outros que desde os anos 50 vem sendo fundados, há um fator importante: os irmãos Jorge, Erasmo e Joaquim de Souza, proprietários do cinema, antes de verem este ramo como comércio, tem um amor raro à sétima arte. Tanto é que mantiveram por mais de 20 anos o antigo cine Morgenau, no bairro Seminário, e agora estão comendo o pão que o diabo amassou para conseguir pagar o alto aluguel da área na qual está instalado. Felizmente, agora os irmãos Coragem (como são chamados no meio cinematográfico) conseguiram também algumas fitas pornográficas, com cenas de sexo explícito, para melhorar as rendas. Jorge de Souza justifica a programação: - Para os filmes de

arte, teremos o cine-clube. Para pagar as prestações, impostos e outras despesas, vamos de pornografia (MILLARCH, 1983, p. 12).

Entretanto, dois fatores contribuíram para que os filmes do cineclube deixassem de ser projetados ali e passassem a ser exibidos no auditório da Biblioteca Pública do Paraná. Durante um evento sobre cinema, realizado nessa instituição cultural, um dos filmes foi mostrado obtendo grande sucesso, o que rendeu a Jorge de Souza o convite da direção da Biblioteca para que voltasse outras vezes para exibí-los (o que ocorre até hoje). O motivo que, definitivamente, impulsionou a transferência de espaço, refere-se ao fato de que a programação do Cine Morgenau, estritamente com filmes pornôis, constrangia alguns membros do cineclube, que se sentiam incomodados em frequentar o local.

As exibições de filmes saudosistas marcam uma parceria iniciada há quase três décadas entre o Cine Clube Anníbal Requião e a Biblioteca Pública. A continuidade do projeto **Cinema na Biblioteca** resultou na formação de um público fiel, que criou o hábito de frequentar regularmente as sessões semanais de cinema, todas as sextas-feiras, no final da tarde, no Auditório Paul Garfunkel da Biblioteca. Os filmes pertencem ao cineclube, ou melhor, ao acervo particular de Jorge de Souza, pesquisador e colecionador de cinema, coordenador e responsável pelas projeções gratuitas de filmes antigos aos frequentadores da Biblioteca Pública, desde 1983. Como forma de atrair e manter o público, garantindo seu retorno, além dos filmes são exibidos seriados antigos de faroeste, ou seja, fitas em capítulos, a exemplo das telenovelas, com curadoria e projeção feitas pelo próprio cinéfilo e, como enfatizam Cristo e Miyakawa (2010), há mais de duas décadas, todas as semanas, sem receber pelo trabalho, nem para a manutenção dos filmes ou para seu deslocamento.

Entre os frequentadores das sessões na Biblioteca, há aqueles que comparecem também às reuniões mensais que ocorrem no próprio Cine Morgenau, toda noite da última sexta-feira do mês, para uma confraternização. Alguns desses “integrantes cativos”, além de participarem da reunião mensal, vão, toda terça-feira, às 15h30, a um café da tarde, que também acontece no Morgenau (CRISTO; MIYAKAWA, 2010, p. 139).

Nessas reuniões, que acontecem ao lado da sala de projeção do cinema, com as paredes cheias de fotos e cartazes de filmes antigos, em meio a

pilhas de rolos de filmes e relíquias cinematográficas amontoadas por todos os cantos, representantes da época de ouro do cinema curitibano (a maioria com idade acima dos 60 anos) e outros novos integrantes que conheceram o cineclube nas projeções da Biblioteca Pública, cada um com seu jeito peculiar, discutem sobre assuntos relativos à sétima arte, trocam cópias de fitas e DVDs, buscam informações sobre como reproduzir uma película 35 mm em outros suportes e outras mídias ou sobre o funcionamento de aparelhos de última geração, conversam sobre cinema, filmes e artistas preferidos, sobre papéis e interpretações de atores em filmes de décadas passadas. Compartilham memórias, reúnem interesses comuns e reforçam laços de amizade.

Suas histórias, hoje reduzidas a discussões no Cine Clube Anníbal Requião, lembram que o ritual de ir ao cinema era diferente, tinha outro significado para essas pessoas. Até hoje se encontra quem lembre com carinho das salas do centro da cidade e o cineclube é um espaço para falar e reviver esse tempo.

A estreita ligação que se estabeleceu, com o transcorrer do tempo, entre o Cine Clube e a Biblioteca, pode ser acompanhada pelas notícias na imprensa paranaense. Um artigo de Aramis Millarch, intitulado *O Cine Clube dos anos de ouro do bom cinema* mostra a boa receptividade e o sucesso dessa atividade cultural.

Jorge de Souza, 59 anos, exibia na noite de segunda-feira, no auditório Paul Garfunkel na Biblioteca do Paraná, o mais dentifrício sorriso: apesar da concorrência de “O Retorno de Jedi” na Globo e da estréia de Jô Soares na SBT/TV Iguçu, nada menos que 100 cinemaníacos foram assistir “Flash Gordon no Planeta Mongo”, 1936 – de 12 capítulos reunidos num filme compacto que constitui uma das preciosidades do Cine Clube Anníbal Requião. Entre os espectadores, até o intelectual [...], *avis-rara* na noite, que raramente deixa sua biblioteca – mas que não resistindo ao apelo de rever imagens que povoaram seus sonhos de infância, foi rever Larry “Buster” Crabbe, como o loiro herói [...] num clássico do cinema de aventuras. Com a exibição de “Flash Gordon no Planeta Mongo”, foi oficialmente reinaugurada a cabine de 35 mm, que [...] servirá agora para movimentar, em termos de filmes de 35 mm, o auditório da Biblioteca Pública. Há muitos projetos de fazer daquele espaço um centro de atividades cinematográficas, especialmente com médias metragens e filmes de arte. [...] Fundado em 3 de setembro de 1983, [...] o “Anníbal Requião” é o único cineclube que atua na projeção de filmes “b”, velhos westerns etc; sem preocupações políticas – ao contrário dos outros cineclubes [...] Dirigido por senhores na faixa dos 50/60 anos [...] o “Anníbal Requião”, em vídeo e sessões com filmes em 16 mm, é uma fraternidade de apaixonados pelo cinema

dos anos 30/40, que tudo sabem, tudo viram, dos seriados, westerns e filmes de capa-e-espada que faziam o encanto nas décadas passadas (MILLARCH, 1988, p. 3).

Tido como o único dos cineclubes que desenvolve uma atividade realmente cinematográfica, o Cine Clube Anníbal Requião assumiu sua condição de cine clube da nostalgia, com um excelente acervo de faroestes de grandes e pequenos estúdios dos anos dourados de Hollywood. As projeções vespertinas, em colaboração com a Biblioteca, servem para que a nova geração conheça os heróis e bandidos que fizeram as crianças dos anos 30/50 vibrarem nas matinês dos cines Broadway, Odeon, América e Curitiba, entre outros.

O Cine Clube Anníbal Requião tem aquilo que é fundamental: entusiasmo e idealismo de seus dirigentes. Com o falecimento do seu idealizador, fundador e presidente Jorge de Souza, em 2009, os associados e a diretoria resolveram homenageá-lo, passando a chamar-se, a partir de fevereiro de 2011, Cineclube Jorge de Souza, mantendo a continuidade de suas atividades.

Antes chamado “Anníbal Requião”, o projeto mudou de nome em homenagem ao seu fundador. Jorge de Souza, falecido em 2009, também foi fundador do Cine Morgenau, um dos protagonistas da história do cinema de rua da cidade. Após ter passado por diversos locais, o cineclube encontrou na Biblioteca Pública do Paraná um espaço para a mostra dos filmes e seriados clássicos integrantes do acervo pessoal de mais de cinco mil títulos que Souza foi construindo ao longo de uma vida dedicada ao cinema (OS CLÁSSICOS..., 2011, p. 1).

#### 6.1.2.2 Oficina permanente de poesia

Para o filósofo norte-americano Ralph Waldo Emerson, o homem é apenas a metade de si mesmo. A outra metade é a sua expressão.

Se as instituições de ensino e cultura ficarem apenas no racional, no lógico, o apagão da sensibilidade continuará sendo a mais trágica das trevas que envolve as relações humanas. Mesmo com tanto avanço científico, se não houver o desenvolvimento espiritual, seremos sempre a metade de nós mesmos.

Não expressar-se é despersonalizar-se, desumanizar-se, desnaturalizar-se. O ser humano sem a poesia, sem a sua expressão sensível, se suprime, não exterioriza as suas potencialidades.

Reside aí o empenho da Oficina Permanente de Poesia na busca da propagação do poético, quer por meio da produção e da leitura como da audição do texto poético, tanto dentro quanto fora de seu espaço físico.

A Sala do Poeta do Paraná, fundada por Pompília Lopes dos Santos em 07 de abril de 1973, nasceu do idealismo de Alzira Bittencourt, pioneira em muitas realizações.

Como a nova entidade surgiu no seio da Academia Feminina de Letras do Paraná, para a mesma não se organizou uma diretoria especial. Pompília Lopes dos Santos passou a exercer a presidência das duas entidades com a diretoria da própria Academia Feminina de Letras. Em 1974, a presidência da Sala do Poeta foi entregue a Nair Cravo Westphalen, que organizou seu primeiro estatuto e deu posse à primeira diretoria. Em 1989, com seu falecimento, a vice-presidente Vera Vargas, não podendo assumir a presidência da entidade, convocou uma assembleia na qual foi eleita Roza de Oliveira, que tomou posse no dia 16 de junho de 1989.

Professora de literatura brasileira, Roza de Oliveira defendeu em 1988 dissertação de mestrado sobre a poesia de Tasso da Silveira, intitulada *As imagens do ar nos poemas de Tasso da Silveira*, na Universidade Federal de Santa Catarina, posteriormente publicada pela Secretaria de Estado de Cultura do Paraná, em 2001. Ligada ao ensino desde a adolescência, a escritora transferiu-se para Curitiba, passando a lecionar na Universidade Tuiuti do Paraná.

Visceralmente poeta, antes de tudo, distingue-se como trovadora e declamadora de mérito indiscutível, além de ter dado importante contribuição ao ensaio literário e à ficção infantil (contos), dentre outros gêneros. Artista da poesia totalmente envolvida com sua arte, declama como poucos e é dotada de uma extraordinária memória, que muito a auxilia nas apresentações de improviso. Erudita no conhecimento teórico da arte poética, amante das grandes vozes da poesia brasileira, independentemente de estilos e de época, surpreende com a sua versatilidade e íntimo convívio com a poesia. Escritora respeitada, espalha poesia por toda a parte, em eventos, palestras e conferências, declamando o poema que a emociona, revelando-se uma poeta seletiva e cuidadosa com sua sensibilidade e seu critério estético.

Em 17 de setembro de 2002, a Sala do Poeta do Paraná passou a denominar-se, por deliberação unânime de seus associados efetivos e titulares, Academia Paranaense da Poesia.

A partir desta data, a Academia Paranaense da Poesia organizou e editou seu próprio estatuto, tendo por base o estatuto da antiga Sala do Poeta, com adaptações para a recém-fundada Academia.

A Academia Paranaense da Poesia desenvolve, desde então, quatro projetos mensais e um anual, para divulgar a poesia muito além das quatro paredes de um único auditório:

- a) Oficina Permanente de Poesia, na Biblioteca Pública do Paraná (Projeto em parceria da Academia com a Biblioteca), todas as quintas-feiras, das 18 às 20 horas;
- b) Sábado da Seresta, na antiga Confeitaria Iguaçu, café colonial com música e declamação de poemas, todo segundo sábado de cada mês, das 17 às 21 horas;
- c) Tarde de Música e Poesia, no Centro de Letras do Paraná, toda terceira terça-feira de cada mês, das 17 às 18h30;
- d) Almoçando com Música e Poesia, no Ponto Gira Grill Churrascaria, no último sábado de cada mês, das 12 às 15 horas. Estes quatro projetos não acontecem em feriados e em épocas de férias escolares. O quinto projeto é anual;
- e) Recital Natalino, em fins de novembro ou começo de dezembro. Deste projeto participam todos os acadêmicos titulares.

Na primavera de 2002 iniciam-se as atividades literárias da Oficina Permanente de Poesia na Biblioteca Pública do Paraná, a princípio em colaboração com a Universidade Tuiuti do Paraná, até junho de 2003. A partir de agosto deste mesmo ano, a parceria do Projeto passa a ser entre a Biblioteca e a Academia Paranaense da Poesia, sempre sob a coordenação da Professora Roza de Oliveira.

A Oficina Permanente de Poesia continua no seu empenho de desenvolver a audácia do devaneio construtivo, do saber intuitivo que floresce

naqueles que sonham lendo, ouvindo e construindo seus textos poéticos, intensificando o processo de integração com a comunidade por meio das mais variadas atividades poéticas, dentre as quais se destacam:

- a) Aulas teóricas sobre poesia, abordando aspectos das obras de poetas paranaenses, brasileiros, portugueses e de outras nacionalidades;
- b) Aulas práticas de incentivo à produção do texto poético;
- c) Varais de poesias;
- d) Tribunas livres com declamação de poemas em sala de aula;
- e) Tribunas livres com declamação de poemas no saguão de entrada da Biblioteca, visando a interação dos participantes da oficina com os outros usuários;
- f) Exposição de textos poéticos produzidos pelos participantes, no Mural Livre, no segundo andar da Biblioteca.

A Oficina emprega o método expositivo, por intermédio das linguagens visual e oral, e tem por objetivos: multiplicar as atividades que envolvam o fazer poético, desenvolver a consciência estética e o exercício da declamação em público da produção poética dos participantes, pois a poesia só se concretiza na oralidade.

Deste voluntariado da poesia, como se costuma denominar os professores que ministram aulas sem receber nenhuma remuneração, já participaram poetas membros das Academias da Poesia de Curitiba, Maringá, Guarapuava e da Argentina.

Extensivamente, tendo por modelo a oficina permanente de poesia da Biblioteca Pública do Paraná, foi criada na biblioteca pública da cidade vizinha de Campo Largo uma oficina permanente de poesia, contos e crônicas.

Esse grupo coeso de poetas, que todas as quintas-feiras se reúne numa das salas da Biblioteca Pública do Paraná, tem por finalidade comum participar, ensinar, compreender, escrever seu texto poético e declamar.

O grupo é heterogêneo, tanto pelas aptidões intelectuais, profissionais e pela faixa etária, mas é homogêneo no desejo de compreender e

expressar o mais sutil de todos os conhecimentos: o conhecimento subjetivo que, diferente do conhecimento lógico, técnico, científico, perpassa pelas vias da sensibilidade, dos sonhos e das emoções.

Há no grupo poetas titulares das cadeiras poéticas da Academia Paranaense da Poesia, com vários livros publicados, alguns vencedores em concursos no Brasil e no exterior, como também poetas iniciantes que se confraternizam e trocam experiências, provando que no universo da poesia sempre há algo para se aprender, assim como em qualquer ramo do conhecimento.

A emoção que o texto poético proporciona é a de quem se contempla e se espelha na sua criação, ou na de outro poeta que, por mais ingênua ou simples que seja, é única e reveladora de sua alma. Segundo Helena Kolody, os olhos que mergulham no poema completam o circuito da poesia.

Inúmeros são os testemunhos, sob a forma de cartas ou versos, do impacto que a Oficina de Poesia exerce nas pessoas que a frequentam. A coordenadora mediadora Roza de Oliveira é referência sempre lembrada:

Querida e doce poetisa Rosa de Oliveira,  
 Contribuiu a vossa ajuda, o seu coração.  
 Através da poesia ganho benefícios, que nenhum bem material pode dar: a consciência livre para *pensar e sonhar*. Com todo o empenho possível, o *equilíbrio* natural e tranqüilizador de minha anima-animus (castanheira ou Castanheiro!?) tenho ganho consciência com este “*alimento da alma*” – embora fugitivo este instante - que somente a poesia tem proporcionado em meu recalque. Recalque que forma um grande universo de *ilusões fingitivas*. A vontade que meu coração possui no momento, é de grande gratidão pela sua pessoa. E mais, a vontade de estudar e contribuir para que a *qualidade de vida* seja um bem social. Despertar em outras pessoas a alegria dos cordéis e dos poemas positivos em seu instante de imaginação criadora. Com que felicidade os poetas nos tranqüilizam! Em seu canto benfazejo... neste mesmo instante - naturalmente – você percebe que as leituras que aconselhou, especialmente *Bachelard*, foi de imensa ajuda. Estou tentando melhorar a minha mudez e meu inefável comportamento. Como isto é difícil... Mas eu não desisto e sei que um dia estarei falando mais. Afinal a vontade de falar e a “minha criança” estão ficando corajosos.  
 Rosa de Oliveira, tenho trabalhado muito, e às vezes o trabalho atrapalha nossas atividades paralelas: estudo e lazer. Espero conversar mais com você.  
 Obrigado.  
 De seu grato amigo  
 Rafael Hansen Candia

Querida Rozinha,

Você me acolheu na Oficina de Poesia com os braços abertos, disposta a compartilhar a sua espiritualidade comigo e com todas as pessoas que adentrassem aquele mundo poético.

Sou grata, aprendi a amar a poesia de uma maneira que eu jamais experimentara antes.

Agora a minha casa precisa de mim. Diante disso, vou me afastar das Oficinas sem deixar de fazer poesias.

Você e o Júlio são pessoas muito queridas e não me esquecerei do carinho com que me trataram. Enviarei notícias minhas e espero receber notícias de vocês, um casal que passa valores de respeito, lealdade, companheirismo e amor ao próximo.

Um beijo e um abraço apertado, saúde para vocês e que o caminho de luz que vocês trilham continue iluminando o caminho de todos aqueles que estejam dispostos a compreender o que é o sentido maior da vida.

Yayá.

Professora, parabéns pelo seu dia!

Obrigado por fazer parte de minha formação acadêmica, pelo ensino, dedicação e apoio. Sua presença é latente em cada passo de minha vida, pois me espelho em tudo aquilo que você me ensinou e transmitiu.

Um forte abraço.

Alvaro

(Alvaro Polset frequentou bom tempo a Oficina e inspirado nela fez o curso de Letras)

O Encanto da Sabedoria

O que escolhemos para nossa vida é fruto de uma avaliação que fazemos todos os dias. Em nosso íntimo buscamos o que é melhor para nós, aquilo que nos falta e o que nos completará.

Sempre gostei muito de ler e escrever e quando me mudei para Curitiba, cerca de oito anos atrás, fui conhecer a Biblioteca Pública do Paraná. Era uma quinta-feira e vi no programa *Oficina Permanente da Poesia*. A sensação que tive ao ver aquele grupo reunido estudando poetas, neles se inspirando e declamando seus próprios poemas é a mesma que perdura até hoje. Sempre que vou aos encontros é como estar investindo em mais uma página escrita com a alma. Fiz muitos cursos de literatura, mas foi participando desse grupo, ouvindo sobre poetas maravilhosos e, sobretudo, pela presença de sua moderadora Roza de Oliveira, pequena em estatura, porém um gigante em nos transmitir todo o seu ensinamento e paixão pela vida, pela poesia e pela literatura em geral, que resolvi fazer um curso mais abrangente e por isso escolhi Letras. Com certeza, quando terminar o curso, terei uma bagagem de vida mais enriquecida, mas ainda haverá espaço e prazer para novos conhecimentos.

Consolação Soranço Buzelin

## 7 METODOLOGIA

Pesquisar é buscar descobrir respostas para problemas, com o auxílio de procedimentos científicos.

Minayo (1994) vê a pesquisa como uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, ao fazer uma combinação particular entre os dados e a teoria.

Entretanto, confrontar a visão teórica com os dados da realidade requer um modelo conceitual e operativo para a pesquisa, que se apresenta como um processo não plenamente previsível ou controlável, permanente e intrinsecamente inacabado.

No entendimento de Demo (1985, p. 19):

A metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia.

Nesse sentido, seguir uma metodologia significa escolher um caminho para alcançar os objetivos. O sucesso dependerá do procedimento adotado. Mas, não raras vezes, o percurso precisará ser reinventado a cada nova etapa da trajetória.

O presente trabalho tem por objetivo uma investigação prática e, portanto, por sua natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, assumindo forma de estudo descritivo. Entende-se por pesquisa aplicada aquela que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20).

Para Cervo, Bervian e Silva (2007), o que distingue a pesquisa aplicada da pesquisa pura é a sua finalidade prática, a busca de soluções para problemas efetivos e imediatos. É a transformação do resultado da pesquisa em ação concreta.

Destaca Gil (2002) que o escopo da pesquisa descritiva é descrever as características de determinada população ou de um fenômeno, além de estabelecer correlações entre variáveis. Utiliza-se, neste caso, de técnicas padronizadas de coleta de dados, como a observação.

A pesquisa descritiva é especialmente utilizada nas ciências sociais e humanas, em particular quando não há registro documental dos problemas que serão objeto de estudo.

Como os dados coletados devem ser ordenadamente registrados e organizados, cumpre salientar que:

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 81-82).

Para a construção da proposta metodológica de analisar de que forma as atividades culturais, sob o prisma da mediação da informação, dinamizam e transformam a Biblioteca Pública do Paraná num instrumento de ação cultural, foi realizada uma pesquisa qualitativa, fundamentada em um estudo de caso.

Entende-se por pesquisa qualitativa aquela que:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20).

Infere-se, portanto, que na pesquisa qualitativa o observador é parte integrante do processo do conhecimento, cabendo a ele interpretar e atribuir um significado aos fenômenos, conectando a teoria explicativa aos dados ou fatos coletados da própria realidade.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, para a viabilização da pesquisa será utilizada a metodologia de estudo de caso. Lüdke e André (1986) enfatizam que o estudo de caso, além de se desenvolver numa situação natural, tem

um plano aberto e flexível, focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada e é rico em dados descritivos.

Gil (1999) considera que o estudo de caso consiste no estudo exaustivo e aprofundado de um ou de poucos objetos, de forma que possibilite seu amplo e detalhado conhecimento.

De forma complementar, Yin (2005) ressalta que se trata de um método que está preocupado em responder questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco ou nenhum controle sobre os acontecimentos e se dedica a investigar um fenômeno contemporâneo. Como são generalizáveis a proposições teóricas, ao optar pelo estudo de caso o pesquisador tem por objetivo expandir e generalizar teorias (generalização analítica), em contraposição a enumerar frequências (generalização estatística).

Em suma, esta opção pela abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, se caracteriza pelo caráter peculiar do objeto investigado, pela necessidade de coletar os dados em profundidade, pela ênfase dada na interpretação contextual, pela possibilidade de compreender a natureza e a complexidade desta situação social, pelas múltiplas fontes de informação e diferentes pontos de vista encontrados no mesmo contexto e, sobretudo, por se tratar de uma área na qual poucos estudos têm sido realizados.

Ressalte-se, no entanto, que a eficácia na aplicação do método dependerá, em grande parte, do próprio pesquisador, ou seja, de suas percepções sobre os significados dos fenômenos pesquisados, calcadas em sua capacidade de interpretação e julgamento.

O foco de investigação deste trabalho se encontra em observar, descrever e analisar as atividades culturais mediadas, desenvolvidas no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná, com a finalidade de verificar de que maneira a relação dos usuários com estas práticas culturais transformam esta unidade informacional num efetivo instrumento de ação cultural.

O universo pesquisado delimitou-se aos usuários que participam de duas atividades culturais específicas, promovidas pela Divisão de Difusão Cultural desta Biblioteca, - o Cine Clube Anníbal Requião/ Cineclube Jorge de Souza e a Oficina Permanente de Poesia -, atividades selecionadas pelos seguintes critérios e peculiaridades:

- a) Permanência e continuidade (são aquelas que se desenvolvem de forma ininterrupta e permanente, há mais tempo na programação cultural da Biblioteca);
- b) Representatividade na participação (envolvem um número maior e constante de usuários, com características próprias);
- c) Colaboração, articulação e cooperação intermuros e extramuros (projetos que se desenvolvem em parceria com outras entidades, abrindo a Biblioteca para a comunidade e o mundo para a Biblioteca) e, especialmente;
- d) Pelas suas características multimídias (agregam som/ imagem/ texto).

O trabalho de campo possibilitou a formação de um conjunto comprobatório de informações que, após coletadas, reunidas e organizadas, apoiaram e fundamentaram a análise e discussão dos resultados.

A coleta de dados processou-se em duas fases:

- a) Fase 1 - Estudo bibliográfico/documental da instituição (BPP) e das atividades culturais escolhidas (Oficina Permanente de Poesia e Cineclubes Jorge de Souza) e entrevistas com os coordenadores dessas atividades;
- b) Fase 2 – Observação participativa.

A primeira fase da pesquisa envolveu duas etapas: a primeira, constituída de revisão bibliográfica e consultas a fontes documentais, realizadas na Biblioteca Pública do Paraná e na Divisão de Difusão Cultural, que é o setor responsável pelas atividades culturais, serviu para delimitar o perfil deste espaço informacional e para mapear funções e atribuições dentro da estrutura organizacional.

A segunda parte centrou-se em entrevistas com os dois coordenadores das atividades selecionadas, que são colaboradores externos e não pertencentes ao corpo funcional da Biblioteca. Consideradas pessoas-chave, pela importância e pelo papel que desempenham no contexto investigado, puderam fornecer muitas informações sobre o grupo e sobre as atividades que coordenam.

As entrevistas foram despadronizadas e não estruturadas, isto é, sem a rigidez de um roteiro, para se poder explorar mais amplamente algumas questões.

A escolha da entrevista, como instrumento de coleta de dados, se justifica por ser ela adequada à obtenção de informações que não se encontram registradas em nenhuma fonte documental, mas que podem ser fornecidas por certas pessoas.

A entrevista se configura como uma boa oportunidade para o entrevistado se expressar livremente sobre o assunto, explorando o que ele sabe, espera, faz ou pretende fazer acerca do objeto de estudo.

Na segunda fase, iniciada a partir das entrevistas, ocorreu a observação participante, realizada pela pesquisadora durante o transcurso das atividades culturais desenvolvidas no cenário desta pesquisa, centrada numa amostragem de duas exposições de filmes e duas sessões da oficina de poesia. Ressalte-se que a amostra foi não-probabilística, ou seja, composta por acaso, com pessoas que foram aparecendo nas atividades, por diversos elementos constantes do universo e, inclusive, intencionalmente foram escolhidos alguns casos representativos da opinião da população/universo.

Conforme Cerro, Bervian e Silva (2007, p. 31) é pela observação que se obtém o conhecimento claro e preciso do objeto. Sem ela, “o estudo da realidade e de suas leis seria reduzido à simples conjectura e adivinhação”.

Adotando a classificação de Lakatos e Marconi (1988, p. 170), a observação foi sistemática e participante. A observação sistemática é aquela que é estruturada, planejada e controlada. Caracteriza-se pelo planejamento prévio e a utilização de anotações, controle do tempo e da periodicidade e o uso de recursos técnicos, mecânicos e eletrônicos. O planejamento e as condições controladas buscam responder aos propósitos preestabelecidos.

Neste trabalho de campo, o roteiro da observação contemplou alguns tópicos estruturados, visando à caracterização do universo, à análise das atividades de ativação cultural como meio no processo de apropriação da informação e à identificação das necessidades informacionais dos usuários que procuram e usam estes serviços, dentre outros pontos que tenham correlação com as questões formuladas nesta pesquisa.

Por outro lado, a observação participante ocorre quando o observador, em contato direto com os observados, procura torna-se um membro do grupo, se envolve e deixa-se envolver, compartilha as experiências de vida para melhor compreender hábitos e convenções sociais, interage deliberadamente e passa a fazer parte do objeto da pesquisa. É pela observação que o investigador poderá captar dados, símbolos e particularidades que não seriam viáveis em uma observação quantitativa. Contudo, exige que se tenha um rigor metodológico, não sendo considerada uma prática simples, mas repleta de dilemas teóricos e práticos que devem ser gerenciados pelo próprio pesquisador.

Yin (2005) destaca que a observação participante pode acontecer enquanto o pesquisador assume funções dentro do grupo e participa dos eventos estudados.

O entendimento de Whyte (*apud* VALLADARES, 2007, p. 153-154) acerca da observação participante foi norteador para a condução da pesquisa de campo.

Whyte (2005) enumera os “dez mandamentos da observação participante”:

1. É um processo longo que não se resume a um único momento;
2. O pesquisador não dispõe do controle da situação e precisa estar preparado para lidar com situações inesperadas;
3. É preciso haver interação entre o pesquisador e os pesquisados, pois muitas respostas e informações dependerão de como se comporta e se relaciona com o grupo estudado;
4. O pesquisador deve se diferenciar do grupo investigado, pois seu papel é outro, portanto, não poderá haver imersão total;
5. Deve haver um mediador, um intermediário, um informante-chave que dissipará as dúvidas entre o pesquisador e o grupo ou a comunidade sobre a qual se pesquisa. É com ele que o observador poderá contar para esclarecer algumas incertezas ao longo da investigação;
6. O pesquisador é um observador que também estará sendo observado, controlado e avaliado pelo grupo, durante todo o tempo;

7. Todos os sentidos serão utilizados no trabalho de campo: é preciso saber ouvir, escutar, ver e, sobretudo, saber quando perguntar ou quando não perguntar e, principalmente, no momento certo, o que perguntar;
8. O pesquisador deve se autodisciplinar, desenvolvendo uma rotina de trabalho que lhe permita observar e anotar sistematicamente, organizando os dados obtidos;
9. A pesquisa é um aprendizado. Deve-se saber tirar proveito e aprender com os erros cometidos durante a investigação;
10. O grupo ou a comunidade sempre espera do pesquisador um retorno dos resultados obtidos com sua pesquisa.

Para atender aos objetivos propostos, a observação buscou o registro dos fatos ou fenômenos sem os controlar. Verificou-se que, após a escolha da metodologia, do tipo de pesquisa e dos instrumentos e técnicas de coleta de dados utilizados, ainda houve a necessidade de se analisar as informações coletadas, então, se entende que todo estudo é qualitativo e também quantitativo, como fica explícito na obra de Goode e Hatt (1979, p. 398-399),

[...] a pesquisa moderna deve rejeitar como uma falsa dicotomia a separação entre estudos 'qualitativos' e 'quantitativos', ou entre ponto de vista 'estatístico' e 'não estatístico'. [...] As questões fundamentais a serem propostas sobre todas as técnicas de pesquisa são aquelas relacionadas com a precisão, fidedignidade e relevância dos dados e suas análises. [...] Além disso, não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua a ser uma qualidade. A quantificação simplesmente assume maior precisão e fidedignidade na medida de qualidades que não são consideradas importantes [...].

O processo de análise da significação dos dados sistematizados foi realizado amparado no método fenomenológico e estudo interpretativo. Combinar métodos distintos pode contribuir para o enriquecimento da análise.

Diferentes maneiras de tratar o fenômeno geram formas distintas de perceber e interpretar significados e sentidos do objeto pesquisado. Entretanto, eles não se opõem e nem tampouco se contradizem, visto que aquilo que se busca na análise não é a forma com que os fatos se revestem, mas o sentido.

Ao se preocupar com a descrição direta da experiência tal como ela é, o método fenomenológico revela que a realidade é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Então, essa realidade não é única: existem tantas realidades quantas forem as suas interpretações e comunicações. O sujeito/ator é reconhecidamente importante no processo de construção do conhecimento (GIL, 1999).

Vincular o conhecimento ao fenômeno estudado e o signo ao significado dependerá, no entanto, da visão de mundo e do referencial do pesquisador, matéria da qual se constitui o arcabouço de interpretação que lhe servirá de base na análise e apresentação dos resultados desta pesquisa.

Corroborando com Demo (1996, p. 34), a pesquisa é uma atividade cotidiana, uma atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.

## 7.1 CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa se efetivou no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná, particularmente nos espaços destinados à realização das atividades culturais foco desta pesquisa, coordenadas pela Divisão de Difusão Cultural, responsável pela ação cultural na Biblioteca.

As sessões de cinema do Cine Clube Anníbal Requião/Cineclubes Jorge de Souza aconteceram às sextas-feiras, das 17h30 às 20h, no Auditório Paul Garfunkel, localizado no 2º andar da Biblioteca, com capacidade para 154 pessoas.

Os encontros da Oficina Permanente de Poesia aconteceram às quintas-feiras, das 18h às 20h, na Sala de Reuniões localizada no 3º andar da Biblioteca, com capacidade para 40 pessoas.

## 7.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram os coordenadores/mediadores e os usuários que participaram dos encontros literários da Oficina Permanente de Poesia e das sessões de cinema do Cine Clube Anníbal Requião/Cineclubes Jorge de Souza.

A amostra foi constituída de duas exibições de filmes e duas sessões da oficina de poesia. Ressalte-se que, como foi anteriormente exposto, a amostragem foi não-probabilística, ou seja, composta aleatoriamente dentre os diversos elementos constantes do universo. De forma intencional foram selecionados alguns casos julgados exemplares, típicos e/ou representativos da opinião da população/universo.

A seleção de um subgrupo que representou toda a população-alvo, ou parte desta, constituiu-se em uma amostragem por tipicidade, que pareceu ser a mais indicada neste trabalho, pois se coadunou muito apropriadamente com a característica de estudo qualitativo, para o qual não se exige demasiado rigor estatístico.

## 8 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Esta pesquisa qualitativa foi direcionada ao longo de seu desenvolvimento. Não buscou enumerar ou medir eventos e não empregou instrumental estatístico para a análise dos dados. Seu foco de interesse foi amplo e partiu de uma perspectiva diferenciada da adotada pelos métodos quantitativos. Dela fez parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo da pesquisadora com a situação objeto de estudo, que procurou entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situar e embasar sua própria interpretação a respeito deles.

O trabalho de descrição teve caráter fundamental neste estudo qualitativo, sendo por meio dele que os dados foram coletados e apresentados. Conforme ressalta Godoy (1995), existe um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa qualitativa, ou seja: o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, o caráter descritivo, o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador e o enfoque indutivo.

### 8.1 RELATÓRIO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas pela própria pesquisadora, na primeira quinzena do mês de outubro de 2011. Embora não padronizadas, o que permitiu aos entrevistados expressarem-se livremente sobre os assuntos abordados, continham tópicos que guiavam à problemática central (Apêndice A).

A entrevista é um processo de interação social que tem por finalidade obter informações do entrevistado em torno do tema estudado. Para Minayo (1993), a entrevista privilegia a obtenção de informações por meio da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, transmitindo, por intermédio de um porta-voz, representações de determinados grupos.

No caso específico desta pesquisa, os relatos dos entrevistados, considerados pessoas-chave nas atividades culturais mediadas, desenvolvidas no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná, contribuíram para a compreensão do papel por elas desempenhado nesse processo (o que sabem, o que sentem, como se

veem, o que esperam, o que fazem ou fizeram e suas explicações ou razões a respeito dos fatos precedentes), para apontar como se iniciaram essas atividades na BPP, sinalizando como essas práticas culturais possibilitam aos usuários transformar este espaço informacional num efetivo instrumento de ação cultural.

A coleta de dados se deu em dias diferentes, com datas preestabelecidas para as entrevistas, de acordo com a disponibilidade de cada profissional entrevistado.

### 8.1.1 Cineclube Jorge de Souza

O atual coordenador das sessões de cinema saudosista na Biblioteca Pública do Paraná é Jorge Luiz de Souza, presidente do Cineclube Jorge de Souza. A entrevista foi realizada na sede do Cineclube, com a presença de alguns associados, que interagiram em muitos momentos.

**Figura 2** – Reunião semanal do Cineclube Jorge de Souza na atual sede Jorginho é o 1º à esquerda, sentado. Outubro de 2011



**Fonte:** A autora (2011)

Jorginho, como é chamado, nasceu e se criou dentro das salas de exibição, em meio aos filmes, sempre acompanhando seu pai, Jorge de Souza, idealizador do Cine Clube Anníbal Requião.

**Figura 3** – Reunião mensal do Cine Clube Anníbal Requião na antiga sede Jorge de Souza é o 1º à esquerda e Jorginho é o 1º à direita



**Fonte:** Arquivo do Cine Clube Anníbal Requião (1989)

Para ele, inicialmente é preciso falar um pouco sobre seu pai. Recorda que Jorge de Souza nasceu próximo daquilo que seria o seu destino: O Cine Morgenau, da Curitiba de 1929. Tinha cinco irmãos e, quando não estava na escola, se dirigia ao antigo cinema, fosse para assistir a algum filme, ou para trocar figurinhas e gibis. Assim que teve idade suficiente, conseguiu trabalhar como auxiliar de operador de cabine. Depois de algum tempo, foi efetivado e chegou a ser o próprio operador, o que era uma profissão de elite. Para complementar sua renda, trabalhou também em uma companhia aérea, mas, assim que teve oportunidade, voltou a dedicar-se inteiramente ao cinema. Quando o proprietário resolveu se desfazer do Cine Morgenau, Jorge, com a ajuda dos irmãos, decidiu comprar o negócio. Nos anos seguintes, mudaram-se várias vezes: do Cristo Rei, da Praça Rui Barbosa e da Praça 19 de Dezembro, até sua última sede, na Rua Conselheiro Laurindo. Na década de 1980, o cinema já havia perdido parte de seu prestígio e

Jorge tomou uma difícil decisão: passou a exhibir filmes eróticos (pornôs). Aos amigos se justificava, dizendo que só havia mudado o foco de seu cinema para poder continuar trabalhando com a sétima arte. “*Não sei fazer outra coisa na vida*”, dizia ele.

**Figura 4** – Reunião mensal do Cine Clube Anníbal Requião na antiga sede Março de 1984. Jorge de Souza é o 3º à esquerda, em pé



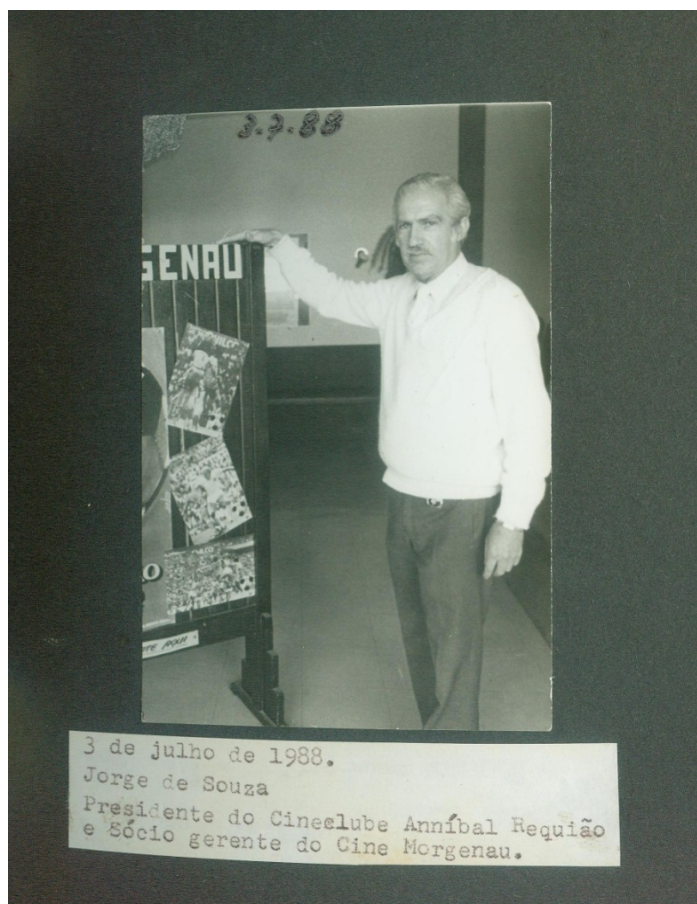
**Fonte:** Arquivo do Cine Clube Anníbal Requião (1984)

No Cine Morgenau aconteciam também as reuniões do Cine Clube Anníbal Requião, formado por amantes do cinema antigo, sempre na última sexta-feira do mês. Eram momentos de felicidade para Jorge. Nessas ocasiões ele podia fazer o que mais gostava, falar sobre cinema, especialmente o dos anos 1940 e 1950. Pelos frequentadores era considerado uma enciclopédia, tinha na ponta da língua todas as informações sobre o enredo, elenco, produção, brigas de diretores, novos contratos, e tudo mais sobre aquela época.

Era religioso e, fato curioso, todo ano, na sexta-feira santa, tirava os cartazes eróticos das paredes do cinema e projetava o filme *Paixão de Cristo*. Jorginho, que é um dos dois filhos de Jorge, lembra da tristeza de seu pai por não ter conseguido um espaço próprio para montar um Museu do Cinema, onde ele poderia expor seu tesouro, composto por seus livros, filmes, revistas e os mais

diversos documentos sobre cinema. Organizar e catalogar tudo, que era o sonho do pai, agora é a luta de seu filho.

**Figura 5** – Jorge de Souza em julho de 1988



**Fonte:** Arquivo do Cine Clube Annibal Requião (1988)

Após o falecimento de Jorge de Souza aos 80 anos, de problemas cardíacos, em 29 de outubro de 2009, uma eleição foi realizada entre os associados, para definição do novo Conselho Diretor do Cine Clube Annibal Requião, sendo aclamado como presidente seu filho Jorge Luiz. Posteriormente, em fevereiro de 2011, em reunião entre seus membros e a diretoria, decidiu-se que o Cine Clube passaria a ser denominado Cineclubes Jorge de Souza (já adotando a nova ortografia), em homenagem a seu idealizador e fundador. Alguns associados questionaram a troca de nome do tradicional cineclubes, mas renderam-se perante a maioria, pelas evidências e pelo mérito da escolha.

Jorginho frisou que frequenta as atividades do Cineclubes desde sua fundação, em 03 de setembro de 1983. Para ele, isso representa um legado que o

pai deixou. Diz não saber tudo o que o pai sabia, mas que gosta muito de cinema e não se cansa de admirar o conhecimento que ele possuía, achando impressionante sua capacidade de reter tantos dados sobre um determinado filme como ele o fazia. Pessoalmente, vê e sente o Cineclube como um lugar de relembrar bons momentos do passado. Um espaço de encontro de amigos, de falar de assuntos variados, de cinema, de teatro, de questões técnicas, de gravação.

**Figura 6** – Associados do Cine Clube Anníbal Requião. Setembro de 1985



**Fonte:** Arquivo do Cine Clube Anníbal Requião (1985)

O Cineclube Jorge de Souza é composto por cerca de 40 associados, o mais velho com 86 anos e o mais novo com 45. Destes, apenas um membro é do sexo feminino, tendo sido recentemente admitida no grupo. Muitos desses associados vieram fazer parte do grupo em função da atividade desenvolvida na Biblioteca Pública do Paraná.

**Figura 7** – Associados do Cineclube Jorge de Souza. Outubro de 2011



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2011)

Desde setembro de 2011 o Cineclube Jorge de Souza tem sede própria, fruto do esforço e da ação conjunta entre seus associados. Hoje, ocupa uma sala comercial na região central de Curitiba, onde está sendo possível juntar o precioso material que estava espalhado em diferentes locais, organizar o acervo e catalogar os filmes, cartazes e livros. Com a morte do fundador, todos começaram a compartilhar as tarefas e as decisões. Atividades que Jorge de Souza fazia sozinho e os outros acompanhavam, agora são divididas entre todos. Para manter esse espaço físico os associados contribuíram como puderam, além das mensalidades, com mobiliário, eletrodomésticos e objetos decorativos. As reuniões, que antes aconteciam à noite, na última sexta-feira do mês, agora são semanais e se realizam nas tardes de terça-feira.

Para Jorginho, a Biblioteca Pública do Paraná oportunizou a exibição de filmes considerados como o verdadeiro cinema. Ali, seu pai reviveu a possibilidade de poder mostrar ao público o que ele considerava ser uma genuína sessão de cinema, composta de um seriado, um longa-metragem, um desenho e um curta. A Biblioteca abriu as portas para este tipo de programação. Não acredita que, sem a colaboração desta instituição durante todos esses anos, teria a atividade do Cineclube durado tanto tempo num único lugar. Como ele enfatizou, *“o nome disso é amor e perseverança, e não só exibição de filmes”*.

**Figura 8** – Palestra e exibição de filme no Auditório da Biblioteca Pública do Paraná. Setembro de 1985



**Fonte:** Arquivo do Cine Clube Anníbal Requião (1985)

Finalizando, declarou emocionado que as últimas palavras de seu pai foram *“cuidem bem de meus filmes e não deixem de passá-los na Biblioteca”*. *“Isto denota o valor que ele dava à Biblioteca e o carinho que tinha por este espaço cultural, que significava muito para ele”*. Em seguida, reafirmou que a Biblioteca lhe deu a oportunidade de continuar o trabalho. E acredita que *“a cada sessão do Cineclube, às sextas-feiras, a Biblioteca Pública do Paraná estará sempre homenageando a memória de Jorge de Souza e a todos aqueles que apreciam e amam a sétima arte”*.

**Figura 9** – Palestra e exibição de filme no Auditório da Biblioteca Pública do Paraná. Novembro de 1986



**Fonte:** Arquivo do Cine Clube Anníbal Requião (1986)

### 8.1.2 Oficina Permanente de Poesia

A coordenadora da Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná é Roza de Oliveira.

A entrevista foi realizada em seu apartamento, com a presença de seu esposo, o pianista argentino Júlio Enrique Gómez, com quem desenvolve um interessante projeto líteromusical denominado “Lançando a rede na lua”, envolvendo declamações musicadas de poesias, com a finalidade de difundir a cultura poética e musical, compartilhando a beleza dessas duas artes com diferentes públicos.

**Figura 10** – Roza de Oliveira e Júlio Enrique Gómez. Setembro 2010



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2010)

Carioca, nascida em Santo Antônio de Pádua, Roza de Oliveira mudou-se com seus pais para Paranavaí, noroeste do Paraná, aos sete anos de idade.

Tornou-se professora primária aos 15 anos, graduou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranavaí, com Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ao se aposentar passou a se dedicar, como ela mesma define, ao magistério poético, ensinando em oficinas de poesia em todos os lugares onde é chamada, despertando o ser poético que há em todos nós.

Coordena a Oficina Permanente de Poesia na Biblioteca Pública do Paraná, em parceria com a Academia Paranaense da Poesia, da qual é a presidente.

Autora de uma diversificada gama de obras literárias, tem seus poemas publicados em inúmeras antologias. Recebeu, entre outras premiações, a Medalha de Mérito Fernando Amaro, da Câmara Municipal de Curitiba.

Sempre atuante no meio literário, pertence a várias entidades culturais, dentre as quais se destacam a Academia Sul-Brasileira de Letras, Centro

de Letras do Paraná, Círculo de Estudos Bandeirantes, Academia de Letras José de Alencar, Academia Feminina de Letras, Centro Paranaense Feminino de Cultura, União Brasileira de Trovadores e Academia Paranaense da Poesia.

Em 1996 foi admitida como professora na Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), onde passou a lecionar Literatura Brasileira e Teoria da Literatura. Como a poesia sempre fez parte de sua vida, começou a dedicar uma atenção maior em sala de aula a este gênero literário, incluindo leitura, interpretação e composição. De imediato notou o interesse e a preferência dos alunos pela poesia e, conseqüentemente, com o decorrer do tempo, eles mesmos passaram a lhe solicitar um espaço inteiramente voltado ao fazer poético.

Com a anuência do Departamento de Letras da UTP foi estipulado um horário, cerca de duas horas, todas as quartas e quintas-feiras, para a realização de uma oficina de poesia no Campus Barigui desta Universidade.

Surge aí, em 1996, o embrião da Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná.

Três anos mais tarde, em 1999, esta oficina poética passou a ter caráter permanente, abrindo-se também para a comunidade.

Ao ser indagada sobre como se estruturavam as aulas nesse período, Roza responde: *“Eu sempre levava um tema poético, distribuía poemas que eram lidos, interpretados pelos alunos e, a partir daí, eles compunham seus próprios poemas e os declamavam, tendo por base a ressonância espiritual criada pelos poemas lidos e interpretados”*.

A procura por um espaço físico no centro de Curitiba, para abrigar a Oficina, surgiu da solicitação de alguns participantes que reclamavam da distância do Campus Barigui. No ano de 2002 Roza procurou a Divisão de Difusão Cultural da Biblioteca Pública do Paraná que, ao tomar conhecimento dos objetivos do projeto, disponibilizou de pronto um local para as reuniões do grupo, todas as quintas-feiras. A partir de então, a Oficina de Poesia passou a acontecer às quartas-feiras na Tuiuti e às quintas-feiras na Biblioteca.

Entretanto, em julho de 2003, Roza deixou de lecionar na UTP. Mas, já na primeira quinta-feira de agosto estava ela na Biblioteca recepcionando os alunos, ainda temerosos de que seu desligamento da Universidade resultasse na desativação da oficina.

Em agosto de 2003 nasce, efetivamente, a atividade cultural denominada Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná, nos moldes como se encontra até hoje, qual seja, uma parceria institucional entre a Biblioteca e a Academia Paranaense da Poesia, sob a coordenação da Profª Roza de Oliveira, fruto de um trabalho voluntário, com o apoio e a adesão dos poetas acadêmicos.

Ficou combinado entre as partes que os alunos da oficina não deveriam pagar nenhuma taxa de participação, sendo ela permanente, de livre frequência e aberta a todos os interessados, sem necessidade de prévia inscrição.

Inicialmente, o local destinado a essa atividade ficou sendo o *mezanino* da Seção Infantil, que funcionava até as 18 horas, deixando o espaço livre para a oficina. A princípio a assistência variava muito: umas aulas com 8, outras com 10, 12 pessoas, a cada quinta-feira.

**Figura 11** – Participantes da Oficina Permanente de Poesia em diferentes momentos e atividades na Biblioteca Pública do Paraná



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2009)

Com a divulgação da Oficina pelo Boletim Informativo da BPP, por meio de cartazes e notícias na imprensa, as participações aumentaram e o espaço ficou diminuto para comportar todos os interessados. Foi então designada para os encontros semanais de poesia, a Sala de Reuniões no 3º andar, com capacidade para acomodar até 40 pessoas, sentadas em confortáveis cadeiras apropriadas para leitura e escrita e uma estrutura operacional composta de quadro-negro, projetor e outros materiais multimídia.

Alguns alunos da UTP, já formados, continuaram frequentando a oficina, crescendo poeticamente. Duas delas estão atualmente lecionando em Goiânia e nunca perderam o contato com a coordenadora e com o grupo de poetas. Outros, que começaram lá no Campus Barigui e depois passaram para a Biblioteca, onde são membros atuantes e assíduos, têm participações em antologias e, mais

recentemente, alguns participantes da oficina de poesia tornaram-se acadêmicos da Academia Paranaense da Poesia, tomando posse em suas cadeiras poéticas ou tornando-se associados. Atualmente, poetas oriundos da oficina também coordenam projetos similares em diferentes contextos - asilos de idosos, grupos de jovens e hospitais - mediando encontros e multiplicando o prazer poético.

**Figura 12** – Momento poético com Dr. Maurício Friedrich e pacientes oncológicos no Hospital Erasto Gaertner de Curitiba Agosto de 2011



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2011)

Roza relembra que *“no início dava as aulas fazendo toda a turma participar e foi feita até uma antologia por conta deles mesmos, com os textos criados em sala de aula”*.

A partir de 2004, após uma avaliação da atividade feita pela coordenadora e pela chefia da DDC, uma nova dinâmica e um novo planejamento foram propostos e Roza passou a levar membros da Academia Paranaense da Poesia e outros poetas visitantes, como Antonio Augusto de Assis (Maringá), Áurea Luz (Guarapuava), Edmundo Badler (Argentina), para fazer o grupo vivenciar novos horizontes poéticos.

Em 2009, poetas da União Brasileira de Trovadores de Curitiba se uniram à Oficina, participando regularmente da programação, toda terceira quinta-feira do mês, com uma aula sobre a trova.

A Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná é composta, hoje, por um grupo heterogêneo, em sua maioria pessoas em plena maturidade (acima de 45 anos), das mais diversas profissões (médicos, donas de casa, professores, aposentados, funcionários públicos, engenheiros, comerciantes), de várias nacionalidades (brasileira, argentina, japonesa, uruguaia, portuguesa, holandesa), alguns participantes que continuam desde os anos iniciais como também de novos integrantes que, segundo a coordenadora, *“para se completarem espiritualmente buscam na poesia e no ambiente poético o refrigério para as suas almas, num convívio dos mais agradáveis”*.

**Figura 13** – Oficina Permanente de Poesia na Biblioteca Pública do Paraná - Outubro de 2011



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2011)

Para Roza de Oliveira, citando Jorge Amado, *“nunca necessitamos tanto de poesia quanto nos dias de hoje, para fazer frente ao desespero, para manter erguidas as bandeiras da esperança”*.

*“Na Oficina de Poesia nós respiramos poesia, vivenciando os poemas de autores paranaenses, brasileiros, portugueses, por meio das aulas dadas pelos nossos poetas e das declamações (ou leituras expressivas) de poemas, oportunizadas a todos os participantes, no exercício dos seus talentos poéticos”*.

**Figura 14** – Declamações de poemas na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2008)

*“Esse pulmão poético dentro da Biblioteca Pública, que ali nos abriga desde 2002, respira pelo Voluntariado da Poesia, cujas aulas são trocas de experiências e encantamentos”.*

A coordenadora declarou que a Oficina é parte de sua vida, uma extensão do seu viver, e com a evolução poética e o intercâmbio entre os participantes ela se realiza plenamente.

Destaca que o desenvolvimento do próprio fazer/ser poético ali é uma realidade. *“Todos são professores e aprendizes. Ninguém sai da Oficina de Poesia da mesma forma que entrou. Algo novo leva na alma: o poético, o fraterno... a alegria de viver e de conviver com um grupo sintonizado com a poesia”.*

**Figura 15** – Aulas teóricas na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná



Fonte: Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2008)

O amor pela poesia se encontra explícito neste depoimento de Roza:

*“A poesia é a minha respiração. Ela me dá prazer desde os meus 5 anos de idade, quando meu pai (Sebastião de Oliveira, de saudosa memória) me ensinava a declamar e se sentia muito feliz ao me levar à igreja ou às festas de aniversário, para declamar poemas. Quando passei a frequentar o Primário, já existiam muitos poemas em minha cabecinha e surpreendia os professores que me davam oportunidade para declamar em todas as data cívicas comemoradas na escola.*”

*Assim vivi minha vida de estudante do Primário, Normal, Científico, Faculdade de Letras, sempre declamando poesia. Decorava os poemas com a maior facilidade. Na minha adolescência já declamava poemas de Helena Kolody, Jônatas Braga, Mario Barreto França, Coelho Neto, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Leonardo Henke e outros... Comecei a lecionar aos 15 anos, num orfanato, e sempre ilustrava minhas aulas com poemas. No culto ecumênico da minha formatura declamei o “Canto Místico” de Helena Kolody. Declamei-o também no Clube Curitibano nos 90 anos desta poetisa, a convite do presidente da Academia Paranaense de Letras. Quando a conheci pessoalmente, em Curitiba, em 1976, não acreditava que estava diante de uma mulher que já era um mito para mim... humilde, simples, irradiando poesia.*

*Eu considerava os poetas seres inacessíveis pessoalmente... Até que fiz meus primeiros poemas e os editei em 1979, num simples livro intitulado Escalada, e cheguei à conclusão de que todas as pessoas podem escrever pelo menos um poema na vida: basta ler poemas e mais poemas e escrever seus versos com base na ressonância que alguns deles deixaram em sua alma... Daí para a frente, o ser humano aprende a traduzir através de versos suas emoções, alegres ou tristes. E faz muito bem à alma tanto ler como escrever poemas. É por isso que nas Oficinas de Poesia me realizo, dando a um grupo de pessoas oportunidades para estudar poesia, ler, escrever e declamar poemas, para torná-las mais felizes, mais sintonizadas com a sua alma. Como afirmo em uma trova:*

*Desde criança a poesia  
é a minha grande riqueza  
minha fonte de alegria,  
minha eterna fortaleza!”*

O papel da Biblioteca Pública do Paraná nesse contexto, para ela, é de certa forma infinito, pois ali a riqueza de experiências se propaga, seja por intermédio das pesquisas, do conhecimento das obras, das exposições, das artes, da descoberta de valores.

Se a Oficina de Poesia não acontecesse nesse espaço informacional, a seu ver, não seria a mesma coisa, pois os poetas não viveriam distante do rico acervo.

Finalizando a entrevista, Roza de Oliveira ressaltou que a divulgação e a repercussão positiva do trabalho realizado na Biblioteca já lhe renderam convites para ministrar oficinas de poesia para professores da rede pública e particular de Curitiba, de São José dos Pinhais e de Astorga, dos quais recebeu um grande volume de inspiradas produções poéticas.

**Figura 16** – Participantes da Oficina Permanente de Poesia reunidos em frente à Biblioteca Pública do Paraná. Roza de Oliveira é a 3ª à direita



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2009)

## 8.2 RELATÓRIO DAS OBSERVAÇÕES

As observações foram realizadas pela pesquisadora, na condição de observadora participante, durante o transcurso das atividades culturais desenvolvidas na Biblioteca Pública do Paraná, na primeira quinzena do mês de outubro de 2011, abrangendo duas exhibições de filmes do Cineclube Jorge de Souza e dois encontros poéticos da Oficina Permanente de Poesia.

A observação participante, como forma de captar a realidade empírica, é considerada por Goode e Hatt (1979) como a mais antiga e, ao mesmo tempo, a mais moderna das técnicas de pesquisa. Para que se torne válida e fidedigna, requer planejamento em relação ao que observar e como observar. Uma

das vantagens da utilização dessa técnica, segundo Lüdke e André (1986), é a possibilidade de um contato pessoal do pesquisador com o objeto de investigação, permitindo acompanhar as experiências diárias dos sujeitos e apreender o significado que atribuem à realidade e às suas ações. É indicada para complementar o uso das entrevistas.

Metodologicamente, optou-se por estruturar as observações de forma planejada e controlada, utilizando-se de anotações e de um roteiro previamente elaborado, relacionado aos objetivos propostos (Apêndice B).

O roteiro da observação participante buscou o registro dos fatos ou fenômenos, sistematicamente observados e anotados, contemplando alguns tópicos estruturados para captar dados, símbolos e particularidades, com foco na caracterização do universo da pesquisa, na ambiência das atividades de ativação cultural e nas necessidades informacionais dos usuários que procuram e usam estes serviços, dentre outros pontos.

Complementarmente, com base em uma amostra não-probabilística, alguns elementos do universo foram escolhidos para retratar a opinião da população-alvo, dando seus depoimentos particulares sobre as atividades culturais que frequentam na Biblioteca Pública do Paraná, pautados no que sentem e como as veem, no que elas representam no contexto pessoal e institucional e no papel da Biblioteca em relação a elas (Apêndice C).

### 8.2.1 Cineclube Jorge de Souza

As observações foram realizadas nos dias 07 e 14 de outubro de 2011 (sextas-feiras), das 17h30 às 20 horas, no Auditório Paul Garfunkel, no 2º andar da Biblioteca Pública do Paraná.

O auditório tem capacidade para acomodar 154 pessoas, confortavelmente sentadas em poltronas, está aparelhado com equipamentos multimídia e dispõe de todos os recursos técnicos necessários para o bom desempenho das atividades ali realizadas.

As sessões de cinema duram em média duas horas, são gratuitas e se iniciam com um seriado antes da exibição do filme principal. Os seriados foram uma forma de filme muito comum na primeira metade do século 20. Grande parte era de *western*, mas havia os mais diversos gêneros: drama, ficção científica,

espionagem, aventuras na selva, além de adaptações de livros. Nos anos 50, as séries televisivas e a venda dos velhos seriados para os canais de televisão causaram o seu declínio e esquecimento gradativos. O saudosimo incentivou a sua volta e recuperação pelos fãs e pelos estúdios profissionais, com a restauração de muitos deles. Esses seriados têm, em geral, de dez a doze episódios, e cada episódio termina com uma proposta extrema, em que o herói ou a heroína enfrenta uma situação de perigo, aparentemente sem solução, a fim de prender a atenção do público, levá-lo à curiosidade de ver o episódio seguinte para conferir como o perigo será superado. Os episódios, originalmente semanais, sempre terminavam com um convite ao público para assistir o subsequente. E é da mesma maneira e com a mesma intenção que eles são exibidos até hoje, nas sessões do Cineclube Jorge de Souza, tendo um grupo fiel de admiradores desse gênero entre os participantes desta atividade cultural.

No dia 07 de outubro foi exibido o filme “O Fantasma da Ópera”, para um público de 19 pessoas, a maioria com idade acima de 40 anos. Iniciada a sessão, alguns jovens entraram, assistiram parte do filme e logo saíram. Pela observação pode-se ver que o filme agradou, pois apenas essas pessoas se retiraram, dirigindo-se a outros setores da biblioteca.

Do material utilizado para divulgação consta que, originalmente publicado em 1911 pelo escritor francês Gaston Leroux, o tétrico romance O Fantasma da Ópera tornou-se um inesperado sucesso ao cativar o público com sua trama macabra e folhetinesca. O êxito literário fez com que a história fosse transposta para o cinema pela primeira vez em 1925, eternizando a triste figura do músico virtuoso transformado numa figura grotesca e amargurada, que vaga pelos subterrâneos da Ópera de Paris em busca de vingança, guiada por suas obsessões. Em 1943, com o advento do cinema falado e com as novas técnicas de coloração, foi feita uma releitura sonora e em cores, fornecendo assim um espetáculo grandioso o suficiente para atrair novamente o público. Para o elenco foram escaladas figuras populares da época, como o carismático cantor Nelson Eddy, que era o típico galã, e a jovem atriz e cantora Susanna Foster. Para encarnar o anti-herói foi escolhido o talentoso ator inglês Claude Rains. O novo roteiro manteve basicamente a mesma trama. Apesar do enredo não sofrer grandes inovações em comparação com o filme anterior, o deslumbramento com as possibilidades estéticas do *tecnicolor* tornou-se uma faca de dois gumes. O filme ganhou um colorido

vibrante, típico do processo que se caracterizava pela intensidade do brilho e do contraste, porém, a vivacidade das cores o tornou menos sombrio que a antiga versão em preto e branco. É no palco, nos momentos musicais, que o filme consegue equilibrar a técnica ao enredo, em momentos de pura fruição. Um deleite para os olhos e para os ouvidos.

A programação mensal dos filmes exibidos se encontra afixada nos murais da Biblioteca e em um painel em frente ao auditório, bem como no Boletim Informativo, sob a coordenação da Divisão de Difusão Cultural. Os cartazes, elaborados e ilustrados de forma artesanal por um integrante do Cineclube, desde quando iniciaram essas exibições de filmes saudosistas na BPP, são trocados semanalmente, atualizando-se as informações.

Os filmes exibidos fazem parte do acervo do Cineclube Jorge de Souza e são selecionados por alguns associados e levados para a Biblioteca momentos antes de serem exibidos, sempre pela mesma pessoa. Antes, a seleção e o transporte das películas estavam sob a inteira responsabilidade do Sr. Jorge, presidente do Cine Clube Anníbal Requião, até seu falecimento.

A projeção fica a cargo de um funcionário da Seção de Multimeios da Biblioteca, que dá suporte e acompanha a atividade do início ao fim, fazendo a estatística, anotando as sugestões, recepcionando as pessoas, zelando pelo patrimônio e pelo bem-estar de todos.

Como o filme apresentado nesse dia baseava-se em uma obra literária, a pesquisadora indagou a um estagiário se alguém havia demonstrado interesse ou procurado o livro na Seção de Literatura, obtendo resposta afirmativa.

Encerrada a sessão de cinema, pouco antes das 20 horas, um pequeno grupo liderado pelo membro do Cineclube, encarregado de devolver a película, deixou o auditório em direção às escadas, em animada conversa, comentando e opinando a respeito do filme.

No dia 14 de outubro, com o término de outro episódio do seriado, foi exibido o filme “O Ladrão de Bagdá”, para uma plateia de 18 pessoas. Observou-se que muitas delas tinham estado na sessão de cinema da semana anterior.

Este filme é uma adaptação do livro “As Mil e uma Noites”, baseado em uma de suas histórias. Conta as aventuras de Abu, um esperto larápico determinado a derrotar o feiticeiro Jaffar e devolver o trono ao honrado sultão. Abu sabe que deve usar toda sua coragem e destreza para completar essa gloriosa

missão e, para isso, recebe a ajuda inesperada de um gênio, que vai lhe garantir a realização de três desejos quando for libertado da garrafa. A trama envolve o romance entre o príncipe Ahmad e sua princesa, rendendo muitas aventuras e encantamentos, com um belo final feliz.

Possivelmente, segundo alguns cinéfilos presentes, nunca houve um filme na história do cinema que, como este, conseguisse recriar o espírito das 'mil e uma noites' com tantas emoções, despertadas por fascinantes efeitos especiais e exóticas paisagens. É uma regravação de um filme mudo homônimo de 1924. Com duração de 106 minutos, é a quintessência de um gênero que ficou conhecido como 'fantasia oriental', permanecendo na memória de todos pela perfeição de seus efeitos especiais (o gênio, o tapete e os cavalos voadores, o combate com a aranha) e pela beleza da fotografia colorida. Ainda hoje, continua a influenciar o cinema de aventuras e fantasias e, por isso, é um título que está sendo constantemente refilmado. Pela riqueza de imaginação e movimento encanta crianças e adultos, sendo um dos filmes favoritos de muitos cineastas como Coppola e Scorsese.

Observou-se que nenhuma pessoa saiu da sala de projeção enquanto não havia sido finalizada a exibição. Ao término da atividade, a expressão de quem havia assistido o filme era de pura satisfação e enlevo. Um dos cinéfilos comentou que a deslumbrante Maria Montez, conhecida nos meios cinematográficos como 'a rainha do *tecnicolor*' e 'o ciclone do Caribe', foi uma das atrizes preferidas de Jorge de Souza, que fazia questão de colocá-la sempre na pauta da programação, mostrando suas sensuais atuações.

### 8.2.2 Oficina Permanente de Poesia

As observações da Oficina Permanente de Poesia foram realizadas nos dias 06 e 13 de outubro de 2011 (quintas-feiras), das 18 às 20 horas, na Sala de Reuniões da Biblioteca Pública do Paraná, localizada no 3º andar.

Esta sala tem capacidade para acomodar 40 pessoas, sentadas em cadeiras ergonômicas com braços apropriados para leitura e escrita, quadro-negro e materiais multimídia, dispondo de todos os recursos técnicos necessários para o bom desempenho das atividades ali realizadas.

**Figura 17** – Aula teórica na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná. Outubro de 2011



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2011)

Os encontros da Oficina têm duas horas de duração. A participação é aberta a todos, de forma gratuita. Por ser uma atividade cultural permanente, não requer a prévia inscrição de seus participantes. Todos que tiverem interesse em participar, independentemente de quantas vezes quiserem ou puderem frequentá-la, podem fazer parte desses encontros poéticos semanais. As aulas estão estruturadas para incentivar e fomentar o conhecimento e a produção poética de seus participantes, sendo divididas em dois tempos. No primeiro horário, das 18 às 19 horas, por meio do método expositivo, transcorrem as aulas teóricas. As aulas práticas de incentivo à produção do texto poético e as tribunas livres com declamação de poemas, em sala de aula, acontecem das 19 às 20 horas.

O grupo é heterogêneo, tanto pelas aptidões intelectuais como pelas habilidades profissionais dos seus frequentadores, no entanto, é homogêneo no desejo de compreender, expressar e transmitir seus sentimentos e suas emoções, poeticamente.

No dia 06 de outubro foi realizada uma Tribuna Livre, para um público de 27 pessoas, a maioria com idade acima de 45 anos. A Oficina foi iniciada pela coordenadora Roza de Oliveira, que destacou ser a 'tribuna livre' um espaço

aberto na programação mensal da Oficina, onde os poetas podem se manifestar e expressar livremente, realizar suas performances e declamar poemas. Ressaltou também a importância desse momento pois, de acordo com ela, a poesia se realiza na oralidade. Muitas vezes, uma parte do texto que ficou mais fria na escrita recebe um significado maior na declamação. Tal como na música, o ritmo tem uma grande importância. Fortemente relacionado com a música, beleza e arte, o poema tem as suas raízes históricas nas letras de acompanhamento de peças musicais. É por isso que, até a Idade Média, os poemas eram cantados e, só mais tarde, o texto foi separado do acompanhamento musical.

Essa atividade teve como temática o Dia do Poeta, comemorado em 20 de outubro. Cada poeta presente pode declamar ou ler três poesias, de autoria própria ou de outros autores, alternadamente, em três rodadas de declamação. A intenção da professora Roza foi ter um grupo de alunos lendo poemas das mais variadas tendências estéticas e criando o próprio texto poético. Para isso acontecer, disponibilizou também alguns livros para eles se inspirarem, estimulando a criatividade e criando situações para os participantes poderem liberar a sensibilidade e exercitar o talento poético. Como ela bem colocou, a poesia é saudável para as pessoas. Como todos nós temos muitas emoções, ou somos escravos ou somos senhores delas. E é por meio da arte que nos tornamos senhores dessas emoções, pois todo ser humano é criador.

A coordenadora explicou que esta atividade baseia-se na “poética do devaneio”, do filósofo francês Gaston Bachelard. Seus objetivos são: aguçar nos alunos a consciência poética criadora, a partir de inúmeras imagens adormecidas nos textos poéticos; nutri-los, pela leitura interpretativa de poemas, de devaneios que por si só não conseguiriam exprimir; desenvolver a audácia do devaneio construtivo; fazer os novos poetas perceberem que o devaneio não é o vazio do espírito e, sim, o ápice da estética e da plenitude.

**Figura 18** – Leitura de poema na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná. Outubro de 2011



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2011)

Em um ambiente de muita descontração começaram as declamações. Mais do que amantes da poesia, foram se revelando poetas, envolvidos pela expressão criativa. Muito oportuno, o primeiro poema apresentado foi de Fernando Pessoa e fala do ser poeta.

### **Autopsicografia**

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda  
Que se chama coração.

Leituras individuais e orais de poemas foram se sucedendo nessa dinâmica tribuna livre. Declamando, os alunos começaram a se soltar. Cada participante pode apresentar suas produções, em diferentes formas poéticas. As formas poéticas se referem aos vários conjuntos de regras seguidas por certos tipos de poemas, que descrevem aspectos como ritmo ou métrica, esquema de rima ou uso de aliteração (figura de linguagem que consiste em repetir sons consonantais idênticos ou semelhantes em um verso ou em uma frase, especialmente as sílabas tônicas).

As apresentações dos poetas englobaram sonetos (poemas de forma fixa compostos por catorze versos), haicais (poesias de origem japonesa, que valorizam a concisão e a objetividade, compostas de três linhas, contendo sempre na primeira e na última cinco sílabas, e sete sílabas na segunda linha), trovas (poemas autônomos de quatro versos em redondilha maior, ou seja, de apenas uma estrofe, heptassílabos, sem título, que se completam em seus quatro versos) e muitos versos livres.

Para exemplificar, selecionou-se um dos belos poemas apresentados, de autoria de Paulo Roberto Moreira Gomes, que se autodenomina “O Poeta das Ruas”, e que participa da Oficina há três anos.

### **Por que os velhos choram?**

(Dedicado ao professor e poeta Orlando Woczikosky)

Coração velho, marcado  
por uma antiga ferida,  
carrega nas cicatrizes  
Os mapas da sua vida.

Saudade da juventude,  
dos tempos imemoriais,  
fotografias ausentes,  
dias que não voltam mais.

Quando o passado longínquo  
vem embaçar sua mente,  
esperanças que já se foram  
Renascem no seu presente.

Embora com lucidez,  
em tão longeva idade,  
guardou as suas lembranças  
No sepulcro da saudade.

O velho revê o passado  
na lembrança que aflora  
E, já triste e cansado,  
é de saudade que chora!

Encerradas as declamações, a Oficina foi finalizada pela coordenadora, que lembrou o tema do próximo encontro. Todos se retiraram da sala motivados, na certeza de que escrever poesia é um momento muito íntimo e solitário para cada um, mas que, na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná, tudo acaba se tornando algo coletivo, que se compartilha e multiplica.

No dia 13 de outubro a parte teórica da Oficina foi ministrada por Lygia Lopes dos Santos, para um público de 19 pessoas. A temática escolhida e previamente divulgada foi 'Poesia e Imagem'.

**Figura 19** – Aula teórica com Lygia Lopes dos Santos na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná. Outubro de 2011



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2011)

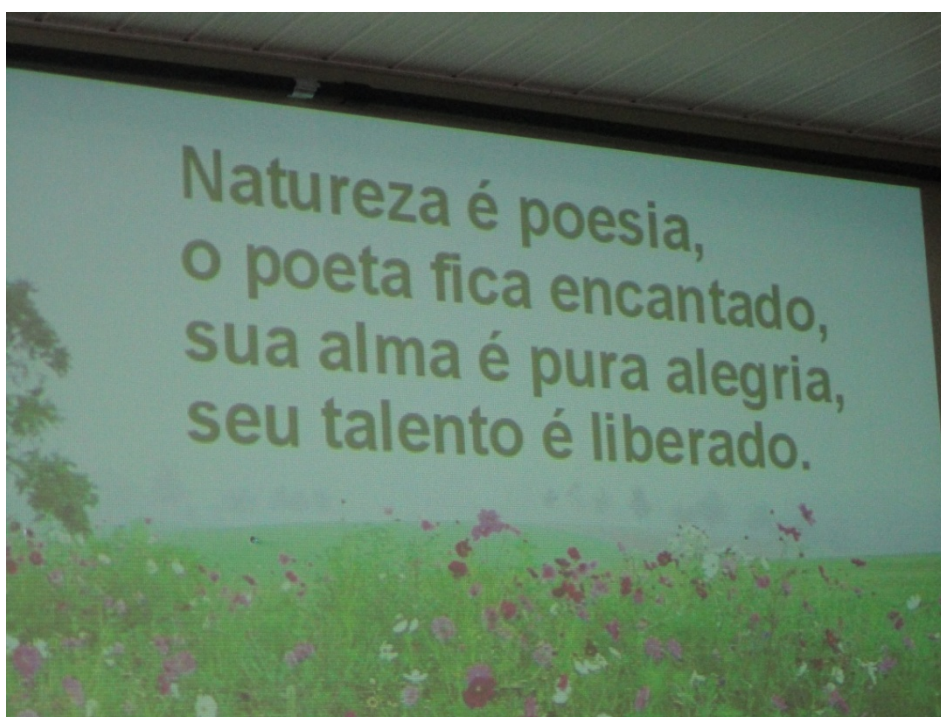
Dando início aos trabalhos, a coordenadora Roza de Oliveira apresentou uma breve biografia da palestrante:

Lygia Lopes dos Santos nasceu em Paranaguá, no dia 17 de agosto de 1934, filha de Pompília Lopes dos Santos e Dario Nogueira dos Santos, ambos professores e escritores. Professora, escritora, contista, poetisa e cronista, fez licenciatura em Letras-Inglês e pós-graduação em Teoria da Literatura na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Lecionou no Instituto de Educação do Paraná, no Grupo Escolar D. Pedro II e na Escola Técnica de Comércio De Plácido e Silva. Foi proprietária, diretora e professora do Jardim de Infância Branca de Neve. Trabalhou na Fundação Cultural de Curitiba até se aposentar. Em 1978 publicou o livro de contos *Dança do Caos*, com as apreciações de Helena Kolody. Entrou na Academia Feminina de Letras do Paraná, onde ocupa a cadeira 39, exercendo a presidência desde 2004. Em 1982 fundou e coordenou a Livraria Dario Vellozo e, em 1988, lotada na Editora *Scientia et Labor*, criou a Livraria da Universidade Federal do Paraná. É associada do Centro Paranaense Feminino de Cultura, da Academia Paranaense da Poesia e do Centro de Letras do Paraná. Recebeu a Medalha de

Mérito Fernando Amaro, da Câmara Municipal de Curitiba. Tem publicações em revistas, livros e jornais.

Didaticamente, Lygia desenvolveu o tema da aula usando recursos audiovisuais, valendo-se da força da poesia+imagem+som. A proposta apresentada, intitulada “poesia animada”, tinha como foco reunir a obra de artistas paranaenses das áreas das letras e artes, aguçando entre os participantes os sentidos da visão e da audição. Nas pranchas mostradas na tela, de maneira muito criativa Lygia foi intercalando imagens de pintores com referências paranaenses, como Guido Viaro e Alfredo Andersen, acrescentando a cada quadro uma trova de sua autoria, com fundo musical de Chico Buarque, Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Às biografias dos pintores foi dado o devido destaque.

**Figura 20** – Trova apresentada na aula Poesia e Imagem na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná Outubro de 2011



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2011)

No início da projeção os participantes receberam um texto escrito pela professora, intitulado “Natureza é Poesia”, para elucidar o que seria estudado.

*“Há pouco tempo percebi que o encanto pela poesia eu herdei dos meus antepassados, minha mãe, Pompília Lopes dos Santos, meu pai, Dario Nogueira dos Santos e de meu avô, José Nogueira dos Santos.*

*Devo acrescentar que tive o privilégio de ser aluna e vizinha da grande poetisa Helena Kolody, podendo desfrutar do seu encanto pessoal, seu carinho e seu talento.*

*Já tive outras oportunidades de homenagear meus pais, e agora vou falar sobre a poesia do meu avô. José Nogueira dos Santos (Palmeira 1870 – Curitiba 1956) publicou em 1951 o livro de poemas Vigílias, sendo o verso mais antigo de 1914. Foi prefaciado por Francisco de Azevedo Macedo, seu amigo desde o tempo em que eram estudantes, moravam em São Paulo (1893) e almoçavam juntos numa casa de pensão, em companhia de Ermelino de Leão, Afonso Camargo e Eurides Cunha.*

*Meu avô e seu irmão Eugênio Nogueira dos Santos, conceituado maestro na cidade de São Paulo, moravam nessa pensão naquela época. Ermelino de Leão propôs que Eugênio Nogueira dos Santos compusesse a música de um hino ao Paraná e pediu para Francisco de Azevedo Macedo fazer a letra. Muito modesto, o letrista escreveu: “O hino se fez ouvir, merecendo aplausos”. Foi o primeiro hino dedicado ao nosso Paraná.*

*O meu avô trabalhava como Contador Comercial e foi professor de Escrituração Mercantil do Instituto Comercial de Curitiba. Sendo músico também, criou um instrumento musical de sopro, o Politon.*

*Ultimamente, relendo com bastante atenção o livro Vigílias, do meu avô José, encontrei poemas inspirados em telas dos pintores Guido Viaro e Alfredo Andersen, e sobre outros quadros de autores não nomeados. Essa descoberta me deixou emocionada, porque eu fiz Power Points com trovas sobre as telas de pintores paranaenses, e percebi então a afinidade que há entre o trabalho dele e o meu.*

*Na minha adolescência em Paranaguá e depois Curitiba, eu ia ao cinema (à matinée) aos domingos, assistia a filmes de faroeste e desenhos animados. O que eu via na apresentação era paisagem, música, desenho, animação e letrero (texto). O que eu faço no Power Point pode-se chamar de poesia animada, paisagem, música, versos (texto) e animação que é a entrada do slide ou do texto,*

*às vezes vindo da esquerda ou da direita, de cima ou de baixo, que é o que faz o movimento. Eu fico devendo o desenho para vocês.*

*Eu reconheço que uma das melhores iniciativas que eu tive na minha vida aconteceu um ano antes de eu me aposentar, no ano 2000, quando eu comecei a fazer curso de computação e informática para garantir uma aposentadoria proveitosa e saudável.*

*Nós, brasileiros, não podemos nos inserir na vida política desonesta, nem proteger do desmatamento as nossas amadas florestas, mas podemos homenageá-las em nossos poemas, louvá-las em nossos contos e introduzi-las como personagens nos romances, para que as futuras gerações saibam como elas foram maravilhosas enquanto existiram. Com esse objetivo, vou apresentar a sequência de slides de poesia animada.”*

**Figura 21** – Participantes ouvem poemas na Oficina Permanente de Poesia da Biblioteca Pública do Paraná Outubro de 2011



**Fonte:** Arquivo da Academia Paranaense da Poesia (2011)

Bastante elogiada, tanto pelo teor da exposição quanto pela dinâmica apresentada na condução do tema, finalizou-se a aula, em meio a comentários e participações ativas de todos os presentes. O horário destinado à declamação de poesias ficou reduzido, mas todos saíram com a certeza de ter

encontrado, na Oficina Permanente de Poesia, um canal para a amizade e para um encontro consigo mesmo.

## 9 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Foram amplas as possibilidades encontradas na realização do trabalho de campo, adotando-se a observação participante e a entrevista como técnicas para a coleta de dados. Nesta pesquisa de natureza qualitativa, o trabalho de campo assumiu grande importância, confirmando o que prescreve Minayo (1994), de que esse tipo de pesquisa não pode ser pensado sem a utilização desta modalidade de investigação. O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um recorte temporal/espacial do fenômeno, que abrange, em termos empíricos, também o referencial teórico correlato ao objeto estudado.

A interação da pesquisadora com os sujeitos da investigação foi essencial durante o transcurso do trabalho de campo. Nessa fase se estabeleceram relações de intersubjetividade, das quais resultou o confronto da realidade concreta com os pressupostos teóricos que embasaram o presente estudo.

A compreensão e interpretação dos fenômenos, a partir de seus significantes e contexto, foram tarefas presentes na produção do conhecimento originário desta pesquisa, o que contribuiu para se ter uma visão mais abrangente do objeto de análise, fornecendo um enfoque diferenciado para o entendimento da realidade. No entanto, ciente de que o vínculo entre signo e significado, conhecimento e fenômeno, sempre depende do arcabouço de interpretação empregado pela pesquisadora, servindo-lhe de visão de mundo e de referencial, buscou-se ampliar na presente análise a visão interpretativa sob a perspectiva fenomenológica.

Em certa medida, a análise dos dados coletados passou necessariamente pela interpretação dos significados expostos, percorreu os conteúdos e os conceitos, buscando sempre a reflexão ordenada e fundamentada acerca do tema abordado.

Ao interpretar ou explicar, o que se almeja é que “a interpretação se faça a partir da ligação dos dados com conhecimentos significativos, originados de pesquisas empíricas ou de teorias comprovadas.” (GIL, 2002, p. 70).

Colaborando na elucidação do uso da análise interpretativa, Severino aponta que:

Interpretar, em sentido restrito, é tomar uma posição própria a respeito das idéias enumeradas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar toda a fecundidade de idéias expostas, é cotejá-las com outras, enfim, é dialogar com o autor. Bem se vê que esta última etapa da leitura analítica é a mais difícil e delicada, uma vez que os riscos de interferência da subjetividade são maiores, além de pressupor outros instrumentos culturais e formação específica. (SEVERINO, 2002, p. 56).

A realidade que se apresenta é um produto social. Os significados, por outro lado, não existem no vácuo, mas sim para um indivíduo específico ou grupo de indivíduos em um determinado contexto, não podendo ser vistos de forma singular, isolados, mas relacionados com outros objetos significantes. De acordo com Alencar (2002), a noção de significado enfatiza a necessidade de a análise ser conduzida a partir do ponto de vista do ator da ação e não do observador, substituindo o método hipotético-dedutivo, calcado na formulação prévia de hipóteses, pelo método interpretativo.

Dessa forma, buscou-se compreender como atores sociais específicos (os participantes das atividades culturais selecionadas) interpretam o ambiente onde atuam (a Biblioteca Pública do Paraná e os espaços onde as atividades se desenvolvem), extraindo informações consideradas significantes e que poderiam influir na análise. A reflexão, a percepção e a intuição, com embasamento em materiais empíricos, estabeleceram relações com a realidade.

Com base nos dados recolhidos e apresentados sob a forma de discurso (e a partir da própria percepção da pesquisadora para dar significado, entender e separar os dados considerados pertinentes daqueles que não o eram para a pesquisa), foi feita uma análise do conteúdo das respostas obtidas, visando apontar diferentes características e extrair sua significação.

Essa análise dos discursos coletados passou pela etapa do recorte, na qual os relatos foram compostos e ordenados pela pesquisadora, para melhor expressar sua significação e aprofundar a visão e interpretação dos envolvidos acerca da realidade estudada.

Em conformidade com os interesses e conveniência desta pesquisa, esses fragmentos de discursos manifestos como palavras, frases, expressões e ideias permitiram categorizar analiticamente os elementos destes discursos, agrupados intencionalmente por parentesco de sentido, ou seja, por temas que

envolvem representações e significações (considerações, percepções e visões pessoais) sobre a atividade cultural frequentada e o espaço informacional Biblioteca Pública do Paraná, relacionando essa categorização das falas com a fundamentação teórica levantada.

Diferentes maneiras de conceber e lidar com o mundo geram formas distintas de perceber e interpretar significados e sentidos do objeto pesquisado, que não se opõem e nem se contradizem.

De acordo com Almeida Júnior (2004a), a disseminação da informação pressupõe um público-alvo que é, assim, o grande diferenciador da informação. Se a informação pública é aquela direcionada para um grande público, então, o público-alvo da informação pública deve ser entendido como o total da sociedade.

Logo, se considerarmos que toda a sociedade deve ser usuária e público-alvo, a mídia utilizada para veiculação da informação pública não pode se restringir apenas à escrita, visto que, atualmente, as informações são registradas nos mais variados suportes físicos, gráficos e não gráficos, comprovando que a informação, além de circular pelos meios tradicionais impressos, também o faz pela imagem e pelo som. À informação registrada, principalmente a escrita, somou-se a informação ao vivo. Portanto, a informação pública deve incluir textos escritos, a imagem fixa e em movimento e o som, incluindo, neste último caso, a informação fornecida oralmente. A biblioteca é, pois, a instituição que envolve os múltiplos meios.

Nesse sentido, as atividades culturais mediadas na Biblioteca Pública do Paraná (Cineclube Jorge de Souza e Oficina Permanente de Poesia) são multimídias, porque contemplam essas novas possibilidades do conhecer (ler, ouvir e declamar poemas, assistir filmes, trocar ideias e debater), estabelecendo outras formas de organização, ampliando, desta maneira, o livre acesso à informação nesse espaço informacional público.

Pode-se afirmar que, entre o meio visual e a escrita, há uma interação na busca constante das respostas. A imagem, dentro da biblioteca, serve como estímulo para o uso mais amplo de seus serviços tradicionais. Comprova essa assertiva o cinéfilo que, ao sair de uma das sessões de cinema do Cineclube, cujo filme se baseava em uma obra literária, buscou o livro na Seção de Literatura da BPP.

Parte significativa do imaginário popular do século XX derivou-se do cinema. Para Milanesi (1986, p. 222), o cinema pode ser visto como uma forma de enriquecer a biblioteca como fonte de informação: “ao lado do vídeo, talvez o elemento mais prático em termos de informação, o cinema é potencialmente útil, apesar de raro nas bibliotecas públicas brasileiras”. Frise-se que isso não se confirma na Biblioteca Pública do Paraná, que dispõe do Auditório Paul Garfunkel, um espaço adequado para a exibição de filmes e atividades correlatas. A adequação entre público/informação/espaço permite tornar a biblioteca útil e agradável.

Em outro texto, Milanesi traça considerações a respeito da questão da adequação do espaço em bibliotecas/centros de cultura:

Um auditório e as atividades que nele acontecem – as palestras, os filmes, as dramatizações e debates - são ligados de tal forma à cultura que parece impossível que um espaço dedicado a ela não disponha dele. [...] um auditório pode ser uma sala com trinta cadeiras ou um ambiente para centenas de pessoas e com todos os recursos para teatro, cinema, dança, incluindo equipamentos e tratamento acústico. [...] O anfiteatro é o local onde se expressa um dos objetivos fundamentais da cultura: o debate e a criação de novas possibilidades de pensar e agir (MILANESI, 2003, p. 241).

A adequação do espaço ao público permite reunir os meios para a obtenção de novos conhecimentos, sem que haja conflito entre eles. O espaço permite aproximar as pessoas e comporta outras possibilidades, como a discussão do conhecimento e a criação de novos.

Nesse aspecto, o discurso de um participante das atividades culturais é claro:

*“Creio que dificilmente encontrar-se-ia um espaço físico que oferecesse disponibilidade para nossa ocupação, condições adequadas para comportar as dezenas de pessoas que frequentam a Oficina e estrutura de sala de aula. Sem falar em todos os estímulos culturais de que se pode usufruir na BPP e que não seriam encontrados em outro local”.*

O homem é um ser social porque suas ações se norteiam e adquirem sentido a partir dos princípios e regras que regem uma dada coletividade. As práticas culturais, entendidas como as várias manifestações simbólicas, que permitem a cada sujeito imprimir uma marca interpretativa ao mundo que o cerca, são elementos de suma importância para a sociabilidade, mecanismos

indispensáveis para a construção do sentimento de pertencer a um determinado sistema de interações sociais.

Paulo Freire (1979) ensina que o homem é um ser de relações e não de contatos, que não está no mundo senão com o mundo e que, antes de sermos leitores de palavras, somos leitores do mundo. Para ele, a ação cultural surge do diálogo espontâneo entre os sujeitos envolvidos com o processo de comunicação e reflexão. A palavra é o instrumento.

As bibliotecas, ao se transformarem em centros de informação, incorporaram uma nova função: a convivência. Essa convivência, no entanto, vem somente a partir de uma resposta da biblioteca às necessidades da população. Conviver, na prática, significa estar juntos, tanto para o trabalho quanto para o lazer ou para os debates e discussões, em torno da informação já registrada ou em volta de um projeto para o qual é necessário juntar pessoas e selecionar informações.

*“A partir da convivência com tantos poetas e com a poesia em geral, os conhecimentos adquiridos aumentaram minha bagagem e, conseqüentemente, minha produção poética”.*

A Biblioteca Pública do Paraná, vista como um espaço de convivência, um local onde ocorre a ação mais importante que uma biblioteca pode propiciar - a troca de informações entre as pessoas -, tem eco nos discursos apresentados:

*“O Cineclube foi a porta que se abriu para mim, para eu poder voltar às lembranças da infância e da adolescência, revendo os filmes clássicos que jamais imaginava rever. Mas, acima de tudo, o convívio com pessoas que, como eu, se interessam pelo assunto e que têm conhecimentos raros sobre cinema. É uma forma de trocar experiências e conhecimentos”.*

*“A Oficina de Poesia representa o elo entre pessoas que têm os mesmos anseios de busca e a possibilidade de aumentar a convivência com essas pessoas”.*

Oportunamente se expressa Milanesi (1986) a respeito de como tornar a biblioteca um espaço de convivência:

Quando a biblioteca pública assumir a sua condição de local de encontro de pessoas, um novo elemento deverá estar presente: o afeto. [...] A relação entre o público e as informações deve ser permeada por um interesse que está acima da necessidade, precisa

ser uma relação de afeto, como aquela que pode ser desenvolvida entre as pessoas pela convivência. [...] A afetividade surge na busca das informações que se relacionam com a vida de cada um (MILANESI, 1986, p. 230-232).

Na prática, este entendimento se revela nos comentários:

*“A Oficina me trouxe de volta à Biblioteca Pública. Tenho uma fome insaciável. Leio avidamente Platão, Cícero, Esopo, Sófocles, Voltaire, Kafka, Camões, Erasmo de Rotherdan, Hemmingway, Neruda, Drummond, Bilac, Gonçalves Dias, Veríssimo. Leio também os ilustres desconhecidos e leio os atuais (poetas ou não). Este ano já li 150 livros. Sou tenaz e tihoso”.*

*“O Cineclube é uma reunião de amigos, onde se fala, sobretudo, de filmes antigos, mas de novos também. É um ambiente que congrega todos em torno do cinema, mas o elo que nos une, hoje, é a amizade”.*

Segundo Milanese (1986) a proximidade de pessoas e o interesse pelo mundo que se desenvolve coletivamente, mesmo que dentro de pequenos grupos, faz da biblioteca pública um espaço de afeto, afeto esse que não deixa a informação ser inútil.

*“Esse espaço representa, antes de tudo, a aproximação de almas irmãs, formando verdadeira irmandade, num ambiente fraterno e místico, onde todos se comprazem e se deleitam em ouvir poesias próprias e de nossos grandes e imortais poetas. São versos que enlevam e sublimam, fazendo aflorar em cada um, sentimentos que nos vão na alma. Fazer parte deste seleto grupo, nobre e cativante, tem contribuído a cada dia para o nosso aprimoramento intelectual e espiritual”.*

Complementarmente, as bibliotecas públicas passaram também a se caracterizar como espaços para informar (conhecer), discutir e criar. Esses são os verbos identificadores da ação cultural, que devem estar presentes em todas as práticas culturais consideradas transformadoras.

Como extensão ao ambiente de convivência, a Biblioteca transforma-se e se assume inclusive como um espaço do fazer criativo. Ela se organiza para o público na medida em que o público a organiza para si.

*“Representa um espaço cultural muito importante para todos que buscam conhecimento no mundo da literatura. Nela se desenvolve a arte de bem escrever, a arte da declamação e muitas regras pertinentes a diferentes formas de se fazer literatura. Inclusive se desenvolver a segurança de se falar em público. A*

*oratória escondida por trás do tímido aflora, e põe para fora capacidades natas que o escritor/poeta nem sonhava que possuía”.*

O Cineclube e a Oficina de Poesia são ambientes informacionais e de convivência, onde as pessoas interagem, produzem e socializam o conhecimento (pelas trocas pessoais que ali se estabelecem), espaços propícios para que se busque, se encontre e se faça uso dos diversos signos informacionais.

*“Amizade, conhecimento, recordação... lembranças dos bons momentos do passado, troca de experiências, ver filmes e seriados das décadas passadas e discutir sobre eles. Puxa-se um assunto e a conversa se desenrola. O Cineclube é tudo isso e mais um pouco”.*

Questões que envolvem informação e usuários da informação são relevantes quando se propõe analisar as práticas culturais em instituições como as bibliotecas públicas.

Milanesi (2003), referindo-se ao fato de que as pessoas não reconhecem a informação como necessidade básica, afirma que:

De um modo geral, a biblioteca não é alvo das reivindicações populares. Isso é motivado pela ineficiência autodepreciadora que não consegue mostrar a sua dimensão de utilidade. Se a biblioteca, enquanto serviço público de acesso ao conhecimento, não atrai e não motiva o seu público à reflexão, esse mesmo público não saberá ver nela uma instituição tão útil como deveria ser (MILANESI, 2003, p.124).

Por outro lado, Feitosa tem uma visão particular sobre os beneficiários e destinatários da ação.

Os usuários, se vistos dentro do contexto da história das bibliotecas, não estabelecem objetivos em relação a elas, pela condição de exclusão a que sempre foram submetidos. Em seu contexto sociocultural, essas pessoas têm seus objetivos e projetos de vida – ainda que os meios detentores do poder, e em escala menor, a biblioteca, desconheçam ou ignorem. [...] Entre biblioteca e usuários o caminho é o mesmo, o que é diferente é o que impele cada um a andar por ele (FEITOSA, 1998, p. 28).

Na contramão dessas colocações, o que se observou nas duas atividades analisadas é que são elas as que se encontram há mais tempo na programação cultural da Biblioteca, de forma ininterrupta e permanente, tendo em

comum o fato de partirem de uma iniciativa externa. Ambas vieram de fora, como reivindicação da própria comunidade, para dentro da Biblioteca, numa demonstração do interesse da sociedade em ocupar e se apropriar desse espaço cultural que é público e que o grupo entendeu como seu. Essa noção de pertencimento criou fortes laços entre a instituição e as pessoas por ela atendidas.

*“Se a Oficina de Poesia não acontecesse na Biblioteca, certamente as nossas ações e nosso trabalho seriam limitados por falta de espaço físico, uma vez que nossa entidade não conta com espaço próprio. A cessão deste local tem servido de estímulo, a ponto de nos considerarmos parte integrante desta instituição, de a considerarmos nossa casa”.*

Possibilidades como esta abriram uma vasta perspectiva para a Biblioteca Pública como centro informacional, de convivência e de ação cultural, pois, ao abrir as portas, abrigar e assessorar grupos de pessoas interessadas em realizar projetos com a comunidade (principalmente aqueles que se mostram úteis à coletividade), a Biblioteca, além de fornecer informações, faz com que elas circulem sem limites. Dessa forma, outros grupos também podem ter acesso às informações, além de encontrar ali o espaço apropriado para a concretização de seus propósitos. A colaboração da Biblioteca, por outro lado, se dispõe dentro daquilo que lhe compete, ou seja, prestar informações e oferecer uma série de atividades que conferem sentido a elas.

*“Enquanto apoia projetos, a Biblioteca incentiva os fazeres literários e culturais na cidade”.*

Entretanto, isso só acontece quando a Biblioteca Pública se torna efetivamente um espaço informativo público, comprometido com os interesses da sociedade. Aí sim a Biblioteca se assume como um legítimo e ativo instrumento de ação cultural da comunidade, local onde múltiplos acontecimentos se sucedem, movidos pelos interesses e pelas necessidades do próprio público.

De forma particular, os participantes dessas atividades culturais conscientizaram-se da relevância do papel da biblioteca e do que essa instituição representa para o grupo.

*“Sempre tive o maior carinho e apreço pela Biblioteca Pública do Paraná, tanto que minha primeira matrícula estava entre os primeiros leitores, logo depois do grande professor e governador Bento Munhoz da Rocha, que foi o nº 1. De lá para cá, a Biblioteca tem cada vez mais cumprido seu primordial papel, qual*

*seja, o de apoiar todas as iniciativas culturais, visando o engrandecimento cultural do nosso Estado”.*

Tal atitude corrobora com as recomendações expressas nos Manifestos da UNESCO a respeito da transformação das bibliotecas públicas e dos seus objetivos de ação, que enfatizam a necessidade desta instituição vir a ser uma força viva a serviço da comunidade.

*“O papel da Biblioteca Pública, neste contexto, é muito importante, um amplo espaço de lazer e aprender. Estamos o tempo todo aprendendo e nos educando, buscando atingir objetivos diversos. Nesta engrenagem todos ganham”.*

A biblioteca pública deve estar aberta a todos os públicos de uma determinada coletividade. No entanto, existem vários segmentos da população que, mesmo não utilizando a biblioteca, não deixam de ser um público em potencial. O usuário não deve ser restrito pelas circunstâncias, mas pela sua dimensão social. Mesmo a biblioteca pública sendo para todos, e, inclusive, por causa disso mesmo, certas atividades devem ser dirigidas a determinados públicos, nas suas especificidades.

Na análise dos dados obtidos constatou-se que, a maioria dos frequentadores das sessões de cinema e reuniões do Cineclube Jorge de Souza e dos encontros poéticos da Oficina Permanente de Poesia são pessoas acima de 45 anos de idade, com características culturais, sociais e econômicas heterogêneas.

Ressalte-se que é dentro desse campo de multiplicidades de formas de se relacionar, nessas heterogêneas maneiras de existir, que pode se dar realmente o processo transformador. Os dispositivos ou agenciamentos criados pelo profissional mediador da informação devem ter esse sentido de transformação, mas esse movimento deve influir no tempo e no espaço. Só assim os serviços estarão permanentemente inscritos como um processo contínuo de reformulação, transformação e transcendência. Destaque-se, outrossim, que é a continuidade e o caráter de atividade ‘permanente’ que afastam a característica de fugacidade, de mero evento, que não devem ser conferidas às práticas culturais realmente transformadoras.

A constatação de que o público participante dessas práticas culturais na Biblioteca Pública do Paraná é adulto, e em plena maturidade, é sobremaneira animadora, especialmente quando cotejada com colocações como as de Milanesi, de que a maioria da população adulta jamais entrou numa biblioteca pública, ou

porque não percebeu sua utilidade, ou por não sentir necessidade de acesso aos produtos e serviços por ela oferecidos. E, complementa dizendo que “o baixo índice de frequência adulta nesses espaços públicos indica para duas direções: eles não satisfazem a vontade de saber ou as pessoas não têm mesmo esse desejo” (MILANESI, 2002, p. 98).

Em contrapartida, aponta que variadas formas de atividades culturais podem ser programadas para alterar o espaço de informação, estimulando a ampliação do conhecimento pelo prazer que oferecem ou pelos conflitos que suscitam - ou por ambos os motivos. Essas atividades, identificadas como ‘programação informacional’, se destinam a um público diversificado, congênere da clientela que frequenta as atividades culturais, objeto dessa análise.

[...] é possível organizar grupos distintos – adolescentes, idosos, pais interessados em assuntos específicos, cinéfilos, preservacionistas etc. A biblioteca, nessa perspectiva, é o espaço aberto para que as pessoas possam encontrar informações, discuti-las e criar novas informações – um poema ou a resposta para uma questão coletiva (MILANESI, 2002, p. 99, *grifos nossos*).

Nas atividades culturais analisadas, percebe-se que o espaço da Biblioteca Pública é propício para oferecer suporte para quem busca suprir uma necessidade informacional, estabelecendo um ambiente de aprendizagem e interação do usuário com a informação, promovendo, nesta relação, a apropriação do conhecimento.

*“Para mim, a Oficina Permanente de Poesia representa a sala de aula na qual busco conhecimento da nossa literatura tão expressiva. É um crescer literário na área poética, que me dá liberdade de expressar e de descobrir o que sou capaz”.*

Hoje, cada vez mais, crescem as diferenças sociais e econômicas entre os que possuem informação e aqueles que estão destituídos do acesso a ela. Neste sentido, a biblioteca pública deve assumir de vez seu papel de centro de informação e leitura da comunidade.

De fato, a biblioteca se configura como *locus* privilegiado para que a alquimia da leitura e dos processos educativos se desenvolva e se efetive. Isto porque, por entre seus corredores e estantes, que preservam a infinitude do conhecimento humano, cada usuário pode se sentir confortável para buscar,

encontrar e utilizar determinada informação, convertendo-a, posteriormente, em insumo gerador de novos conhecimentos.

*“A Oficina da Poesia tem um encantamento para os seus participantes que os envolve com sua magia de elevação poética, aprimorando seus conhecimentos de lirismo, filosofia e de cultura em geral, colocando-os em alto grau de intimidade com os mais diversos autores clássicos e contemporâneos. Também, aprimora a criatividade de seus frequentadores, incentivando-os a desenvolver suas capacidades poéticas. Para se ter uma noção exata deste enlevo, basta observar a fidelidade de seus frequentadores durante as oficinas”.*

Agora, o que se propõe é a transformação da Biblioteca em um espaço também do fazer criativo, onde se materializa o ciclo entre a leitura e o fazer, entre a informação e a ação.

A biblioteca, instituição que agrupa e proporciona o acesso aos registros do conhecimento e das ideias do ser humano, por meio de suas expressões criadoras, é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das práticas leitoras.

Todo leitor é livre para configurar seu próprio sentido interpretativo para a materialidade textual com a qual trava contato. Ele é um viajante que desvenda, ao longo do processo de leitura, os sentidos, os significados e as múltiplas possibilidades interpretativas que a obra lhe oferece. É no confronto e no encontro do leitor com o texto que se amplia a compreensão das coisas que nos cercam e forma-se o leitor crítico, contribuindo para o florescimento da cidadania.

Práticas de leitura e de fazer criativo, como a Oficina de Poesia, tornam possível o encontro da sensibilidade com o texto. Em outras palavras, por meio da interpretação do texto literário e pela linguagem dos poetas e contadores de histórias, adquirimos a capacidade de buscar o conhecimento indireto, reconhecendo algo que não sabíamos que conhecíamos. Em suma, são as vozes dos discursos literários que dão ao mundo sua aparência de narratividade.

Dos encontros poéticos que acontecem na Biblioteca se depreende que a poesia se concretiza mesmo é na oralidade, cujas características fundamentais são a exterioridade e a vivência coletiva.

Nas declamações o poeta proporciona aos ouvintes, não apenas o prazer do verso, como também o conhecimento acerca do mundo ao qual pertence. A voz que declama precisa ser ouvida. É a partir do desempenho do poeta

declamador que as palavras tornam-se prazerosas para os ouvintes que as contemplam. No universo da oralidade, é por intermédio da voz que o sentido se exhibe para o prazer de ouvir. Diferentemente da palavra escrita, a poesia falada tem a entonação do diálogo, vibra, produzindo um efeito no leitor-ouvinte.

Por outro lado, como disse Helena Kolody, “os olhos que mergulham no poema completam o circuito da poesia”. Quando um texto é lido, especialmente um texto poético, transcende-se aos significantes da palavra e mergulha-se no imaginário, construindo em nossa mente um mundo misto de fantasia e realidade, que causa prazer.

A palavra poética, na visão de José Teixeira Coelho Neto, adquire outros significados:

[...] é aquela que mais se aproxima do ideal cognoscível da palavra democrática [...] a única política compatível a seguir seria aquela que criasse as condições mais amplas para que o maior número de pessoas tivesse acesso a esse tipo de palavra (não tanto a seu conteúdo quanto à sua prática) como forma de operar-se uma intervenção eventual e futura, indireta, sobre as outras palavras na busca assintótica disso que é a palavra amplamente democrática (COELHO NETO, 2000, p. 73-74).

Na Oficina Permanente de Poesia a palavra e a oralidade se encontram. Os participantes já chegam com seus próprios textos previamente escritos. Ali, não é necessário ser poeta. Pessoas de diferentes classes sociais, gerações e origens se reúnem para declamar, ler e construir novos conhecimentos na arte poética. É o lugar da fala, da escuta e da convivência.

Verbalizando a importância da Oficina e do fazer poético em suas vidas, alguns poetas declararam:

*“A poesia representa em minha vida o elo que me completa. Equilíbrio, emoção, amor, paixão e a natureza perfeita, na qual busco inspiração. O mundo não seria o mesmo sem poesia. Ela é a palavra que germina nos meus dias”.*

*“Na minha vida a poesia é aquele lugar muito especial, no qual me esqueço da correria do dia-a-dia para encontrar o meu ‘eu’ mais profundo, e posso registrar os meus anseios e pensamentos. É um momento solitário e único. Preciso desse momento”.*

*“A poesia passou a ser uma verdadeira paixão em minha vida, desde o momento em que passei a frequentar a Academia da Poesia e,*

*especialmente, a sua Oficina nas tardes das quintas-feiras, na BPP. Nos dias em que, por motivos especiais e profissionais, não posso comparecer às reuniões, sinto como se houvesse a falta de ‘um algo mais’ dentro de mim”.*

*“Mudou radicalmente minha vida. Mudou e muito: a partir dela fiz novos amigos. Passei a ser frequentador assíduo do Centro de Letras do Paraná e sou membro efetivo da União Brasileira dos Trovadores. Também frequento outras entidades ligadas às artes literárias. Antes eu nunca tinha conhecido e nem convivido com um poeta. Após frequentar a Oficina sei que não mais poderei deixá-la. Desde os meus 20 anos já gostava de escrever um pouquinho, mas nunca imaginei que pudesse escrever tanto. Este mês fará três anos que frequento a Academia e já compus 1200 poemas, 500 trovas, 500 quadras, 200 clecs (pensamentos curtos), algumas crônicas e contos. Estou escrevendo um livro de memórias e um romance”.*

*“A poesia não só representa como ela é, de fato, hoje, a minha vida. Ela é que faz meu sangue correr nas veias, pulsar meu coração, brilhar os meus olhos e aquecer a minha alma. É o sorriso que tenho nos lábios e a aura que aglutina novos amigos ao meu redor. Tirem-me a Biblioteca Pública do Paraná, tirem-me a Academia, tirem-me a poesia e podem levar o que restar para o cemitério, pois sem isso serei um homem morto. Publiquei só um livro, mas tenho hoje 25 livros escritos para publicar. Sou homem de poucas posses. Tudo que ganhei investi em estudos.”*

*“A Oficina Permanente de Poesia é, para mim, espaço de conhecimento, desenvolvimento e criação poética; espaço de incentivo a iniciantes e aperfeiçoamento aos que já caminham pelas veredas da poesia; além de espaço de elevação espiritual, alegria e conagração”.*

*“Local de encontro com amigos e também oportunidade de apreciar seus trabalhos. Cada encontro é uma aula e a Biblioteca do Paraná é uma ótima referência, pelo que representa para a coletividade. A poesia é diversão e aprimoramento espiritual e cultural”.*

*“A poesia é, em minha vida, gênero literário que propicia a fruição, o encantamento, o aguçamento da percepção; objeto de estudo, pesquisa, produção poética e de análise literária; ferramenta de expressão e de conhecimento do ser humano”.*

Como se pode observar, a literatura é um espaço libertário, um campo propício ao sujeito dialógico. Embora a poesia esteja ligada à subjetividade, ela estabelece um diálogo entre autor-leitor e entre os textos. Na poesia é possível o sujeito interativo e dialógico, porque na ação e no diálogo ela interage a subjetividade com a objetividade.

Poeticamente, assim expressou-se o trovador Nei Garcez:

*A Oficina purifica  
o simples versejador  
que, com ela, identifica  
ser poeta... Um sonhador.*

*Além da desenvoltura,  
que me dá grande prazer,  
é um estímulo à leitura  
e à arte de escrever.*

*A Biblioteca é um ponto  
que reúne os bons leitores,  
permitindo um grande encontro  
entre poetas e escritores.*

*A Oficina é responsável  
por trazer-me à Biblioteca  
com frequência programável  
pelo estudo que disseca.*

*Este espaço da Oficina  
é tal qual a grande Meca...  
Não há outro que defina  
a expressão da Biblioteca.*

*Neste mundo em que tudo  
sai daquilo que se diz,*

*a poesia, sobretudo,  
representa estar feliz.*

Após a análise dos discursos tornou-se visível que, entre os poetas, a capacidade de se constituir laços de sociabilidade que ligam suas histórias de vida individual à história do grupo no qual se inserem, possibilita cristalizar formas de interação que encontram ressonância na vida social. É por meio de práticas culturais como essa que o homem confere sentido ao mundo e à própria vida.

Esta análise buscou compreender, subsidiariamente, a atuação da Biblioteca Pública do Paraná para além dos seus muros, para fora de suas portas, vista pela expressividade, continuidade, aplicação, ampliação e implicação que marcam as atividades culturais extramuros, frequentadas pelos grupos de pessoas que participam do Cineclube e da Oficina de Poesia.

Por extramuros se entende aqui as atividades culturais externas à Biblioteca, realizadas fora dos seus limites físicos e espaciais, porém, mantendo uma estreita ligação com as práticas realizadas dentro da Biblioteca, que as originaram.

A expressão 'extramuros' significa em latim 'fora dos muros', nos arrabaldes. O 'extra' é uma preposição que significa fora, a mais. 'Muros', por sua vez, vem do latim *murus* e do egípcio *mour*, que quer dizer cingir, cercar com muros para defesa. Expressa também o significado de parede que cerca qualquer recinto, com o intuito de tolher a entrada. Isto posto, perguntas se impõem para futuros estudos e reflexões: quais são realmente os muros da biblioteca? O que eles defenderiam?

De acordo com a análise dos dados obtidos constatou-se que, essas mesmas atividades que, num primeiro momento, entraram na programação cultural da Biblioteca Pública do Paraná, vindas por reivindicação da própria comunidade, agora já não se limitam mais unicamente a esse espaço físico. Os participantes das atividades – Cineclube Jorge de Souza e Oficina Permanente de Poesia – saem dessas práticas culturais realizadas exclusivamente dentro do espaço físico formal da biblioteca, e estendem-nas extramuros, na comunidade, proporcionando a troca de experiências e a socialização do conhecimento. Essas atividades externas marcadas pelo entusiasmo, como se observou, possibilitam a integração, o

desenvolvimento de competências e habilidades específicas, o acesso a novas informações e a construção de outros conhecimentos.

Esses grupos se encontram em permanente intercâmbio com o meio sociocultural circundante, estabelecendo interações e relações de troca intensa entre si e com outros atores sociais inseridos nesse contexto. Estudá-los demandou um olhar na direção ‘de fora’, ou seja, sobre as teias de relações tecidas no espaço extramuros, e um olhar ‘para dentro’, quer dizer, para as tessituras relacionais que se desenvolvem no intramuros, na Biblioteca.

Explicitando esta situação, participantes da Oficina Permanente de Poesia comentam:

*“Frequentar a Oficina favoreceu-me saber mais a respeito de nossos poetas, principalmente os paranaenses; conhecer várias pessoas que gostam de poesia, que produzem poemas e que pesquisam sobre isso; trouxe-me a oportunidade e o desejo de pesquisar mais, para também apresentar o trabalho poético de vários escritores; propiciou momentos de descontração, amistosa integração. Faz-se comum a prática de estender o encontro após o horário e o espaço, pois os participantes permanecem por longos minutos, já fora da Biblioteca, em animadas conversas; e tais relações se estendem mais, no dia a dia, com trocas de mensagens, de poemas, de informações culturais – o que atesta a importância cultural da Oficina na construção dos indivíduos que a frequentam”.*

*“A essência está nos que adotam a arte poética e não no espaço físico em si”.*

*“A Oficina me abriu horizontes. Meus poemas voaram para outros países. No Japão, nas festividades de primavera, um poema meu foi exposto, durante uma semana, num imenso painel”.*

As bibliotecas são lugares de busca, de curiosidade, de dúvida ligada aos fatos. Uma biblioteca pública não é, ou não deveria ser, um lugar de certezas. O ser humano é movimento, portanto, não pode abrir mão do modo criativo de perceber o mundo, perdendo sua capacidade de espanto e inquietação. Bibliotecas são, também, lugares que guardam histórias e despertam o fascínio e o encantamento. Lugares onde tais elementos se transmutam, perturbando e excitando fantasias, irmanando o sonho com a ação.

No comentário de um dos cinéfilos, *“a BPP tem um charme todo especial, que nos envolve com mistério e magia”.*

Para um poeta, no entanto, *“a Oficina representa um refúgio cultural para aprender, fazer, declamar ou apenas ler poemas, interpretá-los, ouvir e crescer na arte de poetisar e declamar. É um canto divino onde também faz crescer a espiritualidade. Ali nos esquecemos de tudo e viajamos no Universo. A sala é apenas um espaço dentro de outro e outro e outro e...”*.

Para Flusser (1980), uma biblioteca pública, como legítimo instrumento de ação cultural, é aquela que assume plenamente todas as suas funções: educativa, informativa, cultural e recreativa, que muitas vezes se encontram diluídas na sua atuação cotidiana. No entanto, observa-se que a função educativa permeia todas as demais, pois a biblioteca pública contribui para a educação permanente do indivíduo.

Como se infere, com base nos discursos, a Biblioteca Pública do Paraná é um espaço de produção intelectual e de promoção de valores culturais. Mas, sobretudo, é um ambiente de aprendizagem e, em função das interações, oportuniza e estimula a educação formal e não-formal.

É assim que a Biblioteca é vista num dos discursos:

*“A Biblioteca Pública do Paraná está ligada à minha história de vida. Eu já era casado, pai de três filhos e tinha o 4º ano primário. Entrei na Polícia Militar do Paraná para ganhar o meu pão e também para estudar. Fiz curso de soldado, de cabo e de sargento. Fui designado para comandar o policiamento da Biblioteca. Na sala onde funcionava nosso posto de comando eu pintei uma parede de preto, preguei uma ripa para o pó de giz e comecei a estudar (sem professor). Pegava os livros e estudava sozinho. Prestei vestibular para Medicina Veterinária, passei e me formei. Na sequência da vida prestei mais três vestibulares e passei em todos eles (sem cursinho – sou autodidata). Sou também advogado e jornalista (quase fiz Economia). A Biblioteca Pública do Paraná me fez um eterno estudante. Tenho hoje 66 anos e morro de vontade de voltar à faculdade (Letras, Sociologia, História ou Psicologia). Quem sabe isto ainda venha a acontecer”*.

A biblioteca se coloca, assim, como um local onde confluências e conflitos se sucedem, estimulando a buscas mais precisas. "Uma ação permanente de abastecer-se de novas informações, como se todo o conhecimento fosse irremediavelmente provisório" (MILANESI, 2002, p. 102).

O estabelecimento de um diálogo extramuros, entre biblioteca e comunidade, é uma forma de aproximar esta instituição daqueles que, por diferentes

razões, não se apropriam dela como espaço público de lazer e conhecimento. Tornar a biblioteca cada vez mais acessível a diferentes públicos, novos aprendizados e invenções é também outra possibilidade oferecida por estas atividades culturais.

Como já se observou, a análise dos dados permitiu verificar que as atividades culturais referentes ao Cineclube e à Oficina de Poesia se expandiram, saindo do espaço físico da Biblioteca, tornando esta instituição um efetivo instrumento de difusão cultural. Sendo assim, além de um lugar de memória e de cultura, tornou-se um espaço de transformação social, que interfere no meio cultural onde atua, consolidando-se como importante aliada no processo de formação cognitiva dos seus usuários e na educação formal em todos os seus níveis.

Com a assimilação dessas transformações, a Biblioteca posiciona-se definitivamente no espaço sociocultural onde se encontra inserida, como um lugar privilegiado para que cada sujeito acesse e tome posse dos elementos simbólicos, que outorgam sentido às práticas culturais que ali se desenvolvem.

A apropriação desse espaço é visível nos discursos analisados. Como se observou, os participantes pleitearam o espaço, o entenderam e o veem agora como seu e lutam por ele, para a manutenção das atividades culturais que ali se desenvolvem.

De acordo com a fala de um dos cinéfilos, *“a Biblioteca congrega a cultura em todos os seus ramos: cinema, literatura, música; por isso, é o lugar ideal para as atividades do Cineclube”*.

Para um dos poetas, *“a Biblioteca Pública, por sua natureza cultural e estatal, deve ser o centro irradiador da cultura, de todas as manifestações culturais, visando o engrandecimento da sociedade. Vejo a biblioteca como um templo da cultura, templo sagrado do saber, cabendo-lhe o papel de congregar e difundir a cultura, em todos os níveis, abrigando as instituições e entidades que se dedicam às artes, música, literatura, poesia e cinema”*.

*“O local é excelente; a primeira tentativa de se formar a Oficina da Poesia foi num local distante e a mudança para a BPP foi muito oportuna pela centralidade. Outro espaço melhor do que a BPP poderá ser inoperante”*.

*“Tenho a convicção de que não seria a mesma coisa, se a oficina não acontecesse nesse espaço (BPP). Estamos na Biblioteca em um momento de*

*estudos e encontros de poetas. Lá habitam os livros e todos os escritores que tomam vida em cada um deles. É um local mágico e único”.*

*“Tenho certeza que o Cineclube em outro lugar não seria tão democrático como é na Biblioteca. Ali se chega, senta-se, ouve-se e fala-se. Veem-se filmes. Pronto”.*

Por princípio, na visão de Flusser (1980), uma biblioteca, para ser concebida como verdadeiramente pública, deve tentar atender democraticamente aos reclamos do chamado não-público, que consiste na maioria da população que ainda desconhece a sua existência.

*“Há anos havia deixado de utilizar de seus serviços. Foi um retorno feliz”.*

Em uma biblioteca-ação cultural, não só a palavra deverá ser dada ao não-público como também lhe será facultado o direito de verbalizar suas aspirações e ideias, materializando-as. A partir daí se estará contribuindo para construir a biblioteca como um instrumento de ação cultural.

*“A Biblioteca é um espaço que oferece uma oportunidade única de trocar experiências e aprender. Representa um canal aberto no qual se vê, lê-se e ouve-se”.*

A Biblioteca Pública do Paraná é um local onde é dada a palavra ao não-público, entendido aqui, no contexto desta análise, como a parcela da população que já chegou à maturidade e que também se encontra alijada de muitas práticas e ações culturais. Em muitos aspectos, os participantes das atividades culturais analisadas se enquadram na classificação de não-público, ou seja, pertencem àquelas categorias sociais excluídas dos aparelhos culturais, na codificação hegemônica dos serviços das bibliotecas. A biblioteca que se pretende verdadeiramente pública deve olhar para estes usuários como atores de uma cultura peculiar e significativa para a instituição.

Ao descrever o não-público quando se pensa em informação, corre-se o risco de pensar que ele é uma figura abstrata, que não precisa de informação. No entanto, como coloca Milanese (2002, p. 72), "descobre-se que se está falando do homem comum, o mais comum, esse que se encontra nas ruas, nas fábricas, as donas-de-casa, os que já não são donos de nada, [...] os profissionais liberais [...] os velhos que envelhecem mais depressa [...]".

A ação cultural, na visão de Coelho Neto (1986), dirigindo-se a uma população concreta, fará com que as pessoas tomem consciência de si mesmas, diante de si mesmas e diante do coletivo, provocando a consciência para o enfrentamento entre o isolamento do singular e a solidariedade do coletivo.

Comunidade e biblioteca pública são indissociáveis e se complementam. Mas, a comunidade deve ser despertada para o valor da biblioteca pública, passando a vê-la como um organismo vivo, dinâmico e atuante, à disposição da sociedade.

*“Depois que passei a frequentar a Biblioteca Pública do Paraná eu a vejo diferente. Um leque enorme de opções, conhecimento cultural e social. Eu a vejo sob um novo ângulo. Você desenvolve a sua criatividade”.*

A Biblioteca passa a ser, com a ação cultural, mais do que a instituição responsável pela salvaguarda, organização e disseminação da memória e do patrimônio cultural da humanidade, caracterizando-se como organismo social vivo, lugar de práticas culturais importantes para a preservação da cultura e da memória coletiva de qualquer agrupamento humano. Embora, em essência, seja um lugar de diálogo com o passado, se assume também como um espaço de criação e inovação, onde a conservação só tem sentido como fermento dos saberes a serviço da coletividade inteira.

*“A Biblioteca tem um papel social e cultural no Estado - o social é o de fazer pessoas serem gente - o cultural é o de fazer o crescimento - o aprendizado - o convívio com pessoas de mesmos dons e ideais. É o templo de muitos, para quem aprecia a arte de ler, pesquisar e aprender. E também dos que dela precisam para desenvolver seus trabalhos escolares ou se aprofundar em alguma área por meio dos milhares de livros e títulos, o que ajuda em muito o desenvolvimento educacional e cultural de cada um. Esse deve ser o papel de uma biblioteca, servir a comunidade na área da leitura, aprendizado, melhoramento, cultura e entretenimento. É assim que eu a vejo, é dessa maneira que eu a sinto”.*

Sendo assim, é a partir deste prisma que podemos inferir que:

A biblioteca não é mais, por conseqüência, um mero depósito de livros: esse o mais importante de todos os pontos característicos na evolução de seu conceito. À sua passividade substituiu-se um salutar dinamismo, a iniciativa de uma obra que é, ao mesmo tempo, de socialização, especialização, democratização e laicização da cultura. Ela desempenha, dessa forma por menos que pareça, o papel

essencial na vida das comunidades modernas; é em torno dela que circulam todas as outras correntes da existência social. (MARTINS, 2002, p. 325).

A Biblioteca Pública começa a ser visualizada como o lugar onde se preserva e acessa os saberes, a tradição, a memória e o patrimônio cultural, justamente por serem estes os elementos que outorgam, a seus usuários, o caráter de sujeitos históricos e portadores de identidade.

*“A Biblioteca Pública do Paraná, com seu importante papel de difusora de conhecimentos, tem propiciado espaço para o conagraçamento de um grupo seletivo de poetas e amigos da poesia. Minha visão da Biblioteca mudou radicalmente, pois eu a via como um local frio, como um simples repositório de livros, sem calor. Hoje tenho um modo especial de vê-la, que me permite dizer que além de difundir cultura, ela pode ser considerada uma segunda casa para o grupo de participantes da Oficina de Poesia, tal é o grau de amizade que ela nos proporciona”.*

*“Aí é o lugar ideal de estudo, trabalho, descoberta, aprendizado e divertimento, no qual se pode encontrar respostas para qualquer dúvida ou, simplesmente, passar o tempo livre, num ambiente acolhedor e descontraído, entre amigos”.*

Coelho Neto (2001) defende, alicerçado na visão de Jeanson (1973), que a ação cultural é uma aposta conjunta, em que o grupo se descobre e descobre os seus fins e os seus meios.

A análise dos discursos aponta que, contrária à tendência de impor cultura, a Biblioteca Pública do Paraná tem procurado instigar a ação cultural, de forma participativa, estimulando a criatividade e a autonomia, a fim de que as pessoas da comunidade descubram aquilo que desejam fazer, tornando-se, nesse viés, sujeitos da própria cultura. Assim sendo, a ação cultural contribui, decisivamente, para o acesso de um maior número de pessoas às linguagens da expansão cultural.

*“Passei a observar mais outras atividades oferecidas pela Biblioteca. Isso vai além da função de “guardadora de livros”, fazendo-se da BPP um espaço para oportunizar a seus frequentadores não apenas atividades ligadas ao campo literário, mas o contato com linguagens outras – como o cinema, as artes plásticas. Na integração e dialogismo de múltiplas linguagens, as crianças, jovens e adultos*

*que por ali passam tendem a ampliar sua visão sobre a literatura, as artes em geral, sobre o mundo, sobre si, construindo-se, assim, cidadãos mais atentos, mais sensíveis, mais propensos à reflexão, ao debate e ao agir no mundo”.*

Essas ações culturais desenvolvidas na Biblioteca Pública do Paraná (Cineclube Jorge de Souza e Oficina Permanente de Poesia) visam estimular os usuários a participarem do processo, não como meros espectadores, mas como sujeitos. Permitem, inclusive, colocar ao alcance de diferentes públicos o acesso aos recursos informacionais, com a finalidade de suprir suas necessidades de informação.

*“Antes ia à Biblioteca para emprestar livros, agora, além desse propósito, vou ao encontro do conhecimento e das relações de amizade”.*

Informar exige uma ação de muitas faces. O mediador que trabalha com informação pública encontra desafios, porque sua interação deve ser feita com uma coletividade mutante e heterogênea. Cada público tem seu universo de interesses, suas peculiaridades e os serviços precisam ser organizados em função dele.

A busca da informação é determinada pela necessidade que se tem dela, por isso, bibliotecas centros culturais tem no profissional mediador da informação uma figura importante, responsável por abastecer, atualizar e criar estratégias de disseminação da informação.

A Biblioteca como local da informação pública, além dos acervos, como se observou ao longo desta análise, comporta outras possibilidades de atividades mais ativas e interativas com a comunidade, onde se destacam a discussão do conhecimento e a criação de novos.

Como o objetivo de toda ação cultural é fornecer às pessoas o máximo de meios para a invenção, entre elas, de seus próprios fins, o mediador da informação (neste caso analisado, o responsável pela Divisão de Difusão Cultural da Biblioteca Pública do Paraná) pauta sua conduta na aplicação desse conceito, buscando descobrir com os interessados aquilo que querem e podem fazer. A comunidade participa diretamente das decisões, sugerindo e selecionando filmes, definindo os temas das aulas teóricas de poesia e convidando os palestrantes, por exemplo. Agindo assim, o mediador da informação faz com que não haja a recepção passiva da informação, que só reforça a incapacidade de crítica e cerceia o interesse por novos conhecimentos.

A biblioteca pública é o lugar dos diálogos. Diálogo entre pessoa e pessoa, entre o mediador da informação e o usuário e entre a coletividade e os serviços.

O diálogo que se estabelece entre o mediador da informação e as pessoas que participam do Cineclube e da Oficina de Poesia se concretiza nas ações culturais que envolvem esta comunidade. Na Biblioteca Pública, constatou-se que a intermediação entre as informações e as pessoas é uma questão essencial e que o mediador da informação na ação cultural precisou ter noção do que está em jogo quando se intervem culturalmente num grupo. Isto porque, de acordo com Almeida Júnior (2010), a mediação da informação é uma ação de interferência que propicia a apropriação da informação, com o objetivo de satisfazer uma necessidade informacional.

Os dados levantados nas entrevistas e nos discursos permitiram apontar que o mediador da informação tem trabalhado em conjunto com os coordenadores do Cineclube e da Oficina Permanente de Poesia, propondo ações culturais que possibilitaram a formação de público para a recepção e produção, por si mesmo, de bens culturais, abrindo a Biblioteca para a prática da linguagem discutida, na medida das possibilidades e dos interesses dos envolvidos.

Os espaços de atuação do mediador envolvido com a informação pública e com a ação cultural são múltiplos e variados. A informação não é estática e toda ação cultural é um processo que surge a partir da interação entre o que se pretende veicular no suporte informacional e o conhecimento da pessoa.

Mediar é interferir em uma realidade e numa necessidade informacional. A biblioteca pública é o lugar dos diálogos. Diálogo entre pessoa e pessoa, entre o mediador da informação e o usuário e entre a coletividade e os serviços.

A mediação pressupõe a existência do terceiro elemento e este deve se apresentar como o meio-termo e não como um polarizador maior. É notório o prejuízo da sociedade desassistida pelas bibliotecas públicas que, além de marginalizadas pelo estado e pelo restante da sociedade, se vê privada de uma atenção maior dessa instituição que se diz pública (FEITOSA, 1998, p. 34).

Roza de Oliveira, coordenadora da Oficina Permanente de Poesia, é uma mediadora com todas as suas características. Seu vínculo é com a poesia, não

com a Biblioteca. Ela afirma isso quando coloca que o projeto é um “voluntariado da poesia”.

Da mesma forma, Jorge de Souza e, atualmente, seu filho Jorge Luiz, coordenadores do Cineclube, conseguem atender a demanda daqueles cinéfilos que sabem os filmes que querem assistir, criando vínculo entre seu acervo cinematográfico e o grupo de apreciadores de cinema.

No âmbito das atividades culturais desenvolvidas em uma biblioteca pública, o sujeito da ação deve contar com o apoio, a orientação e a mediação do profissional da informação para descobrir seus fins e seus meios neste vasto universo do conhecimento. Essa mediação, que não se restringe à capacitação informacional, proporciona ao usuário a possibilidade (múltipla e particular) de encontrar e usufruir da informação para finalidades diversas, com diferentes recursos e em momentos variados.

A mediação da informação na Biblioteca Pública do Paraná, estabelecida entre o profissional da informação, as atividades culturais e o usuário dessas práticas culturais, possibilitou que as ações culturais convergissem para um ponto comum, qual seja, a construção de um novo conhecimento. Essa conectividade levou dois grupos de pessoas (antes vistas como não-público) a trocarem, entre si, informações, ideias e emoções, por meio da escrita, da fala e das imagens, comprovando que o saber é um movimento coletivo.

Isso, na prática, significa tornar a Biblioteca um instrumento de ação cultural capaz de transformar o ser humano em um indivíduo consciente, participante e ativo na sociedade em que vive.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve sua gênese ligada à prática, no desenvolvimento de atividades culturais mediadas pelo profissional da informação em um espaço informacional público - a Biblioteca Pública do Paraná.

O exercício da dúvida e a necessidade do conhecimento motivaram este trabalho, fruto de um processo cognitivo de descobertas, repleto de informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. O caráter descritivo da pesquisa e a intenção de compreender o fenômeno na sua totalidade foram elementos que tornaram propício o emprego do método qualitativo.

Optou-se por uma metodologia de investigação que enfatizou a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais, tendo sido dada especial importância ao ponto de vista dos participantes, o que permitiu inferências a respeito do grupo e do contexto social pelos significados percebidos nas declarações individuais. Valeu muito mais a observação dessas práticas culturais a partir de contatos do que a aplicação de questionário.

Logo nas primeiras linhas que dão corpo a este trabalho salientou-se que toda biblioteca se define como espaço de preservação da memória e do patrimônio cultural, artístico e literário da sociedade, lugares de representação coletiva onde aquilo que se define como identidade encontra solo fértil para nutrir-se e valorizar-se. Destacou-se que as bibliotecas têm influência mútua tanto no contexto social em que estão inseridas, quanto com os indivíduos que as compõem e que, ao mesmo tempo em que cria o mundo, o homem é por ele transformado, em atividade contínua e num processo circular.

Observou-se que as bibliotecas, especialmente as públicas, caminham por duas linhas, ora paralelas, ora convergentes. São lugares de confrontos, de sonhos e de contradições. Lugares onde se inscrevem as angústias e as esperanças de uma sociedade. Espaços permeados por tensões contraditórias, mas que estão abertas ao mundo das realidades e das ideias. Uma instituição social sempre em evolução, que desempenha quatro funções básicas (cultural, recreativa, educacional e informacional), que se tornam mais evidentes quando relacionadas à gama de necessidades e desejos de cada usuário. Local da informação pública que, além dos acervos à espera do público, comporta outras possibilidades, como a discussão do conhecimento e a criação de novos.

Sendo assim, objetivou-se com este trabalho analisar como as atividades culturais, sob o prisma da mediação da informação, dinamizam e transformam a Biblioteca Pública do Paraná num efetivo instrumento de ação cultural.

A constatação de que as atividades de ativação cultural são instrumentos eficazes para que a informação adquira um sentido e um lugar na Biblioteca, e que muitas das atividades que têm esta denominação nem sempre se relacionam com a ação cultural, levou a questionamentos e causou inquietações.

Cada biblioteca é única e existe em função dos grupos a que serve e atende. Uma biblioteca pública, como centro do processo de informar e de valorizar a cultura, é aquela que está mais próxima da comunidade. Como o êxito de qualquer atividade de ação cultural depende do seu público, e cada comunidade apresenta estrutura, costumes e hábitos característicos que precisam ser observados, só conhecendo realmente seu público (e o não-público e o público em potencial) é que se poderá criar e realizar intensivamente projetos estruturados e bem fundamentados de intervenção sociocultural, que repercutirão positivamente entre os beneficiários da ação.

Para que uma atividade de ação cultural se concretize é preciso sempre definir objetivos. Nota-se, entretanto, que ao longo de sua história, a Biblioteca Pública tem tomado exclusivamente para si essa tarefa, sempre os definindo por si e pelos seus usuários.

Uma biblioteca pública, instituição cultural aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, tanto pode servir para conformar quanto para transformar.

À biblioteca verdadeiramente pública, portanto, compete um papel criativo, dinâmico e transformador dentro da sociedade e, particularmente, na comunidade em que está inserida e à qual pertence, recebendo dela influências ilimitadas ao seu pleno desempenho (e a influenciando da mesma forma).

Esta pesquisa desvelou a trajetória rara e particular dos grupos de pessoas que participam, na Biblioteca Pública do Paraná, das atividades do Cineclubes Jorge de Souza e da Oficina Permanente de Poesia, cujas características marcantes são a convivência, a interação, a troca de ideias e experiências e suas peculiares maneiras de apropriação da informação e transformação em outros/novos

conhecimentos. É um relato de uma intervenção sociocultural bem sucedida num espaço informacional público, a partir dos envolvidos na ação.

Essas atividades de ação cultural proporcionaram a ressignificação da Biblioteca Pública do Paraná como espaço inclusivo, de deleite, de subjetividade, de prazer, de sentimentos, de afetividade e de fruição. Espaço de construção do conhecimento, do diálogo, do encontro (e também do desencontro). Espaço aberto às discussões com a comunidade e a serviço dela, buscando libertar e não tyrannizar, transformar e não conformar.

Como se depreendeu dos discursos, o retorno do público e a chegada do não-público à Biblioteca trouxeram resultados enriquecedores, detectados de várias formas:

- a) aproximação do não-público que, ao descobrir as programações culturais e de lazer, identificou-se com a Biblioteca, participando e opinando sobre as atividades culturais, criando vínculos e estabelecendo objetivos comuns;
- b) participação da Biblioteca nas atividades da comunidade, que se apercebeu de sua atuação e passou a solicitar a presença de seus representantes;
- c) apropriação do espaço físico da Biblioteca para sediar programação cultural e projetos da comunidade (Cineclube e Oficina de Poesia);
- d) organização da comunidade que sentiu necessidade de contar com o apoio da instituição para a realização de projetos preexistentes;
- e) participação pessoal do profissional (mediador) da informação em situações que pressupõem envolvimento e relacionamento afetivo com o público.

Somam-se a todas estas modalidades de retorno a frequência do público às programações culturais, que adquiriram caráter permanente.

Essas atividades são exemplos simples que permitem que se vislumbre aonde se pode chegar com práticas culturais inclusivas numa biblioteca pública, no intuito de proporcionar mais conhecimento e novas possibilidades de acesso à informação aos usuários e usuários em potencial.

Por si mesmas essas atividades demonstraram que uma informação sozinha não se constitui em conhecimento e que ela só adquire sentido para o homem quando ele pode discuti-la e transformá-la, sendo imprescindível a convivência, o confronto de ideias, a troca de informações, o debate. Pois, é neste processo que se gera, se resgata e se sedimenta, individual ou coletivamente, o conhecimento em construção.

Quando há o confronto das informações com as ligações emocionais a elas relacionadas, novas percepções e outros sentidos podem ser dados à informação, transformando a biblioteca numa alavanca que impulsiona o indivíduo a mover-se no mundo.

A nova dimensão da Biblioteca Pública do Paraná nas últimas décadas, com foco nas atividades culturais aqui analisadas, permite afirmar que, se a biblioteca pública deseja ampliar o seu raio de atuação, essa tarefa pressupõe uma transformação profunda nas suas bases.

As bibliotecas vêm se constituindo, em seu transcurso histórico, como espaços de práticas culturais, que conferem identidade a um dado agrupamento humano. É por meio da cultura que o homem confere coerência, lógica e sentido para o mundo no qual sua vida se desenrola. Em essência, toda cultura diz respeito às maneiras pelas quais o homem se relaciona com seus semelhantes, na tentativa de construir, simbolicamente, as várias esferas onde sua existência se desenvolve.

Ao longo de sua história, a Biblioteca Pública do Paraná tem se configurado como uma instituição fundamental para a preservação dos elementos culturais que emergem do ambiente social onde ela se insere.

Nas atividades culturais (Cineclube Jorge de Souza e Oficina Permanente de Poesia) os participantes se tornaram capazes de processar e compartilhar gostos, em uma ação cultural centrada no indivíduo e em sua formação educativa e cultural, com a perspectiva de se atingir um diversificado grupo de pessoas da comunidade.

A análise dos dados levantados neste estudo de caso, que pode se desdobrar infinita e indefinidamente, possibilitou (re)pensar e (re)ver a Biblioteca Pública do Paraná sob outro prisma, numa dimensão coletiva e pública, identificando-a como:

- a) um espaço informativo, que dispõe as informações para o público. Um núcleo de informação onde múltiplos acontecimentos se sucedem em vista do interesse desse público, cujas necessidades informacionais são estabelecidas por ele mesmo, o sujeito da ação, que sabe chegar às informações e extrair delas o que lhe convêm. Esse espaço está aberto ao infinito pelas possibilidades de acesso à informação que ele proporciona;
- b) um centro de convivência, local de encontro das pessoas, instrumento ativo de informação da coletividade. Um espaço onde as relações humanas (físicas, reais) acontecem, unindo pessoas pela proximidade ou pelas afinidades, para trocar ideias e sentimentos sobre inquietações comuns. Além de ser um local de encontro, próximo da população, é também um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento, relacionando-o à vida da comunidade, assim como toda informação disponível;
- c) um espaço de cultura que, além do prédio, dos equipamentos, dos visitantes compulsórios e da programação cultural, pode ser identificado pelo público espontâneo que em seu interior convive e troca informações. Não há ação cultural solitária, ela exige a relação com o outro. Por isso, o espaço cultural propicia a aproximação humana;
- d) um efetivo instrumento de ação cultural, onde as práticas de difusão informativa e cultural se incrementam, transformando a biblioteca num centro onde não apenas se tem acesso à produção cultural da humanidade, mas onde também se produz cultura (cultura de uso e não uma cultura de consumo), possibilitando a ampliação das informações e o campo de debates. Um ambiente dinâmico onde a cultura é essencialmente um modo de vida, e aonde é dada às pessoas a possibilidade de expressarem-se culturalmente.

Considerando tudo isso, infere-se que a ação cultural só foi possível, na Biblioteca Pública do Paraná, quando os indivíduos - sujeitos da ação - foram capazes de aceitar propostas de mudanças e transformações dentro de sua comunidade. A análise revelou que a ação cultural se expandiu. As atividades

transpuseram o espaço físico da Biblioteca, que se tornou um instrumento no processo de disseminação da informação.

No dia em que a Biblioteca Pública do Paraná deixou de ser vista como uma instituição passiva e se tornou efetivamente pública e comprometida com os interesses públicos, abriu-se o seu espaço para a participação popular.

A Biblioteca Pública do Paraná, assim como outras bibliotecas, é um elemento de sociabilidade, de construção de identidade, seja esta individual ou coletiva. Quando esta instituição percebe que a informação é um importante instrumento político de mudança e transformação social, e dispõe para seus usuários as ferramentas necessárias para sua apropriação, torna-se uma biblioteca-ação cultural, que, para Flusser (1982), é aquela que se articula em torno da invenção, da formulação e da criação. Ao estabelecer um trabalho integrado e de parceria, possibilitou dar a palavra ao não-público.

Muitas das colocações de Flusser, sobre como deve ser uma biblioteca que se pretende legítimo instrumento de ação cultural, são presenciadas na Biblioteca Pública do Paraná e confirmadas nos discursos pelos participantes da pesquisa.

Das atividades culturais analisadas surge a biblioteca pública-ação cultural.

O cinema, tão importante nas primeiras décadas, pode ali, nas sessões do Cineclubes Jorge de Souza, sobreviver. Não mais como uma das únicas formas de lazer para todos, mas como uma possibilidade de expressão artística para um grupo de pessoas que, juntas, desejam compartilhar emoções e ideias.

A Oficina Permanente de Poesia é um espaço de leitura compartilhada. Aquelas duas horas semanais permitem que as pessoas ali presentes parem para ouvir umas às outras. É por meio da palavra que o homem emerge para o mundo e se torna capaz de estabelecer relações plenas de sentido, consigo mesmo e com os outros homens com os quais se relaciona.

Emergem dessas ações a cultura viva, produzida e vivida pelo indivíduo em grupo.

Esta dissertação revelou a Biblioteca Pública do Paraná como instrumento de ação cultural, alicerçada nos princípios traçados pelo Manifesto da UNESCO. A biblioteca pública, antes considerada uma instituição fechada, passa a se envolver e ser envolvida ativamente com grupos da comunidade, que se

apropriam deste espaço informacional público, passando a frequentá-lo e entendê-lo como seu.

No que tange à avaliação das atividades culturais nos espaços públicos, como coloca Milanesi (2003), deverá ser efetuada a partir da população a que servem.

Em um espaço cultural como a Biblioteca Pública do Paraná, onde tudo pode parecer indefinido e impreciso, devido à heterogeneidade de público que por ali circula, a avaliação pode ser feita pela participação contínua e criativa de um grupo de pessoas que, antes, fazendo parte de um dos segmentos da população que não a utilizavam, passaram a ver nela um espaço polivalente, onde se encontram as possibilidades de pensar e de se expressar com liberdade. Local para conhecer/pensar/criar um novo conhecimento.

O grande trunfo para a Biblioteca foi que essas atividades criaram demanda informacional. Porque atender à demanda é fácil, não ultrapassa as condições dos serviços ofertados. O público adulto, que buscava a Biblioteca compulsoriamente, como uma tarefa e não como uma necessidade pessoal, passou a utilizá-la para obter conhecimento e criar novos.

O Cineclube Jorge de Souza e a Oficina Permanente de Poesia se constituem em práticas culturais contínuas, que reúnem pessoas em torno de ideias e objetivos comuns, trabalham com a informação, a descoberta e a criação de conhecimentos.

Esses grupos são formados por pessoas que pensam e sabem o que importa para si e para o meio onde vivem, não são apenas processadores de informações, mas pensadores ativos que estão frente a situações reais de interação social. Alteram e criam opiniões, ultrapassam os próprios limites e rompem com o aparentemente inquestionável.

A base dessas atividades culturais é um investimento a longo prazo, que envolve a percepção de uma biblioteca pública mais participativa, mais próxima da comunidade e mais ciente de sua importância para a construção de uma cidadania plena.

Por meio de ações culturais como essas, novos sentidos para a informação e novas práticas foram incorporadas no âmbito da Biblioteca Pública do Paraná, ao mesmo tempo em que a ajudaram a sair de seu espaço e transpor limites.

Ressalte-se, no entanto, que esta valorização da instituição não significa seu endeusamento. O que conta é o indivíduo, em si e no coletivo que o envolve. São esses grupos de pessoas que participam dos encontros em torno do cinema e da poesia, mediadas pelo profissional da informação e pelos coordenadores – o indivíduo e o coletivo – que fazem as ações e as práticas culturais acontecerem, não a instituição. As instituições são apenas instrumentos a serviço dos usuários, em sua forma individual e coletiva. Como a instituição é um instrumento, ela deve ser reconhecida e utilizada como tal. É assim que a biblioteca deixa de ser passiva e passa a ser um serviço ativo de informação - um efetivo instrumento de ação cultural.

Ações culturais não prometem fórmulas, mas o exercício libertador da interrogação. Não oferecem respostas prontas, mas geram novas e atordoantes perguntas. Não produzem soluções, mas provocam inquietações.

Acredita-se que, entre a mais tradicional forma de biblioteca e a biblioteca-ação cultural, emergente, libertadora e transformadora, cuja atuação extrapola seus limites físicos e o conteúdo de seu acervo organizado, não há ainda um caminho pronto e acabado a ser seguido. Há uma estrada em construção, um caminho ainda a ser desbravado pela Biblioteca Pública do Paraná e seus usuários, em um ciclo infinito de ideias e ações...

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edgar. **Introdução à metodologia de pesquisa social**. Lavras: UFLA, 2002.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca pública: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2003.

\_\_\_\_\_. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Eduel, 1997.

\_\_\_\_\_. Gestão, mediação e uso da informação. In: VALENTIM, Marta Ligia Pomim (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2010. p. 13-31.

\_\_\_\_\_. Informação pública: conceitos e espaços. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Atuação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2004a. p. 71-81.

\_\_\_\_\_. Mediação da informação. In: FADEL, Bárbara (Org.). **A informação nas organizações sociais: desafios em face de multiplicidade de enfoques**. Marília: FUNDEPE, 2004b.

\_\_\_\_\_. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, Jussara Pereira (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

\_\_\_\_\_. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, Marta Ligia Pomim (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da ciência da informação**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.

ALVETTI, Celina. Cinema do Paraná: elementos para uma história. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 3, 2005, Novo Hamburgo. **Anais...** Novo Hamburgo: Rede Alfredo de Carvalho, 2005.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Public Library Association**. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/pla/index.cfm>>. Acesso em: 23 mar. 2004.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. A mediação da leitura na biblioteca. In: BARROS, Maria Helena Toledo Costa de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006. p. 17-22.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BIBLIOTECA pública: administração, organização, serviços. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, O Departamento, 1995.

BIBLIOTECA pública: princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, O Departamento, 1995. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2000. 160 p.

BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE. **Curitiba**: 300 anos. Curitiba: Santa Mônica, 1993. v. 48.

CARVALHO, Giselle Maria Lozza; SAVAZZI, Wânia; NASSER, Patrícia Maria Meirelles. **O Cinema em Curitiba**: 1897 à 1912. Rio de Janeiro: Lidador, 1988. (Cadernos de Pesquisa, 4).

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

COELHO NETO, José Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Guerras culturais**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_. **Usos da cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

COSTA, Lauri da. **Leitura (in)fluente**. 2002. 176 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Arquitetura, Curso de Pós-graduação em Arquitetura, Porto Alegre.

CRISTO, Luciana; MIYAKAWA, Nívea. **24 quadros**: uma viagem pela Cinelândia Curitibana. Curitiba: Travessa dos Editores, 2010.

DA MATTA, Roberto. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, p. 1-4, 1981. Disponível em: <[http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos\\_mr.pdf](http://www.arq.ufsc.br/urbanismo5/artigos/artigos_mr.pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2011.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1996.

ELIOT, Thomas Stearns. **Selected Poems**. London: Clays, 1961.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **O poço da draga**: a favela e a biblioteca. São Paulo: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11, 1982, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, Associação Profissional dos Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. 2. p. 167-195.

\_\_\_\_\_. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 145-169, set. 1983.

\_\_\_\_\_. Uma biblioteca verdadeiramente pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980.

FONSECA, Edson Nery da. **A biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODÓI, Vera Lúcia et al. Pesquisa realizada por alunos do segundo ano do curso de Biblioteconomia da UFPR em comemoração aos 30 anos da sede atual da BPP. **Informações sobre a Biblioteca Pública do Paraná**. Curitiba, 1984.

GODOY, Arilda. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995, p. 57-63.

GOODE, William; HATT, Paul. **Métodos em pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**. 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port-br.htm>>. Acesso em: 08 dez. 2009.

\_\_\_\_\_. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**. 1976. Disponível em: <<http://www.ifla.org>>. Acesso em: 08 dez. 2009.

\_\_\_\_\_. **Os serviços da biblioteca pública: directrizes da IFLA/UNESCO**. Lisboa: Editorial Caminho: Associação Liberpólis, 2003. 149 p.

JEANSON, Francis. **L'action culturelle dans la cité**. Paris: Seuil, 1973.

KARAM, Elizabeth; STECZ, Solange. **Com Annibal Requião, nasce o cinema no Paraná**. Rio de Janeiro: MEC/EMBRAFILME/FUNARTE, 1980. (Cinema Brasileiro, 8., estudos).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1988.

LE COADIC, Yves-Françoise. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Romário. **Curitiba de outr'ora e de hoje**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1922.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção: biblioteca centro de cultura**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que é biblioteca**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MILLARCH, Aramis. **O Estado do Paraná**, Coluna Tablóide, Curitiba, 11 mar. 1988.

\_\_\_\_\_. **O Estado do Paraná**, Coluna Tablóide, Curitiba, 14 set. 1983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MOREIRA, Julio. **Biblioteca Pública do Paraná: bosquejo histórico**. Curitiba: BPP, 1957. s. n. p. Palestra proferida na oportunidade do primeiro centenário de sua fundação.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 10, n. 2, p. 189-206, 2005.

MÜELLER, Susana P. M. Bibliotecas e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar.1984.

NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. A realidade da biblioteca pública. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 205-12, set. 1983.

O DEZENOVE DE DEZEMBRO. Curitiba, n. 96, 5 mar. 1859. (edição fac similar).

OS CLÁSSICOS do cinema na biblioteca. **Curitiba Cultural**, Curitiba, 8 maio 2011. Disponível em: <<http://www.curitibacultura.com.br/noticias/os-classicos-do-cinema-na-biblioteca>>. Acesso em: 8 maio 2011.

PARANÁ. Resolução n.º 111, de 05 de dezembro de 1997. Regimento Interno da Biblioteca Pública do Paraná. **Diário Oficial do Paraná**, Curitiba, 1997.

PINHEIRO, Ricardo Queiroz. **Ação cultural e biblioteca pública: mitos e necessidades**. Portal Luis Nassif: construindo conhecimento, 23 dez. 2008. Disponível em: <<http://blogln.ning.com/forum/topics/acao-cultural-e-biblioteca>>. Acesso em: 8 maio 2010.

QUADROS, Lupion. **Reportagens retrospectivas**. Curitiba: Gráfica Paranaense, 1942.

REFERÊNCIAS sobre filmagens e exposições cinematográficas em Curitiba 1892 - 1907. **Boletim Informativo da Fundação Cultural de Curitiba**, Curitiba, a. 3, n. 19, Jun. 1976.

REVISTA DA PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CURITIBA. Curitiba, abr. 1938.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muskat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2001.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Ação cultural e biblioteca pública: algumas questões. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 16, 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação profissional dos bibliotecários do Estado da Bahia, 1991.

STRAUBE, Ernani Costa. **Biblioteca Pública do Paraná: sua história**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

TSUPAL, Rodolfo. Leitura e atividades culturais na biblioteca pública: aspectos teóricos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 149-165, 1987.

USHERWOOD, Bob. **A biblioteca pública como conhecimento público**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

VALLADARES, Lícia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, fev. 2007.

WADA, Madalena Sofia Mitiko. **Democratização da cultura nas bibliotecas infanto-juvenis**. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A**

Tópicos das Entrevistas

- Quem teve a ideia dessa atividade (cineclube Anníbal Requião e oficina da poesia)?
- Como e quando ela surgiu?
- Quem participava do Cine Clube no Morgenau? Quem participava da oficina na UTP?
- Como eram as exibições de filmes? Como eram estruturadas as aulas?
- Em quais dias da semana essas atividades aconteciam?
- Como surgiu a ideia de procurar a Biblioteca Pública do Paraná para sediar esta atividade?
- Como foi o começo na BPP?
- Quantos alunos havia inicialmente a atividade?
- Se alguns cinéfilos do cine clube foram para a BPP? Se alguns alunos da oficina da UTP foram para a BPP?
- Quem é a pessoa que está há mais tempo frequentando a atividade?
- Como as sessões de cinema e as aulas foram sendo estruturadas desde o início até chegar ao formato que têm hoje?
- Qual o papel do coordenador nessa atividade, como você se vê?
- O que representa o cine clube Jorge de Souza?
- O que representa a oficina permanente de poesia?
- O que mudou depois que você passou a frequentar esta atividade?
- Qual o papel da Biblioteca Pública do Paraná nesse contexto?
- Depois de frequentar o cine clube/oficina, como você passou a ver a biblioteca?
- Se o cine clube Jorge de Souza/oficina de poesia não acontecesse nesse espaço (BPP), seria a mesma coisa para você?
- O que o cinema/a poesia representa na sua vida?

## **APÊNDICE B**

### **Roteiro da Observação Participante**

- Qual a data da atividade?
- Qual o local em que a atividade foi executada?)
- Qual o horário em que a atividade foi executada?
- Qual o tempo de duração da atividade?
- Qual o número de participantes?
- Quantas pessoas participaram da execução da atividade?
- Quais os materiais utilizados para a execução do projeto?
- Qual o nome do filme/poesia/aula/palestrante e autor escolhido?
- O filme/aula de poesia/poema era longo ou curto?
- Havia muitos personagens/autores/declamadores?
- Como era feita a apresentação dos personagens/autores/declamadores pelo coordenador?
- O ambiente estava adequado?
- Havia um cenário no ambiente onde foi executada a atividade?
- Como os usuários foram acomodados no ambiente da atividade?
- Qual a faixa etária das pessoas que participaram da atividade?
- Qual o desempenho do coordenador da atividade?
- Qual foi a receptividade das pessoas em relação ao tema do filme/aula de poesia selecionada?
- Depois da exibição do filme/ aula teórica de poesia houve algum tipo de atividade relacionada a ela?
- Depois da atividade houve interesse em retirar o(s) livro(s) em que a temática foi baseada?

## **APÊNDICE C**

### Tópicos dos Depoimentos

- O que representa o cine clube Jorge de Souza? o que representa a oficina permanente de poesia?
- O que mudou depois que você passou a frequentar esta atividade?
- Qual o papel da Biblioteca Pública do Paraná nesse contexto?
- Depois de frequentar o cine clube/oficina, você passou a ver a biblioteca de forma diferente?
- Se o cine clube Jorge de Souza/oficina de poesia não acontecesse nesse espaço (BPP), seria a mesma coisa para você?
- O que o cinema/a poesia representa na sua vida?

**ANEXO**

## ANEXO A

### Organograma

